



**FRANCISCA PEREIRA DOS SANTOS**

**ROMARIA DOS VERSOS  
MULHERES AUTORAS NA RESSIGNIFICAÇÃO DO  
CORDEL**

**Mestrado em Sociologia**

Dissertação apresentada ao programa de pós graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará- UFC, como exigência parcial, para obtenção do título de mestre em Sociologia sob orientação da professora Dra. Irlés Alencar Firmo Barreira.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ - UFC  
UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI - URCA**

**Fortaleza  
2002**

**ROMARIA DOS VERSOS  
MULHERES AUTORAS NA RESSIGNIFICAÇÃO DO  
CORDEL**

Mestrado em Sociologia

**FRANCISCA PEREIRA DOS SANTOS**

DISSERTAÇÃO APROVADA EM \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Dra. Irlés Alencar Firmo Barreira

\_\_\_\_\_  
Dr. César Barreira

x \_\_\_\_\_  
Dra. Cláudia Sousa Leitão

## ÍNDICE

<b>Agradecimentos</b>		<b>iv</b>
<b>Resumo</b>		<b>v</b>
<b>Abstract</b>		<b>vi</b>
<b>Introdução</b>		<b>08</b>
<b>Capítulo I</b>	<b>Ressignificação do Cordel: Uma Narrativa Poética</b>	<b>16</b>
	1.1 O Vôo da Fênix	22
	1.1.1 Políticas culturais	25
	1.1.2 Participação de pesquisadores e intelectuais na resignificação do cordel	29
	1.1.3 Formação de grupos de cordelistas	32
	1.1.4 Novos autores, leitores, temas, conteúdos e linguagens no cordel	35
	1.2 A presença feminina tecendo a renovação do cordel	41
<b>Capítulo II</b>	<b>Mote Vivo na Pena do Poeta</b>	<b>50</b>
	2.1 Romaria dos Versos	53
<b>Capítulo III</b>	<b>Mulheres Autoras na Resignificação do Cordel</b>	<b>64</b>
	3.1 “Eis um Cariri Mulher ”	69
	3.2 Sebastiana Gomes de Almeida Job	82
	3.2.1 Humor, malícia e deboche: um passeio em seu estilo	83
	3.2.2 Água da mesma onda	89
	3.3 Salete Maria da Silva	96
	3.3.1 Questão de gênero -um mote poético	100
<b>Capítulo IV</b>	<b>A Peleja entre os Mauditos e os Benditos</b>	<b>109</b>
	4.1. Academia dos Cordelistas do Crato	111
	4.1.1 “Volta, Volta Cordelista	115
	4.2 Sociedade dos Cordelistas Mauditos	124
	4.2.1 “Sou poetisa Maudita	131
	4.3. Diferença e di(verso) no contexto do cordel no Cariri	132
<b>Conclusões</b>		<b>141</b>
<b>Bibliografia</b>		<b>144</b>
<b>Anexo</b>		<b>156</b>

## AGRADECIMENTOS

Graças à colaboração de várias pessoas este trabalho foi possível, restando a estes meus sinceros agradecimentos:

À minha orientadora Irllys Barreira que com paciência e estímulo norteou-me pelas trilhas desta pesquisa.

À minha mãe que me cobriu de cuidados em todo este período. As minhas irmãs, Adriana, Eunice e Eurides.

Com especial carinho a Fábio José Rodrigues.

À Sociedade dos Cordelistas Mauditos, meus caros amigos de poesia, debates e muitas alegrias.

À Academia dos Cordelistas do Crato, sobretudo, Josenir Lacerda e Willian Brito.

Em especial a Sebastiana Gomes (Bastinha) e Salete Maria pelas horas de entrevistas, telefonemas inesperados, visitas súbitas e todo empenho que tiveram em passar as informações necessárias.

Ao novo amigo que encontrei neste caminho, José Erivan Bezerra, que gentilmente debateu comigo questões referentes a este assunto, trocou idéias, cordéis, fotos...

À Gilmar de Carvalho, grande pesquisador e co-responsável pela divulgação e incentivo da nova safra de cordelistas que surge no Juazeiro do Norte.

À direção do SESC Ceará que compreendeu a importância desta pesquisa e me liberou do trabalho sempre que necessário.

À professora Ria Lemaire, da Universidade de Poitiers que acreditou neste trabalho.

Renata Marinho Paz, pelo incentivo constante desde a época da graduação.

Às amigas Dane de Jade e Telma Mendes e Paulo Damasceno. Aos amigos do curso de mestrado

À todas as mulheres poetas de cordel de Crato e Juazeiro do Norte.

Aos poetas Abraão e Hamurabi Batista iniciais incentivadores no meu caminho pelo cordel.

Aos amigos que deram força e contribuíram cedendo bibliografia: José Lourenço, Fábio José, Claudia Rejanne, Fernandes Nogueira, Regilene Stéfani,(que talhou a xilo para este trabalho), Núbia, Alexandra Barbosa da Silva, Áurea Maria, Vaninha, às professoras Simone Simões, Glória Diógenes e Auxiliadora Lemenhe, ao pesquisador Joseph Luyten, e a professora Claudia Leitão que com grande simpatia aceitou fazer parte da banca de defesa.

## RESUMO

Este trabalho teve como objetivo analisar a presença feminina no cordel, a partir do conceito de resignificação, tendo o Crato e Juazeiro do Norte como campo empírico que lhe confere sentido e significado. Para tanto, foi visto como se inicia em 1970, um importante movimento de valorização da chamada cultura popular, onde o cordel ganhou novos sentidos. Neste processo de valorização do “popular” formou-se um campo cultural que fomentou uma nova produção, difusão e consumo desta poética, paralelamente, interrelacionado a um campo empírico, cuja materialização encontra na região do Cariri, Ceará, especificamente nas cidades citadas, um espaço singular de produção dessa poesia. Nesta pesquisa as mulheres autoras de cordel foram elementos destacados no processo de retomada dessa literatura na atualidade, onde, a partir de suas temáticas, conteúdos e diferentes linguagens, reascendem uma nova narrativa neste gênero literário. Na oportunidade foram registradas 24 mulheres autoras de cordel, no qual foram destacadas as poetisas Sebastiana Gomes de Almeida Job (Bastinha) e Salete Maria da Silva, ambas, respectivamente das cidades citadas e participantes dos grupos aqui também analisados, Academia dos Cordelistas do Crato e Sociedade dos Cordelistas Mauditos. Esta pesquisa teve como referencial teórico a idéia de campo empreendida pelo sociólogo Pierre Bourdieu e a noção de resignificação, amparada no pesquisador Gilmar de Carvalho, tendo finalmente, como suporte para discutir questões como autenticidade e tradição no cordel a recorrência a Nestor Canclini.

## ABSTRACT

This work has as its aim evaluating the feminine presence in the “cordel” from the concept of re-signification, indicating Crato and Juazeiro do Norte as the empirical supporting empirical field. For this, an important movement was evaluated, as it begins in 1970, related to the so-called popular culture, where the “cordel” was given new meanings. In this valorization process of the “popular”, a new cultural field was shaped and this field fomented a new production, divulging and consumption of this kind of poetry which at the same time was related to an empirical field whose materialization is found in the Cariri region, Ceará, specifically in the afore-mentioned cities, a unique place for the production of this poetry. It was found in this research that women, authors of “cordel”, had a special role in the picking up again of this kind literature in present days where, starting from its theme, content and different means of expression, a new narration arises. At the time 24 women, authors of “cordel”, were recorded among which Sebastiana Gomes de Almeida (Bastinha) and Salete Maria da Silva stand out, both from the afore-mentioned cities and members of the groups here reviewed – Academia dos Cordelistas do Crato and Sociedade dos Cordelistas Mauditos. This research had as its theoretical reference the field idea as developed by the sociologist Pierre Bourdieu and the re-signification notion, as supported by the researcher Gilmar de Carvalho, and having at last, as support for discussing question as authenticity and tradition in the “cordel” the help of nestor de carvalho.

## INTRODUÇÃO

Os primeiros contatos que tive com a literatura de cordel, como pesquisadora, se deu na graduação do curso de Letras. Na época desenvolvi como bolsista do PIBIC-CNPq, um projeto de pesquisa intitulado “aprendendo com a cultura popular”, cujo olhar voltava-se para fins do século XIX, quando se inicia uma tensão religiosa entre a ortodoxia católica e o chamado catolicismo popular, liderado pelo Padre Cícero em Juazeiro do Norte. A pesquisa tinha como fonte de objeto a literatura de cordel produzida sobre este tema.

Desse contato, onde manuseei um importante acervo dessa narrativa, vi que frente à teia de textos tecidos por essa literatura havia uma quase ausência de cordéis escritos por mulheres. Durante a pesquisa encontrei poucas referências citando a poesia feminina no cordel: o “Dicionário Bio-Bibliográfico dos Repentistas e poetas de bancada”<sup>1</sup>, de Átila Almeida, “Classificação popular da literatura de cordel”<sup>2</sup> de Liêdo M. de Souza, e o livro “Uma Voz Feminina no mundo do Folheto”, de Maristela Barbosa de Mendonça. Apesar de poucas cordelistas neste rol de bibliografias, verificava na região do Cariri, especificamente nas cidades de Juazeiro do Norte e Crato, uma presença (pouco divulgada) cada vez mais constante de autoras, todas com destaque neste cenário artístico.

Por ser mulher e cordelista o interesse por esse tema foi crescendo, aliando-se ao fato de estar trabalhando com alguns projetos dessa natureza, (a exemplo do *SESCordel Novos Talentos* no SESC Juazeiro do Norte) e ser membro da “Sociedade dos Cordelistas Mauditos”, grupo de poetas de cordel de Juazeiro do Norte, do qual participo desde sua origem.

Estes elementos nortearam significativamente a opção pelo estudo da presença da mulher autora de cordéis nas cidades citadas, de 1990 a 2001. A questão, agora, era identificar quem são estas mulheres, que temáticas apresentam, em que grupos estão inseridos, e o que as levou a produzir este tipo de narrativa. Estas foram, portanto, indagações que nortearam inicialmente a minha curiosidade sobre o tema.

---

<sup>1</sup> Nesta obra são citadas como “poetisa popular” as seguintes mulheres: Corina Torres de Andrade, Josefa Maria dos Anjos, Xica Barrosa, Maria José de Oliveira, Marinê A. da Silva, Clotilde Santa Tavares, Maria do Carmo Cristovam, Zaíra Dantas da Silva, Alayde Lima, Santinha Maurício e Altino Alagoano (pseudônimo de Maria Pimentel); e como cantadoras: Anita Lopes de Almeida, Zefinha Anselmo (Josefa Anselmo de Souza), Maria Benta de Araújo, Naninha Gorda do Brejo, Anita Catota, Zefinha do Chambocão, Iracema Gomes, Maria Lindalva Gomes, Camila do Martinzão, Rita Medeiros, Maria das Dores Pereira, Santinha, Maria Alenxandrina Silva (Mocinha da Pasira), Amélia Siriaco, Otilia Soares de Carvalho, Maria Tebana, Terezinha Tietre.

<sup>2</sup> Encontra-se citado na página 62 “O ABC da Umbanda”, de Vicência Macedo Maia”.

Ao passo que adentrava neste universo instigante, fui percebendo que a presença mais evidente das mulheres no cordel não ocorria de forma aleatória, pois estava fortemente vinculada a processos mais amplos, locais e nacionais. Tais processos, vistos a partir do entendimento de que o contexto cultural não é estanque, mas dinâmico e plural, possibilitou, por exemplo, visualizar que desde 1970, germinava, contraditoriamente, uma importante retomada do cordel, onde emergia novos autores, inclusive apresentando outros enfoques neste campo poético. Neste sentido, a própria realidade possibilitou a definição do objeto da pesquisa, aqui assumindo o seguinte enunciado: a ressignificação que vem passando essa literatura e o papel desempenhado pelas mulheres autoras neste processo no interior do movimento cultural no Cariri.

A denominação de ressignificação foi construída tendo em vista, segundo Gilmar de Carvalho, de que há a partir da década de 1980 um “ressurgimento” na literatura de cordel, concomitantemente com a xilogravura (2001, p. 29). Embora o termo aqui utilizado, não seja por este pesquisador mencionado, a sua interpretação de que há uma permanência e “uma atualização constante” (Revista Cult, 2002, p. 48), desta poética, foram elementos importantes para fundamentar o conceito aqui utilizado como categoria central denominada de ressignificação. A apropriação de “novas linguagens e tecnologias” (*idem, ibidem*), nessa narrativa, o advento de diferentes autores, leitores e conteúdos, são portanto, parte importante de novos sentidos que esta poética apresenta, entre estes a participação feminina, elemento caracterizador dessa ressignificação.

Para melhor compreender os processos que dão suporte a este ressurgimento do cordel, parti no campo da metodologia da pesquisa do conceito de campo empreendida por Pierre Bourdieu. Para este autor o “campo é uma rede de relações objetivas (de dominação ou de subordinação, de complementariedade ou de antagonismo etc) entre posições” (1996, p. 261). Estas posições são definidas pela sua relação “com outras posições ou, em outros termos, pelo sistema das propriedades pertinentes, isto é, eficientes, que permitem situá-la com relação a todos as outras na estrutura da distribuição global das propriedades” (*idem, ibidem*). Neste sentido é que foi relacionado neste trabalho tanto um campo cultural como, empírico.

Assim, observei, à luz da verificação das políticas culturais, privadas e públicas, da participação crescente de pesquisadores e/ou intelectuais, da formação de grupos de poetas e da conseqüente emergência de novos autores, leitores, temas, conteúdos e linguagens, enquanto categorias analíticas, que houve uma dinamização do cordel levando-o a sua retomada e ressignificação. Os novos sentidos que foram dados ao cordel na produção,

difusão e consumo, observados na configuração deste campo cultural, possibilitou que houvesse a partir de 1970, não só uma maior valorização da chamada cultura popular como sua redefinição na atualidade. Tais elementos concernentes ao campo em questão impulsionaram uma nova expressão dessa narrativa, onde emergia, novos autores, entre estes uma singular presença: as mulheres como autoras desta poesia.

No campo empírico, destacou-se o fato de que, no Cariri, a produção de cordéis sempre teve um papel relevante. Desde as primeiras décadas do século XX essa literatura é produzida na cidade de Juazeiro do Norte, inclusive tendo como elemento impulsionador a tipografia São Francisco, do editor José Bernardo da Silva, responsável por uma das maiores tiragens do cordel nordestino. O cordel, portanto, está presente na história dessa região, refletindo nesta lógica, talvez, o rol poético feminino em cordel encontrado na atualidade.

Neste sentido, o crescente número de autoras dessa poesia nas cidades de Crato e Juazeiro do Norte, não se separa da existência desse movimento cultural caririense. O cordel está no repertório que compõe a memória da maioria das mulheres analisadas nesta dissertação. Essa produção atual tem a ver com um processo de continuidade. De suas raízes brotam os frutos dessa contínua inspiração. Sua permanência não é pura repetição, inclusive, motivando a existência de grupos como a Academia dos Cordelistas do Crato e a Sociedade dos Cordelistas Mauditos, respectivamente nas cidades citadas.

Em razão desta nova releitura no campo do cordel na atualidade, foi preciso sair de um debate tantas vezes posto no campo dessa literatura, qual seja, o de autenticidade. Neste sentido a recorrência a Nestor Canclini em “culturas híbridas”<sup>3</sup> foi extremamente importante para tentar investigar, neste caso, não o cordel dito tradicional ou moderno, mas as formas atuais de se fazer essa poética e neste sentido, o papel desempenhado pelas mulheres autoras neste processo.

Apesar de terem sido encontradas 24 mulheres em Juazeiro do Norte e Crato, em plena produção, e coletados 110 cordéis<sup>4</sup> optei por trabalhar nesta dissertação, a obra de Sebastiana Gomes de Almeida Job (Bastinha) e Salete Maria da Silva, escolhidas não só pelo número de obras publicadas, como também por suas ações desenvolvidas em torno do cordel na região. A primeira faz parte da Academia dos Cordelistas do Crato e a segunda, da

---

<sup>3</sup> Essa obra procura situar as contradições geradas pela modernidade e os “cruzamentos sócio-culturais em que o tradicional e o moderno se misturam” (Canclini, 2000, p. 18) abrindo caminhos para compreender as formas atuais em que a cultura se movimenta e se relaciona com as estratégias diversas onde o culto, o popular e o massivo se imbricam e aponta incertezas no interior da própria modernidade.

<sup>4</sup> catalogados das seguintes autoras: Sebastiana de Almeida, Salete Maria, Josenir Lacerda, Mundinha Torquato, Maria Rivaneide, Edianne Nobre, Emanuelle Alencar, Camila Alenquer, Sílvia Matos, Madalena de Souza, Luiza Campos, Maria Rosimar, Maria dos Santos, Fridna Moreira, Maria Rosário, Fanka, Anilda Figueiredo, Regilene Stéfanni, Esmeralda Batista, Ana Denise, Iris Tavares, Erika Menezes e Josefá da Costa.

Sociedade dos Cordelistas Mauditos. Apesar disto, considero, imprescindível registrar todo o acervo poético encontrado durante este trabalho, a fim de demonstrar, não só a crescente produção feminina no Cariri, como disponibilizar para futuras pesquisas todo material encontrado sobre o tema aqui exposto.

A opção feita pelas poetas, Sebastiana Gomes de Almeida Job e Salete Maria da Silva, não foi aleatória. Bastinha tem vasto acervo cordelístico, somando 33 títulos publicados. Graduada em letras pela Universidade Regional do Cariri, com especialização em Literatura Brasileira, Redação e Língua Portuguesa, a poeta hoje, apesar da função de professora aposentada, continua desenvolvendo várias atividades no campo do cordel. Como educadora, foi proponente da cadeira de Cultura Popular do Curso de Letras da URCA, onde lecionou a disciplina de Cultura Popular, e foi co-fundadora do Núcleo de Documentação e Pesquisa em Língua e Literatura Popular – Behetçoho. Além disso, a poeta reúne, uma vasta produção de sonetos e poesias livres, expressando sua versatilidade e estilo.

Suas ações nesse campo, vão se consolidar não só pelas suas publicações, mas sobretudo, com a sua entrada para a Academia dos Cordelistas do Crato que se dá em 1990, quando recebe o convite do poeta Elói Teles, para participar daquela agremiação. A partir desse momento, registra-se a institucionalização da literatura de cordel feminina nesta região.

Bastinha apresenta uma obra híbrida, ao mesmo tempo em que permanece com a “tradição”, chega em alguns momentos a romper com esta. Sua narrativa está mais próxima da oralidade, uma vez que tem como fonte primordial os aspectos jocosos da cultura cariense, o reforço de provérbios e ditos populares. O tempero para tear sua lira é a malícia sutil, o humor, a crítica política e a ambivalência que nos seus textos vão revelando seu estilo poético.

Neste universo feminino no cordel, Salete Maria da Silva, é responsável pela produção dessa poesia em Juazeiro do Norte por uma linha de elaboração que a diferencia, não só de Sebastiana Gomes de Almeida Job, como de todas as demais. Tendo como mote principal o tema dos direitos humanos, a emancipação política das mulheres e dos homossexuais, sua obra instiga uma discussão, a partir do cordel, para abordar diferenças de gênero e a violência de que são vítimas as chamadas “minorias” sociais.

Como advogada, participou da primeira Comissão dos Direitos Humanos da Ordem dos Advogados do Brasil - OAB em Juazeiro do Norte. Foi candidata a cargos eletivos em dois pleitos: 1996 a vereadora, e nas eleições de 2001, a prefeita. Como cordelista, participa freqüentemente de debates e lançamentos de cordéis, é professora de Direito Constitucional da Universidade Regional do Cariri – URCA, além de intervir assiduamente no seu cotidiano

como militante política pelas reivindicações feministas, entre elas, a defesa da delegacia de mulheres.

Tanto Bastinha como Salete, realizam, portanto, importantes intervenções literárias na produção e manutenção do cordel no Cariri. Com perspectivas claramente diferentes, participam regularmente dos grupos organizados de cordelistas, conotando, dessa forma, não só a presença feminina na disseminação do cordel, como também, sendo peças fundamentais no processo da ressignificação deste.

Importa registrar que as diferenças entre as duas cordelistas supra citadas são mais de caráter político-ideológico do que de origem, posto que ambas têm ascendência sertaneja, inobstante nascidas em épocas diferentes, uma e outra tomaram gosto pelo cordel vivenciando-os com seus pais e avós, ou em seu campo cultural. Salete nasceu em 1970. Bastinha em 1945. Esse dado é relevante para comparação também de memórias diferentes entre ambas. Enquanto Bastinha ressignifica o cordel a partir da valorização de sua cultura local, Salete Maria apresenta uma obra cujo significado maior é postura feminista e onde se insere uma redefinição de valores sociais da cultura dita popular.

Estas poetisas, localizadas na cidade de Juazeiro do Norte e Crato, ressignificam o cordel, seja a partir de uma perspectiva mais próxima da tradição e dos costumes e hábitos de sua cultura local, como folclore, trancoso, religioso etc, ou introduzindo novos conteúdos nesta narrativa.

Vale salientar, no entanto, que muitos foram os obstáculos que encontrei no percurso do caminho para realizar este trabalho. A primeira problemática apareceu em forma de pergunta: como sair da condição de autora para a situação de observadora? Como olhar neste ângulo caleidoscópico em que a condição de mulher e cordelista me é peculiar, ao mesmo tempo em que sou membro efetivo da Sociedade dos Cordelista Mauditos, grupo que vem contribuindo para a ampliação do cordel no Cariri? Esta dúvida cruzou a ponte para o exótico, quando descobri, através de Roberto da Matta que é necessário o estranhamento do meu objeto familiar, pois que, se “suponho que conheço tudo o que está em minha volta, eu apenas assumo a atitude do senso comum” (2000, p.161). Esse estranhamento do meu objeto, no entanto, não significou, afastar-me dele para obter uma possível imagem “neutra”; ao revés, aproximou-me cada vez mais dele, participando de tudo que havia ao seu redor, procurando, entretanto, não contaminar-me pelo “senso comum”.

No entanto, alguns impressionismos foram detectados no início deste trabalho. Até relativizar o meu tema, percebi como diria o poeta Drummond, que “no meio do caminho tinha uma pedra”. Embriagada pelo relevante acervo feminino publicado em cordel na região,

e dada a paixão emocionada pela pesquisa, comecei a heroificar parte do meu objeto em análise. Acreditei, entusiasmada, que as obras destas mulheres, por si só, traziam frente ao tear masculino da lira versejada, uma inevitável emancipação das mesmas. Caí como Sísifo, até perceber que o aparecimento da escrita da mulher no cordel em minha região, não se processa(va) de forma revolucionária ou rupturista, como pensava. Compelida a ir em frente, pensei como o poeta: “quantas vezes a gente, em busca da ventura/procede tal qual o avozinho infeliz: em vão, por toda parte, os óculos procuram/ tendo-os na ponta do nariz!”.<sup>5</sup> E assim fui, desafiando o limite exposto, tentando encontrar neste percurso o que poderia está, possivelmente, “na ponta do nariz”.

Ao passo que entrevistava cada poeta verificava que, na maioria destas, sua influência primeira estava marcada pela presença do poeta homem, a quem esta, geralmente se apegava tendo-o como referência maior. E não só nas entrevistas deparei-me com tal fato. Na contracapa do cordel de Josenir Lacerda, por exemplo, “As Danações de Julita”, encontra-se escrito que a autora “tem profundo respeito e admiração pelos mestres: Patativa do Assaré, José Esmeraldo e Elói Teles”. E mais, “eu acho que Patativa é o maior influenciador da minha poesia” diz Bastinha; ou, “eu tenho uma admiração muito grande por Patativa (...) aquele programa de Seu Elói (...) aquela beleza da música de Luiz Gonzaga”, diz Maria Rosimar.

O percurso de ir e vir na pesquisa nos mostra que, de fato, a realidade é uma bomba nos desejos idílicos do pesquisador desavisado. Toda pesquisa tem seu canto de sereia, e para não cair no seu encantamento é necessário muitas vezes refazer o caminho de volta (como em Sísifo). Refazendo este caminho observei outra questão: que os cordéis não eram porta-vozes de uma crítica à condição de mulher, gênero oprimido pela sociedade patriarcal, como imaginava, embora, o acervo da poeta Salete Maria da Silva, membro da Sociedade dos Cordelistas Mauditos, ostente essa bandeira.

Dessas dificuldades somadas, quais sejam: heroificação da mulher e a possibilidade de emancipação social das mesmas em função do espaço conquistado com suas publicações, pensar que o corpus em crescente catalogação de cordéis femininos tinha uma unidade, foi outro entrave encontrado neste trabalho. Ao passo que compreendia as diferenças de resgates efetuadas pelos grupos em suas estratégias de reconhecimento, desmontava essa unidade aparente. O surgimento das cordelistas não se entende sem compreender os diferentes lugares (grupos, posturas etc) onde essa produção feminina aparece e apresenta seus sentidos simbólicos. Neste sentido é que a idéia de campo defendida por Pierre Bourdieu foi útil para

<sup>5</sup> Poema de Mário Quintana “Da Felicidade”

analisar, não somente as transformações ocorridas no contexto do cordel, como, posições ali presentes veiculadas aos grupos locais onde participam, também, as mulheres. Neste processo é que as questões de conquista de espaços, de produção, conteúdo e reconhecimentos, são elementos fundamentais para compreensão da aparição feminina no cordel nesta região.

As competições, no campo do cordel, não se restringem somente às relações entre homens e mulheres cordelistas. No próprio meio feminino, já que estas são diferentes, social, política, econômica e intelectualmente, ocorre importantes e diferenciadas defesas de valores morais, códigos literários... Não há uma linearidade neste universo narrativo. Pelo contrário, os elementos que entrecruzam e dinamizam o cordel, não são caracterizados por uma reta horizontal, sem fragmentações. Segundo Bourdieu, “o espaço das obras apresenta-se a cada momento como um campo de tomada de posição que só podem ser compreendidas relacionalmente, enquanto sistema de variações diferenciais” (1996, p. 234). Neste sentido, não se pode pensar as mulheres como um conjunto homogêneo. O universo de sua produção também é relacional, mediado por estes espaços, do conflito. Ao passo, por exemplo, que outras poetisas caririenses tais como, Iris Tavares, Josenir etc versejam em linguagem dita matuta, tem-se por outro lado, Regilene Stéfanni, Edianne Nobre, Salete Maria, entre outras, utilizando-se do cordel numa poética mais urbana, repleta de intertextualidades, enfim, apresentando a diversidade no campo do cordel.

Para realização desta dissertação foram feitas várias entrevistas<sup>6</sup> tendo a compreensão que estas não são “simplesmente um trabalho de coleta de dados, mas sempre uma situação de interação na qual as informações dadas pelos sujeitos podem ser profundamente afetadas pela natureza de suas relações com o entrevistador” (Minayo, 1996, p. 114). Nesta rota procurei situar minhas questões a não permitir respostas que pudessem ser aquelas que gostaria de ouvir. Assim, optei por entrevistas longas no intuito de permitir ao entrevistado, primeiro, um maior relato de suas experiências, como também, possibilitar um melhor conhecimento das obras a partir das próprias autoras. Essa metodologia e técnica de coleta de dados permitiram extrair das poetisas aquilo que não está escrito em seus cordéis, ou seja, as razões das escolhas de temas e das referidas abordagens.

A pesquisa também incorporou a noção de trajetória segundo a acepção de Pierre Bourdieu. Para este “só se pode compreender uma trajetória com a condição de haver previamente construído os estados sucessivos do campo no qual ela se desenvolveu,” (Silva, 1997 p. 73 apud Bourdieu) quer dizer, “o conjunto das relações objetivas que uniram os

---

<sup>6</sup> Para este trabalho foram feitas entrevistas com 19 mulheres das 24 catalogadas

agentes considerados - ao menos em um certo número de estados pertinentes - ao conjunto dos outros agentes engajados num mesmo campo e confrontados no mesmo espaço de possíveis” (*idem, ibidem*).

Foram adotadas neste trabalho a pesquisa bibliográfica e a pesquisa de campo. A pesquisa bibliográfica abrangeu obras que trabalham os conceitos de literatura, cultura, cordel e gênero. Esta por sua vez, teve como fontes cordéis, jornais locais, regionais e nacionais, revistas etc. Para tanto, foram úteis os acervos constantes das bibliotecas da Academia dos Cordelistas do Crato, Sociedade dos Cordelistas Mauditos, bem como de instituições como Memorial Padre Cícero, SESC – Serviço Social do Comércio, e sobretudo, acervos pessoais. A pesquisa de campo se deu com a coleta de dados e entrevistas.

Este trabalho apresenta-se dividido em quatro capítulos. No primeiro trato brevemente das origens do cordel, sua ressignificação a partir de 1970 e os principais elementos que compõem o campo cultural que ressignifica essa literatura. No segundo capítulo, os desdobramentos do campo empírico, vistos a partir do movimento cultural do Cariri. No segundo capítulo, exemplifico através da presença das mulheres autoras de cordel, como estas ressignificam esta narrativa e destaco, Sebastiana de Almeida Job e Salete Maria da Silva, suas obras e um pouco de suas trajetórias de vida. O quarto e últimos capítulos ficaram reservados às instituições no campo em questão, tendo a Academia dos Cordelistas do Crato e a Sociedade dos Cordelistas Mauditos, como grupos existentes que demarcam o ressurgimento desta poética traçando seus conflitos e opiniões para a difusão dessa poesia na atualidade.

Assim, portanto, cheguei ao “fim” deste trabalho, com a crença de que, exatamente aqui, ao término desta pesquisa, iniciou-se seu começo. Desde o primeiro contato ao último, fiz, refiz, desfiz, dezenas de páginas, escritos noturnos e diários, montanhas de letras aleatórias que brincavam de se esconder dos significados. No começo, acreditei ter dado saltos enormes de qualidade, mas não tinha sequer saído do primeiro passo: foi quando, sob a orientação dada, dei meu segundo pulo, e mesmo caindo no desconhecido, conheci a surpreendente condição de sujeito-objeto da pesquisa. Um verdadeiro conflito, posto que, sem bolsa, e pouco dinheiro, e trabalhando 8 horas diárias no SESC Juazeiro, insisti nesse importante estudo, que considero, porém, merecedor de um futuro aprofundamento.

## CAPÍTULO I

### 1. RESSIGNIFICAÇÃO DO CORDEL: UMA NARRATIVA POÉTICA

A literatura brasileira tem no cordel uma de suas mais expressivas formas de narrativa poética, enquanto comunicação cultural dos atores sociais do Nordeste. Revelando-se por seu intenso fazer artístico<sup>7</sup>, o cordel é um veio de arte<sup>8</sup> recriador do real consolidando ideologias e mitos de múltiplas representações sociais.

O cordel foi, para muitos, fomentador da leitura e lazer de parte de uma gente que não tinha sob seus olhos, do início do século XX até seus meados, a imagem da televisão, tampouco, acesso à educação formal. Segundo a Antologia da Literatura de Cordel escrita em 1978, “a população, composta na sua esmagadora maioria de analfabetos, desconhecia, praticamente, formas escritas de comunicação<sup>9</sup> e raros eram os 'manuscritos' de estórias ou romances circulantes nesse meio.” De acordo com Canclini numa referência a Renato Ortiz: “como os escritores e artistas podiam ter um público específico se em 1890 havia 84% de analfabetos, 75% em 1920, e, ainda em 1940, 57% ?” (2000, p. 68). Embora a realidade brasileira revele uma sociedade composta por sujeitos sociais excluídos do acesso aos códigos da escrita e da leitura, principalmente a mulher nordestina, o cordel ao longo dos anos tem se mantido enquanto uma linguagem poética que sobrevive pela oralidade e por inúmeras publicações feitas por estes sujeitos sociais os quais, em sua grande maioria, não foram escolarizados.

No caso do cordel, no entanto, pode-se falar de um público vasto porque, apesar dessa literatura ter “como base o texto impresso, o sistema discursivo do cordel se caracteriza, sobretudo, pela codificação de uma linguagem ajustada aos valores poéticos de uma comunidade culturalmente consubstanciada na oralidade” (Quintela, 1996, p. 19) fato que justifica sua intensa popularidade, aceitação e difusão.

Esse veículo de comunicação literária atravessou, no Nordeste do Brasil, várias fases importantes. Segundo Wilma Quintela, esta, no início, “transpõe-se para os ‘livretos

<sup>7</sup> Estando em geral junto da gravura, sobretudo no Cariri, onde o talhar das umburanas empresta às capas dos cordéis a impressão de uma arte plástica que ganhou notoriedade e respeito, inclusive sendo objeto de pesquisas em dissertações e teses de doutorado.

<sup>8</sup> Segundo Alexandra Barbosa “na virada do século começaram a surgir os primeiros poetas a produzir versos na forma escrita. Silvino Pirauá de Lima (cantador, nascido em 1848, em Patos, PB e morto em 1913, em Bezerros, PE) é citado como tendo sido pioneiro ao fazer imprimir os versos que criava e difundia na forma oral. Outros cantadores eram ao mesmo tempo autores de folhetos, como José Camelo de Melo Resende, autor de uma das estórias de maior difusão até hoje, que é a do Pavão Misterioso”. (1997, p. 15)

<sup>9</sup> Grifos meus

populares' através da forma poética característica do cordel, o romancero tradicional de origem européia, as estórias, lendas e ensinamentos dali advindos" (*idem, ibidem*). Ruth Terra, por sua vez, acrescenta que, embora não pretenda classificar o cordel diz que:

"os poemas publicados em folhetos entre 1904 e 1930, podem ser reunidos em três grupos. O primeiro abrange os desafios que comumente compreendem marcos, descrições geográficas e ABCs (...) O segundo grupo é constituído por romances e histórias. Esta designação genérica encobre uma variedade de narrativas que abrange desde Carlos Magno e os Doze Pares da França a contos maravilhosos. O terceiro grupo, o mais numeroso, constituído pelos poemas de época, comporta pelo menos dois agrupamentos. No primeiro estariam os poemas sobre movimentos sociais e políticos, como cangaço e 'salvações do Norte', no segundo os protestos (...) e as críticas de costumes" (1983, p. 59).

Estas citações indicam os processos de incorporação dessa literatura ao longo de sua trajetória, tanto do ponto de vista de uma tradição oral, que passou a ser impressa, como apropriações de outras temáticas. A literatura de cordel passou e passa por várias ressignificações, condição necessária de sua existência e permanência.

Como instrumento informativo, o cordel contribuiu visivelmente para a divulgação dos acontecimentos históricos como: Canudos, cangaço, seca, temas de assombração, trancoso, humor, amor, parlendas, adivinhas, gestas, provérbios, travalinguas etc, e mais recentemente, campanhas políticas e publicitárias, entre outros; sempre propiciando à população urbana e sobretudo rural, uma poética que se caracterizou no "formato de 10 a 15 centímetros", (Slater, 1984, p. 3) podendo ter "oito, dezesseis, trinta e duas (menos comumente) sessenta e quatro páginas" (*idem, ibidem*). Essa literatura assume, portanto, um caráter educativo e informativo dos acontecimentos, porém, de conteúdo muitas vezes excludente e preconceituoso, indicativo dos traços culturais predominantes numa estrutura social caracterizada por ideologias machistas, racistas, homofóbicas entre tantas outras formas de ampliar a exclusão já existente. Tais características podem ser verificadas pelos trechos de alguns cordéis:

Quem não gosta de mulher  
Tem o umbigo para traz  
É um bicho analfabeto  
Que promete e não faz  
É ignorante absoluto

Cafajeste e sem cartaz<sup>10</sup>.

Getúlio devia ter tido  
Com isso mais precaução  
Mandar pegar todo negro  
Prender dentro de um purão  
Para limpar nossa terra  
E se o Brasil entrar em guerra  
Fazer Bucha pra canhão<sup>11</sup>

De acordo com Olga de Jesus Santos, na Antologia “o cordel testemunha da história do Brasil” o “folheto brasileiro surgiu nos fins do século XIX e, desde a sua mais antiga produção vem testemunhando os fatos decisivos da história do Brasil” (1987, p. 6), embora

“muitas histórias antigas do romanceiro ibérico circularam e ainda circulam no Brasil, mormente no Nordeste onde foram assimiladas, adaptadas e receberam versões sucessivas, como é o caso de História de Carlos Magno e os Doze Pares de França e História da Donzela Teodora, entre outros” (*idem, ibidem*).

Destacam-se entre os principais poetas desta literatura, Leandro Gomes de Barros, considerado um dos primeiros a imprimir cordéis junto com Silvino de Pirauá, João Martins de Athaide, Francisco das Chagas Batista (Quintela, 1996, p. 11), entre outros. No período de produção destes poetas esta poesia não tinha como acepção o termo cordel, que aliás “nunca foi usado pelo nordestino como apelativo de cordão” (Oliveira, 1981, p. 9), como em Portugal. Era conhecido popularmente como “verso”, “folheto” ou rumance”.

Essa literatura na região do Cariri, mais precisamente em Crato e sobretudo em Juazeiro do Norte, obteve um lugar especial, aonde vem se proliferando desde o início do século XX uma romaria de versos. Foram pelas mãos de poetas como Manoel Caboclo, Expedito Sebastião, João de Cristo Rei, entre outros, que essa poesia ganhou destaque, e mais recentemente, pelas rimas de Eloi Teles, Abraão Batista, Pedro Bandeira e uma nova geração de autores que ali se lançam, seja para dar continuidade a uma tradição ligada à cultura local ou para com esta romper.

Márcia Abreu, (1999) em seu livro “Histórias de Cordéis e Folhetos”, fazendo um cotejo entre essa literatura no Brasil e Portugal, declara que há um equívoco profundo em colocá-las no mesmo patamar poético. Para ela, esse equívoco parte de uma falta de estudos sistemáticos sobre o assunto e muitos são os autores que repetem a fórmula de que o cordel

<sup>10</sup> “Batista, Abraão. O Sgnificado da moda e a sabedoria da mulher através dos tempos”, 1987

<sup>11</sup> “Neto, Enoque Pinheiro. ABC dos Negros” apud Liêdo M. de Souza, p. 63

português é uma “fonte” da literatura de cordel brasileira. Para desconstruir essa perspectiva, a autora delimita para uma melhor compreensão do seu trabalho, a denominação de cordel para Portugal e folhetos para a literatura escrita no nordeste do Brasil.<sup>12</sup>

Sua tese vai contrapor-se a vários teóricos do assunto como Manuel Diegues Jr, ao defender que “tem-se atribuído às ‘folhas volantes’ lusitanas a origem de nossa literatura de cordel” (apud Abreu, 1999, p. 15) como também, a outros autores que bebem dessa afirmação, ora declarada, ora sutilmente. Embora Candance Slater já tenha antecipado em 1984 que o “cordel vale-se de uma tradição de livretos europeus, porém, é um tanto diferente na forma,” (1994, p. 11) é este trabalho de cotejo entre as duas literaturas, de Márcia Abreu, que vai refletir as diferenças de linguagem entre as produções lusa e brasileira. Ela afirma que a tradição do cordel português “é fruto da imprensa e de um projeto editorial” (Abreu, 1999, p. 70), diferentemente da produção realizada no Brasil que é filha legítima das cantorias e pelejas transmitidas oralmente. Diz a autora em relação ao Brasil:

“pode-se acompanhar o processo de constituição desta forma literária examinando-se as sessões de cantoria e os folhetos publicados entre finais do século XIX e os últimos anos da década de 1920, período no qual se definem as características fundamentais desta literatura, chegando-se a uma forma ‘canônica’ (idem, *ibidem*).

Para a autora citada, a literatura de cordel no Nordeste ganhou aspecto de brasilidade, principalmente no trato das histórias contadas ou recontadas pelos poetas nordestinos<sup>13</sup>. Para

<sup>12</sup> Vale salientar que existe uma “denominação de folheto para os trabalhos de 8 e de 16 páginas, sendo os de 24, 32, 48 e 64 páginas conhecidos como romances” (Souza, 1976, p.13)

<sup>13</sup> Silvino Pirauá Lima criou a sextilha e introduziu o martelo agalopado na cantoria. Nicandro Nunes Costa criou o mote de um pé só; Manoel Raimundo de Barros criou a regra de um mote de 3 versos; Romano do Teixeira criou o Mourão de 5 pés; Manoel Leolpino de Mendonça Serrador criou a estrofe de 7 pés; José Pretinho do Crato, criou o galope beira mar; Antonio Ugolino Nunes da Costa criou a oitava antiga; Vicente Granjeiro Lamdim introduziu a oitava em quadrão; Silvino Pirauá Lima escreveu os primeiros folhetos ou romances em sextilha; Firmino Teixeira do Amaral criou o trava-língua; Henrique Ferreira Dias criou o mourão de você cai; Benjamim Mangabeira criou o Gemedeira; Manoel Xelé criou o Gabinete repetido; Joaquim Francisco Santana criou a parcela; Antonio Ferreira da Cruz criou Nove palavras por seis; Manoel Noé criou o mourão voltado; Otacílio criou os 10 pés a quadrão com pergunta e resposta; ainda Manoel Xelé criou o martelo alagoano; Severino Borges Silva criou o quadrão a beira mar; Joaquim Vitorino Ferreira criou a meia quadra; Manoel Floriano Ferreira (Manoel Nenem) criou o martelo miudinho; Joaquim Cardoso de Farias criou a taboada grande; Azulão criou a taboada pequena; José Alves Sobrinho criou o Brasil de pai Tomaz, Preto Velho e pai Vicente, este Brasil caboclo de mãe Preta e Pai João; ainda Antonio Ferreira da Cruz inventou a língua da Angola; Leandro Gomes de Barros escreveu o marco do meio mundo; Joaquim Francisco escreveu o Marco da Lagoa; José Adão Filho escreveu o Marco paraibano; João Ferreira de Lima escreveu o Marco pernambucano; Manoel Tomaz de Aquino escreveu o Marco do Seridó; Ascendino Alves dos Santos escreveu o Marco do Cariri; Francisco Pequeno escreveu o Calunga; Romano Elias da Paz escreveu o Avião brasileiro; José Luís Júnior escreveu o Zepelin paraibano; Libânio Mendes de Lima escreveu o Jardim dos Cantadores; Manoel Camilo dos Santos, o Marco da Paraíba; Manoel Martins de Oliveira (Neto Martins) escreveu o Marco do Ceará; José Nunes Filho (oitica), o Forte do Cabugi. . (Almeida e Sobrinho, 1978, p. 45 e 46)

ela, em novo chão brotou a palavra (en)cantada dessa literatura, como também, criou variadas formas fixas de versos como fez Silvino de Pirauá criando a sextilha. Esse fato interessante, em que a pesquisadora reflete se há realmente uma unidade horizontal nessa poesia, (Portugal versus Brasil), contribui para pensarmos, também, como se processa a construção da feição desta literatura desde sua origem até os dias de hoje em nosso país, como ainda, sua capacidade de adaptação em diversos contextos.

Haja vista as classificações citadas, “folheto”, “romance”, “verso”, entre outras designações, opto neste trabalho pelo termo cordel, tendo em conta de que, mesmo dadas as características diferenciadas (Portugal versus Brasil) acima expostos pela pesquisadora Márcia Abreu, não há, no meu entender, duas literaturas diametralmente opostas, e sim, adaptações e ressignificações dessa narrativa no seu processo produtivo e criador. Pensando dessa maneira, de forma relacional, segundo Bourdieu, é que se pode compreender os novos processos que surgem atualmente no cordel, e sobretudo como se manifestam estes processos podendo estar atualmente, segundo Gilmar de Carvalho nos

“grupos de mangue-beat, nas pistas, sampleado ou com a batida tecno dos DJs; em Daúde cantando ‘Vida sertaneja’, de Patativa do Assaré, como um *rap*; num videoarte; num poema visual ou num grafite. Ele se transforma para sobreviver e se metamorfoseia” (in: Revista Cult, abril, 2002, p. 47).

Configurados numa fórmula editorial que foi consagrada pelos clássicos dessa literatura, “de tamanho aproximadamente de 4 a 6 polegadas” (Curran, 1973, p. 13), advinda, sobretudo, das cantorias, o cordel impresso vem se justificando na jornada histórica de suas produções. Se, outrora transcreveu as geniais pelezas do seu tempo e espaço, redimensionando um acervo oral, hoje, essa voz que virou palavra impressa se apropria de outros códigos estéticos e gera novas linguagens.

No Ceará e especificamente em Juazeiro do Norte, por exemplo, com a consolidação da tipografia São Francisco, do editor José Bernardo da Silva, em 1940, a literatura de cordel passou por novos processos de incorporação. Gilmar de Carvalho cita que nesta época “os novos títulos ganhavam com as capas ilustradas por xilogravuras, maior agilidade em função das demandas do mercado” (2001, p. 25). Isso demonstra como esta literatura, ao longo de sua história, foi incorporando marcas, temas e conteúdos, dado que esta nova safra de “títulos eram as novidades que o mercado exigia e conviviam com os clássicos numa proporção entre renovação e permanência, novidade e redundância de uma equação que pressupunha

vitalidade e consumo” (*idem, ibidem*). Ainda segundo Gilmar de Carvalho, se “no princípio era a voz” (in: Revista Cult, abril, 2002, p. 44), a velocidade do tempo fez com que esta narrativa ganhasse “o suporte impresso que vai fazer com que ela permaneça, circule e sirva de matriz para outros textos” (*idem, ibidem*), ou seja, que esta se ressignifique.

Essa narrativa contextualizada no século XXI não perde seu significado em razão de estarem incorporando outras linguagens e formas. Os poetas que inauguraram esse gênero no Brasil no seu nascedouro, apresentaram-se, no meu entender, como vanguarda no seu contexto criador, justamente por terem provocado à sua época, novas rimas, métricas etc. O cordel brasileiro ganhou sua singularidade por ter se aliado às cantorias, às lendas e mitos, etc. Com grande criatividade, estes cordelistas produziram suas obras e reinventaram a própria oralidade. Pode-se dizer que há, e sempre houve, significativas incorporações<sup>14</sup> nesta poesia que a faz mover-se a cada momento histórico e geográfico.

Essa narrativa que nasceu de uma base oral, porém, não permanece somente nela, se apropria de outros códigos para continuar se ressignificando. A cultura impressa do cordel na atualidade, além de uma constante atuação consciente entre o “erudito” e o “popular,” traça criativas intertextualidades e formas visuais, produzindo composições inéditas como por exemplo, dos poetas da Sociedade dos Cordelistas Mauditos, que dialogam, entre outras linguagens, com a literatura dos concretistas.

Portanto, se no início dessa poética, teve-se uma vasta e criativa produção oral, que em seguida transpôs-se para os “livretos,” gerando vários conteúdos, tais como das fábulas à realidade agreste, na atual conjuntura, novas temáticas, conteúdos e idéias ali são inseridos. Novas releituras são calcadas em “resgates” da chamada cultura popular ou modificações conscientemente redefinidas, do produto artístico em questão. Neste sentido, essa literatura apresenta-se hoje, nos seus “100 anos,” com várias facetas, confirmando a possibilidade que têm as manifestações culturais de se pluralizarem e se misturarem, ganhando outros sentidos em cada contexto, seja em Portugal, Espanha, Brasil... O cordel “vai permanecer e se transformar, recorrer a outros códigos, a outras possibilidades de manifestação” (*idem, ibidem*).

Esta discussão foi colocada aqui com o propósito de conferir o quanto este gênero poético nordestino atravessou várias ressignificações, ou seja, de uma literatura com influência temática ibérica (romance de amor, cavalaria etc) ao cordel com temas nordestino, nascido da oralidade; da utilização de clichês à talha das gravuras, até os dias de hoje, outro

<sup>14</sup> A xilogravura por exemplo é um elemento caracterizador da ressignificação do cordel na década de 1940.

contexto, novos usos, poetas, leitores, e nova acepção<sup>15</sup>. Essa poesia nunca foi, portanto, uma literatura estanque, linear... sob o ritmo de sua melodia, e com a mesma criatividade de suas rimas e métricas, adapta-se e permanece na atualidade, inclusive, revelando e apresentando, como parte dessa ressignificação atual, a mulher como autora e produtora dessa expressão artística.

### 1.1 O VOO DA FÊNIX

O termo ressignificação foi pensado neste trabalho tendo em vista a compreensão de que as manifestações culturais não são estanques, nem perenes. Elas se movem, dialogam, interferem nos processos de releitura, enfim. Neste sentido, ressignificação é a capacidade que tem a cultura de ganhar outros sentidos, sem entretanto, negar-lhe totalmente sua origem. É um “novo” convivendo com um “velho”, sobretudo, para que este permaneça. Não seria a ressignificação uma descaracterização, mas uma dinamização permeada pelos elementos que compõem o contexto, quer dizer, espaço e tempo.

No caso do cordel, há uma rede de elementos do contexto social que interferem na sua trajetória e que aponta no seu interior outros sentidos. Este processo, no entanto, não ocorre de forma aleatória, ocorre em razão da composição de vários fatores externos e internos que atuam como componentes da conformação, tanto de um campo cultural, como empírico. Neste sentido, tomo como apoio para construir um modelo para entender a ressignificação do cordel, a idéia de campo empreendida por Pierre Bourdieu, tendo em vista de que “ela funciona como um sinal que lembra o que há que fazer, a saber, verificar que o objeto em questão não está isolado de um conjunto de relações de que retira o essencial das suas propriedades” (p. 27 mimeo).

Dessa maneira, tracei como elementos caracterizadores no campo da ressignificação do cordel, a presença de políticas culturais, privadas e públicas, a intervenção de pesquisadores e intelectuais, a formação de grupos de cordelistas, a geração de novos autores, leitores, conteúdos e linguagens, atuando entre os novos autores a presença feminina. Em seguida, para tentar construir um sistema coerente de relações neste campo, foi observado que na região do Cariri, especialmente na cidade de Juazeiro do Norte, prevalece desde o início do século XX, uma intensa produção dessa literatura, e que movimentou, inclusive, grande parte

---

<sup>15</sup> Por exemplo: a gráfica Luzeiro de São Paulo além de ter redimensionado o tamanho dos folhetos aumentando-o, utiliza em suas capas, feitas em papel couchê, desenhos coloridos. A editora Tupynamquim, de Fortaleza, também utiliza nas capas dos cordéis desenhos coloridos e charges.

da criação e difusão dessa poética por todo o Nordeste. O Cariri, em particular atenção, Juazeiro do Norte<sup>16</sup>, é o espaço real onde se manifesta de forma mais expressiva essa ressignificação, em razão de ser um lugar onde essa poesia sempre teve voz. O seu canto é um som que ecoa na memória, refletindo nos dias atuais, um batuque de rimas, inspirador de um banquete presente de versos.

Porém, para chegar a esta caracterização de ressignificação do cordel, recorri neste trabalho à análise do pesquisador Gilmar de Carvalho, o qual para analisar, tanto essa literatura como a xilogravura de Juazeiro do Norte, mesmo não usando a designação aqui assumida, induz, através das palavras termos como: “renovação” “novidade” para caracterizar o “ressurgimento” em que vem passando esta poética na atualidade. Este autor salienta que há hoje nesta narrativa uma “transformação” e que esta se “metamorfoseia”, inclusive estando presente “na música de Zé Ramalho, Ednardo, Xangai, Alceu Valença e, principalmente, Elomar transformaram esse universo poético em canção” (in: Revista Cult, abril, 2002). A este processo de incorporação de novas linguagens, releituras e retomada de produção do cordel, chamo de ressignificação.

A escolha em trabalhar com o cordel me leva a estabelecer relações entre a história desse produto artístico e o momento atual. No entanto, meu objetivo não é traçar uma trajetória do cordel, mas sim analisa-lo a partir da década de 1970, período no qual identifiquei as bases que fundamentam o sentido e significado do termo ressignificação.

De 1970 em diante, inicia-se no interior desta literatura, sobretudo a partir das décadas que se seguem, uma outra maneira de se olhar esta poesia. Outros sentidos começam a ser construídos e esta literatura ganha diferentes espaços, não só nas escolas e na academia, como também, apropriando-se de outros códigos, aparecendo em meios de comunicação onde são noticiados com grande relevância, tanto pela imprensa falada e escrita, como virtual. “O cordel vem a ser essa manifestação camaleônica apropriada por vários códigos” (in Revista Cil, abril, 2002, p. 47). O campo cultural que se ergue com a intervenção de intelectuais, políticas culturais (privadas e públicas), criação de grupos de cordelistas e a ascensão de novos autores (com destaque para a produção feminina), leitores, temas, conteúdos e linguagens na produção desta narrativa, é que foi sugerindo importantes configurações na permanência dessa poesia.

---

<sup>16</sup> Gilmar de Carvalho ao analisar a xilogravura de Juazeiro do Norte diz: “o fato de Juazeiro do Norte ser o espaço privilegiado para a criação popular e para a permanência destas técnicas artesanais às vésperas do século XXI ajuda a dar a medida dos contrastes e da diversidade que enriquecem e revigoram a cultura brasileira” (2001, p. 20).

Como parte dessa ressignificação, em 1970, surge também a designação de cordel para esta literatura nordestina, termo utilizado em Portugal por serem “presos por um pequeno cordel ou barbante, em exposição nas casas em que eram vendidos” (Diegues Jr, 1986, p. 31). A denominação de cordel é parte deste processo de ressignificação, e este fato, por si só, já merece de nossa parte uma importante reflexão, haja vista que também, no seu interior há um novo produtor que “tem formação universitária e faz um cordel para um outro público. Mudaram o poeta e o receptor” (Carvalho, in: Revista Cult, Abril, 2002).

A nova designação, introduzida pelo pesquisador Raymund Cantel, segundo o poeta Abraão Batista em um dos seus versos, vem desde o período aqui sugerido, sendo apropriado pelos emergentes poetas, leitores e pesquisadores. Embora, como já foi visto, a pesquisadora Márcia Abreu discorda desta aceção, por analisar que a literatura produzida e chamada de cordel pelos portugueses não condiz com o modelo formal e estilístico da produção brasileira.



Então, foi Raymond Chantel  
Quando aqui veio estudar  
Por cordel quis chamar  
O folheto primoroso  
O tal nome foi ditoso  
Por pegar ligeiramente  
Deixando boa semente  
Como herói criterioso.<sup>17</sup>

Em 1970, começa embrionariamente no campo do “popular” importantes releituras.<sup>18</sup> Surge, por exemplo, nesta mesma década, o movimento Armorial, liderado por Ariano Suassuna, em Recife, que vê na literatura de cordel uma arte fértil capaz de reunir no seu universo a literatura, as artes plásticas e a música. Para Suassuna “a arte armorial brasileira é aquela que tem como traço comum principal a ligação com o espírito mágico dos ‘folhetos’ do romancero popular (...), com a música de viola, rabeca ou pífano (...) e com a xilogravura.”<sup>19</sup> À partir dessa definição os adeptos desse movimento, em especial Ariano Suassuna, recria com base sobretudo nos cordéis um acervo de obras geniais da literatura oficial no Brasil, já que é pretensão do “movimento armorial (...) realizar uma arte brasileira

<sup>17</sup> Batista, Abraão. “100 anos de Cordel”, 2001. Ao lado, a capa deste cordel. A partir deste momento apareceram neste trabalho algumas ilustrações de capas de cordéis concomitantemente à sua citação.

<sup>18</sup> entende-se aqui como releitura à forma diferenciada em que histórias consagradas, lendas ou mitos é recolocado novamente na ordem do dia, porém, ganhando novos elementos, recriados a partir do olhar do seu criador.

<sup>19</sup> Jornal da Semana de Recife, 1973, 20 de maio, p. 3

erudita a partir das raízes da nossa cultura.”<sup>20</sup> No artigo “Folhetos são reeditados,” do *Jornal o Valor de São Paulo*, Débora Guterman ressalta que “muitos são os desdobramentos do cordel,” citando o pesquisador Gilmar de Carvalho que salienta: “Mestre Ambrósio e o Movimento Armorial talvez possam ser considerados atualização do cordel.” Essa reelaboração das chamadas raízes brasileiras teve efeito na atualidade<sup>21</sup>, em releituras como o “Mangue Beat”, “Mestre Ambrósio” e “Cordel do Fogo Encantado”, em Pernambuco, a “Sociedade dos cordelistas Mauditos” e o grupo musical “Dr. Raiz” em Juazeiro do Norte-CE, entre outras manifestações artísticas. São referenciados e (reverenciados) a trajetória de artes ligadas às tradições do povo brasileiro, sob o olhar caleidoscópico de grupos organizados e/ou de intelectuais, que buscam novas formas e acepções para a criação de uma arte brasileira.

Para melhor compreendermos o significado do termo ressignificação neste trabalho, opto em abordar cada elemento caracterizador do mesmo de forma específica e detalhada. Assim, apresento a seguir cada um deles dentro de seu campo de interferência, intervenção e materialização no universo do cordel e da ressignificação do mesmo.

### 1.1.1 POLÍTICAS CULTURAIS

Como fruto das leituras que fiz, fui percebendo que a partir de 1970, com o objetivo de converter a chamada “cultura popular” num modelo para definir uma identidade nacional, e motivado por uma política nacionalista, o Estado brasileiro assume uma ingerência flagrante nas manifestações “populares”<sup>22</sup>. Essa busca de referências no “popular”, faz com que o cordel seja visto como um tesouro significativo e importante a ser cultuado. Esta literatura passa a ser considerada “autêntica” ligada a costumes e hábitos do povo que devem ser “preservados” e valorizados.

<sup>20</sup> *idem* p. 4

<sup>21</sup> “Muito mais recentemente, o último ano, (o pesquisador refere-se ao ano 2001) para ser mais exato, começa a haver uma volta ao chamado ‘fórró pé-de-serra’; várias casas de espetáculos abrem suas portas para a sanfona, a zabumba e o triângulo e novos grupos surgem, tentando dar-lhe cara nova e conquistar o público mais novo, é o caso da banda Fala Mansa e de Gilberto Gil, que produziu um disco só com fórrós pé-de-serra” (Oliveira, 2001, p. 67)

<sup>22</sup> “Em 1971 é aprovada a Lei 5692/71, que coloca a Arte no processo de educação como atividade (...) exatamente neste momento, em que toma conta do país o autoritarismo militar, a Arte é incluída no currículo oficial, assumindo a nomenclatura de Educação Artística” (Costa p.14 e 15). No entanto, segundo Fábio José Rodrigues da Costa “hoje percebemos com clareza que a estratégia política utilizada, norteada pelo tecnicismo pedagógico, colocou a Arte como atividade no currículo escolar, para dar um falso aspecto humanista ao projeto tecnicista de forte caráter excludente, respaldando a escola pública a formar mão-de-obra barata e subalterna para a indústria em expansão” (*idem, ibidem*).

Frente a este instante de ânimo do Estado, onde foram formuladas propostas governamentais, através de projetos de incentivos a cultura, observa-se como eram incluídas, inclusive por particulares, políticas culturais como estratégias para promover o patrimônio artístico cultural dito popular no país<sup>23</sup>. Notadamente, aparecem nesta década, a “intervenção de pessoas estranhas no meio tradicional da literatura popular em versos” (Kunz, 2000 p. 20). E não somente pessoas, mais “instituições públicas ou privadas, empresas nacionais e multinacionais, entidades associativas, educativas e religiosas, comerciantes e homens políticos” que, segundo esta autora, “começaram a utilizar e valorizar o folheto” (*idem, ibidem*). É neste sentido, talvez, que podemos dizer que, alguns setores da sociedade para legitimarem sua hegemonia, “se apropriam dos bens históricos e das tradições populares” (Canclini, 1998, p. 159).

No Ceará, por exemplo, em 1970, o governo estadual, através da Secretaria de Cultura, edita livros sobre literatura de cordel. O BNB<sup>24</sup> lança uma antologia sobre o tema, em 1982. As Universidades e mais localmente a Universidade Federal do Ceará - UFC patrocinam ciclos temáticos de cordel, em 18 de maio de 1981, tendo inclusive ocorrido, também, em Juazeiro do Norte, em 1988<sup>25</sup>, quando “a Lira Nordestina<sup>26</sup> passou para a órbita da Universidade Regional do Cariri- URCA” (Carvalho, 1994, p. 84).

Neste estado, entre os novos interessados pelo cordel encontra-se também, a publicidade. Segundo Gilmar de Carvalho, esta “optou, a partir da segunda metade dos anos 70<sup>27</sup>, pelo recurso a modelos de comunicação com fortes referências aos padrões culturais da terra” (*idem, ibidem*). Utilizando-se do cordel como código para divulgação de produtos os mais variados, “a Scala encomendou um folheto nos moldes da literatura popular em verso a Expedito Sebastião da Silva, como catálogo e convite da Feira de Arte Popular, realizada pela Caderneta de Poupança Credimus” (*idem, ibidem*). Publicou “A incrível e fantástica briga com o Satanás da inflação,” de Abrãao Batista, feito ao Pão de Açúcar, encomendado pela empresa publicitária Mark, entre outras publicações.

<sup>23</sup> “Este interesse, mais fortemente apresentado durante a década de 70 e início da de 80, também propiciou a publicação de antologias através do patrocínio de empresas privadas - no caso a de Sebastião Nunes Batista, com o auxílio da Shell, e no caso a de José de Ribamar, sob os auspícios do Banco do Nordeste do Brasil” (Silva, 1997, p. 28).

<sup>24</sup> BNB (Banco do Nordeste do Brasil)

<sup>25</sup> Em 1987 a Casa Rui Barbosa, RJ, publica – “O cordel- Testemunha da História do Brasil”. Antologia

<sup>26</sup> antiga gráfica São Francisco que foi de propriedade de José Bernardo da Silva

<sup>27</sup> No ano de 1976 a Fundação Universidade Regional do Nordeste, Campina Grande-Pb, conveniada com a Casa Rui Barbosa publica o II tomo da antologia de Leandro Gomes de Barros. Em 1977 a Casa Rui Barbosa publica a antologia de “Literatura popular em verso” junto com o Ministério da Educação e Cultura, e a Prefeitura Municipal do Recife e Secretaria de Educação Cultural lançam: “O Mercado, sua praça e a cultura popular do Nordeste”, de Liêdo Maranhão, este, tendo publicado pelas Vozes em 1976 “Classificação Popular da Literatura de Cordel”.



O nome dessa empresa  
Esta na boca do povo  
Chama Jumbo Mercantil  
Nome que eu aprovo  
E por ela, a inflação  
Será jogada no chão  
Eu te digo e renovo<sup>28</sup>.

Vê-se mais visivelmente, reações institucionais e projetos com investimentos governamentais que auxiliam na disseminação do culto às chamadas formas tradicionais da arte e que foram nos anos subseqüentes ganhando outras dimensões para a construção dessas políticas culturais.

“No campo cultural, um novo impulso adveio da fundação, em 1983, do Fórum Nacional de Secretários da Cultura, deflagrador de um processo de reflexão e ação que culminaria, menos de dois anos depois, com a criação do Ministério da Cultura. A partir de então, num relacionamento de parceria crítica, Fórum e Ministério, estruturaram, organicamente, a preservação e a dinamização do nosso patrimônio cultural” (Poerner, 1997, p.106 e107).

Há, portanto, uma importante discussão de políticas culturais<sup>29</sup> de instituições públicas e privadas, que passam a fomentar o “popular” como estratégia para auto-promoção. Assim, para que “as tradições sirvam hoje de legitimação para aqueles que as construíram ou se apropriaram delas, é necessário colocá-las em cena” (Canclini, 1998, p. 161e162). Neste sentido, talvez, é que o Serviço Social do Comércio (SESC), em Juazeiro do Norte, empreende em 28 de maio de 1998 o projeto “SEScordel Novos Talentos”. Este projeto, segundo o Jornal do Cariri, tem como objetivo

“publicar bimestralmente, com noite de autógrafos, palestras e oficinas, os cordéis dos poetas da região. Nesta primeira etapa do projeto, a instituição fará uma homenagem a um dos maiores escultores e xilógrafos do Cariri, Mestre Noza, que influenciou várias gerações e hoje tem um nome consagrado nas artes plásticas do Nordeste brasileiro. Para os dirigentes do SESC, resgatar a cultura popular na

<sup>28</sup> Batista, Abraão. A incrível e fantástica briga contra o satanás da inflação”.

<sup>29</sup> “Basicamente, a gente tem pensado a cultura no sentido antropológico. O que isso significa? Significa que a cultura é muito mais do que o sentido restrito da arte. Ela é tudo aquilo que um povo produz, do ponto de vista simbólico ou material. Ou seja, desde a culinária até a maneira de cantar. E o trabalho básico que a gente se propôs, a partir daí, é possibilitar que aqui se tenha uma industria cultural, que é diferente de uma simples produção cultural” (Linhares Apud Oliveira, 2001, p. 69).

região é apoiar efetivamente o que temos de melhor e mais bonito na arte caririense” (1998, 28 de Maio.)

Tais investimentos culturais de instituições como o SESC, foi chamada na linguagem dos promotores de revitalização.<sup>30</sup> É assim, por exemplo, que cito um outro artigo deste mesmo jornal, ainda sobre o projeto acima referido:

“O projeto SESCordel já lançou várias obras de novos autores cordelistas, esse projeto tem como objetivo revitalizar a literatura de cordel, que muito tempo foi subestimada por se tratar de elemento forte da cultura popular. Hoje a cultura popular vem retomando seu espaço seja no cordel, no forró universitário, nas artes plásticas, devido a precariedade da rotatividade de cultura erudita que poucos detém” (2001, 20 de Abril).

Este projeto que foi agraciado com o prêmio Rodrigo Melo Franco, do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), no mês de novembro de 2001, lançou ao longo de sua existência vários poetas, inclusive mulheres.

“Um projeto que prevê a publicação de cordéis concomitante de xilogravuras, com a intenção principal de lançar novos autores, vem sendo responsável pela retomada da produção da literatura cordelista em Juazeiro do Norte. O projeto SESCordel acaba de receber um prêmio de reconhecimento deste trabalho do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN)” (Jornal O Povo de 18 de novembro de 2001).

Em Juazeiro do norte também destacou-se na publicação dessa poesia o projeto “Cordel Vivo”, criado em 1996/97 pelo poeta Abraão Batista, quando da sua administração no “Memorial Padre Cícero”, órgão da Prefeitura Municipal. Em Crato, tanto a Universidade Regional do Cariri- URCA, como seu núcleo de documentação em cordel, Behetçoro<sup>31</sup>, patrocinou por diversas vezes cordéis da “Academia dos Cordelistas do Crato”. Fomentando esta literatura no interior do Ceará, também se encontra a Secretaria de Cultura do Estado, a SECULT, que apoiou a confecção, na “I Bienal de Artes do Cariri”, vários títulos de cordéis da “Sociedade dos Cordelistas Mauditos”, e ainda o “Centro de Cultura Dragão do Mar”, em

<sup>30</sup> Este projeto é responsável, segundo a Revista Palavra, também pelo não fechamento da Lira Nordestina diz o artigo de Israel do Vale: “nos últimos meses, a prensa da Lira só bate ferro contra ferro para imprimir os rebentos do projeto Sesc Cordel Novos Talentos.” (Palavra, ano 1 número 12 abril 2000).

<sup>31</sup> Na língua cariri- aquilo que o povo fala aquilo que o povo conta

Fortaleza, que através do projeto “Rodas de Poesia e Percussão”, levou para a capital os jovens poetas “Mauditos” de Juazeiro do Norte.

As políticas culturais, privadas e públicas, mesmo que incipientes e frágeis, vem ao longo dos anos de 1970 à atualidade, contribuindo substancialmente para fomentação do cordel, e atuando como elemento importante caracterizador da ressignificação desse.

### **1.1.2 PARTICIPAÇÃO DE PESQUISADORES E INTELLECTUAIS NA RESSIGNIFICAÇÃO DO CORDEL**

Na nova conjuntura que se abre a partir de 1970, um relevante contingente de pesquisadores<sup>32</sup> aparecem em cena. Estes vêm no antigo folheto, agora propagado no vocábulo provençal para cordel, um objeto importante a ser pesquisado. No tomo III da “Antologia de Literatura Popular em Verso: Leandro Gomes de Barros - 2”, encontra-se sobre a emergência destes estudiosos neste campo a seguinte afirmação: “esta preocupação em rotular cientificamente tal literatura traduz uma mudança recente de atitude dos intelectuais em relação a esta forma de cultura popular” (1977, p. 9).

Antes deste processo, aqui chamado de ressignificação, poucos intelectuais se interessavam em pesquisar o cordel. Dentre eles destacam-se segundo Candance Slater, Celso de Magalhães, José de Alencar e Silvio Romero, entre os que estariam “na última parte do século XIX,” ou ainda, Câmara Cascudo, Leonardo Mota e o sulista Mário de Andrade. Este último, tendo-se voltado para as raízes culturais do país em razão da busca do “caráter nacional de brasilidade” (1984, p. 47) do Movimento Modernista de 1922.

“De fato, um dos deslocamentos mais significativos, provocados pelo Movimento Modernista em relação ao século XIX, diz respeito à substituição do conceito de raça pelo de cultura, para pensar sobre a nação brasileira. (...) Eles passaram a interessar-se tanto pelas práticas eruditas quanto pelas populares, a pesquisar e classificar nossos acervos e tradições, com o objetivo de redescobrir traços originais e singulares, capazes de representar a nação brasileira. Daí, essa vontade obsessiva de produzir ‘retratos do Brasil’, imagens que definissem uma fisionomia

<sup>32</sup> “a atenção do professor francês do Instituto de Estudos Hispânicos - Sorbonne, Raymond Cantel - que pronunciou diversas conferências na década de 70 obtendo cobertura jornalística - exerceu influência sobre intelectuais brasileiros no mesmo sentido. (Silva, 1997, p.28)”.

própria de nossa cultura” (Veloso e Madeira, 1999, p. 91).

Poetas como Carlos Drummond de Andrade vêem o cordel “como manifestação mais pura do espírito inventivo” (apud Slater, 1984). Essas caracterizações neo-românticas desembocam nas décadas que se seguem a 1970, com maior desenvoltura. É o momento de vários pesquisadores, inclusive estrangeiros como Candance Slater, que empreende entre 1977 a 79 uma pesquisa que resultou no livro “A vida no barbante,” caírem em campo com apoios institucionais.

Vê-se no Brasil a presença do professor Raymond Cantel, um pesquisador da Sorbonne, que teria ainda no início desta década marcado fortemente o interesse dos intelectuais e pesquisadores para voltarem suas atenções para esta literatura brasileira. Neste sentido:

“há que se notar como a oposição nacional/estrangeiro é ela própria uma tensão geratriz num processo em que a alteridade é acionada para uma definição interna. A valorização do cordel se daria a partir do exterior, que reconhece nele um elemento forte na definição da cultura nacional brasileira”. (Silva, 1997, p. 28 e 29).

Cresce um real interesse destes que passam a pesquisar este universo narrativo promovendo-o não só ao âmbito acadêmico através de monografias, dissertações e teses<sup>33</sup>, como também, participando das antologias que surgem sobre este assunto, patrocinados pelas políticas culturais empreendidas por Universidades, pelo Ministério da Educação e Cultura, Fundação Casa de Rui Barbosa, entre outros.

No ângulo oposto, o poeta também registra nos seus versos o conhecimento daqueles que estão interessados e pesquisando os assuntos pertinentes ao seu mundo. Patativa do Assaré, por exemplo, faz menção há alguns estudiosos, realçando em um dos seus verso àqueles que estão a propagar o “folclore”.

De conservar o folclore  
Todos têm obrigação  
Para que nunca descure  
A popular tradição  
Os homens de grande estudo  
Como Mainá e Cascudo  
Guardam sempre nos arquivos  
Populares tradições,

<sup>33</sup> Entre estes se destaca o professor e pesquisador holandês Joseph Luyten cujo acervo pessoal de cordéis é um dos maiores do mundo.

Cantigas, supertições  
E costumes primitivos.<sup>34</sup>

Porém, na nova conjuntura, dado o efeito do fechamento das principais editoras de cordéis, sobretudo no Nordeste, que refletiu na diminuição de sua produção; as transformações econômicas, políticas e sociais, verificadas com a acelerada urbanização;<sup>35</sup> o desenrolar do aumento da tecnologia, a restrição das tradicionais feiras onde proliferou a comercialização dessa poesia etc, resultou na análise de alguns importantes cientistas, de que se definhava na realidade a vivacidade da cultura do povo, sendo, portanto, necessário a valorização do “popular”, em especial o cordel, visto que este é uma narrativa que está padecendo. Sobre esta questão, Átila Almeida diz: “o problema atual do cordel em forma escrita, publicado em folheto, ao meu ver, é um assunto praticamente liquidado. Não acredito que isso tenha vida muito longa, ou melhor acredito que o cordel já morreu”<sup>36</sup> (1982, p. 17).

Ao definirem, no entanto, o estado de saúde dessa poesia como moribunda, receitam-na com o seguinte remédio: o resgate. Este resgate passa pelo entendimento de que devem dar voz a estes atores sociais que estão à margem dos espaços oficiais. Partindo dessa avaliação criam organismos para divulgação<sup>37</sup> desta cultura literária, ou propagam-na através de pesquisas acadêmicas nesta área.<sup>38</sup> Estes pesquisadores e intelectuais empreendem uma luta para “sobrevivência do folheto,” que são para estes, “forte e legítima expressão cultural do nosso povo, hoje ameaçada de extinção” (Souza, 1976 p. 101).

Neste sentido, estes novos interessados, em contrastes, inferências, proposições etc, criam no interior deste campo narrativo, um debate de idéias que antes de 1970 seria praticamente impossível. Antes, o cordel estava a todo vapor e não cabia, nem a visão de morte nem de resgate, pois não se resgata o que está vivo e em pleno vigor.

Contraditoriamente, apesar do “resgate”, de alguns intelectuais “o que se percebe por parte das elites culturais é uma forte imputação de inferioridade a esse produto impresso” (Silva, 1997, p. 2), em geral tido como “pequeno gênero” (Curran, 1973, p. 11). Há, mesmo

<sup>34</sup> Apud Oliveira, 1981, p.5

<sup>35</sup> “A seca que assolou o Nordeste, em 1958, provocou uma forte migração para as grandes cidades” (Carvalho, Revista Cult, Abril ano V, 2002).

<sup>36</sup> Grifos meus

<sup>37</sup> Diz Ariano Suassuna na apresentação do livro de Liêdo Maranhão, ‘classificação popular da literatura de cordel’, “(...) por intermédio do grande Gilvan Samico, conheci Liêdo Maranhão que, antes mesmo de eu lhe contar a minha tentativa frustrada, me sugeriu que o DEC da UFPE tomasse a frente de uma campanha destinada a preservar a literatura de cordel” (1974, p.11).

<sup>38</sup> Entre as várias formas de apoio institucional ao cordel ressalto o Concurso Permanente de Literatura de Cordel, criado pela Secretaria de Educação e Cultura e Conselho Municipal de Cultura de Recife, em 1975. Da lista encontrada como apêndice do livro “O Mercado, sua praça e a cultura popular do Nordeste”, de Liêdo Maranhão, encontra-se entre os vários poetas o nome de Creusa Soares de Oliveira, Olinda, Pe.

na atualidade, designações como as do Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa, “organizado em 1884 por Caldas Aulete - uma edição portuguesa que veio a ser publicada posteriormente no Brasil”, constando “no verbete ‘literatura’, a definição: “de cordel: a de pouco ou nenhum valor literário” (Silva, 1997).

O pesquisador Liêdo Maranhão, por exemplo, enfatiza serem estas obras produzidas por “seres humanos, que nos parecem dignos de maior atenção, respeito e ajuda” (Souza, 1976, p. 101). Quando não lhe é dada a conotação pejorativa, é dada a condição de inferioridade fazendo com que seus “superiores” sintam-se no dever de “ajudar” este gênero “pobre,” visto que representa, e ostenta, afinal de contas, uma vasta produção tradicional legítima “popular” que salta aos olhos, e até fronteiras, dado que aparece em cena interessado de outros lugares, de “fora” do país.

A presença desses intelectuais e pesquisadores, embora ostentem uma visão pessimista, fortalece, por outro lado, a ressignificação do cordel na medida em que buscam valorizar essa narrativa. Ao instaurar um debate sobre a iminente morte dessa poesia, incentivou a formação de grupos de cordelistas, que vieram a surgir, justamente motivados por essa postura derrotista.

### 1.1.3 FORMAÇÃO DE GRUPOS DE CORDELISTAS

Concomitantemente aos elementos acima expostos no processo para a composição do campo cultural que ressignifica o cordel, quais sejam, as políticas culturais tanto privadas quanto governamentais, um maior interesse de pesquisadores e/ou acadêmicos pela “cultura popular”, vê-se também, uma maior organização dos poetas que se engajam cada vez mais em entidades na área do cordel.

Tendo como objetivo inicial resistir à morte<sup>39</sup> decretada da literatura do cordel, surge a partir da década de 1970, uma importante organização dos poetas cordelistas. Motivados em “resgatar” esta poética, estes criam grupos, sociedades, academias, encontros, associações, enfim. Nasce por exemplo, a Academia Brasileira de Literatura de Cordel- ABLC, a Ordem Brasileira de Poetas de Literatura de Cordel- OBPLC<sup>40</sup>, entre outras formas de organização.

<sup>39</sup> Para o pesquisador Gilmar de Carvalho, no entanto “há uma crise na edição popular, o que não significa sua morte anunciada” (In Revista Cult, abril, 2002, p. 47)

<sup>40</sup> “Foi então em 1976 que deu origem à Ordem Brasileira de Poetas de Literatura de Cordel (OBPLC). Um ponto que chama a atenção na criação desta entidade é o motivo pelo qual Rodolfo tomou a resolução. Segundo ele, a OBPLC foi uma forma de resposta à afirmação do professor Raymond Cantel - feita em conferências justamente neste ano - de que a literatura de cordel estava morrendo” (Silva, 1997, p.93).

Tais escritores, através de organismos vivos, proclamam suas existências e mostram-se vários, diferentes, espalhados por todo o país, sobretudo no Rio de Janeiro e Nordeste.

Em 1976, tem-se a origem da OBPLC - Ordem Brasileira de Poetas de Literatura de Cordel, criada como “resposta à afirmação do professor Raymond Cantel - feita em conferências justamente neste ano - de que a literatura de cordel estava morrendo” (Silva, 1997, p. 94). Além disso,

“Deve-se fazer menção aqui a um acontecimento que teve lugar em março de 1980 no Campo de São Cristóvão. Por iniciativa de Santa Helena e Expedito e cujo trabalho de organização correu a cargo de uma comissão dos próprios cordelistas e cantadores, foi realizado o “I Congresso Nacional dos Poetas de Literatura de Cordel”. (...) O evento contou com a participação de poetas de diversos estados do país. A veiculação alcançada pelo congresso na imprensa estimulou maiores reivindicações dos cordelistas ao poder público” (*idem, ibidem*).

Sobre estas manifestações na organização dos poetas, a pesquisadora Alexandra Barbosa da Silva diz que “em 1986 (...) Expedito Ferreira da Silva resolveu criar a Associação de Repentistas e Cordelistas do Brasil. Explica ele que os cordelistas encontravam-se desarticulados, sem nenhuma entidade” (*idem, ibidem*). Registra-se, ainda, segundo esta autora, a criação da “Federação Nacional de Cantadores Repentistas e Poetas Cordelistas”, fundada, em 21 de abril de 1982, em Ceilândia, uma chamada cidade-satélite de Brasília” (*idem, ibidem*).

Nas décadas que se seguem,<sup>41</sup> permanece a criação destas organizações. No Ceará, têm-se a implantação do Centro Cultural dos Cordelistas do Ceará - CECORDEL, que “com vários títulos lançados no sistema de cooperativas de autores, levou à instalação de uma banca para venda de literatura no centro de Fortaleza, a partir de 1987” (Carvalho, 1994, p. 83 e 84). O pesquisador José Erivan Bezerra de Oliveira diz que: “no final da década de 1970 e começo da de 1980, começa a se formar um certo agrupamento de poetas de cordel em Fortaleza (...) entre os poetas dessa época, estão Otávio Menezes, Guaipum Vieira, Jotamaro, etc; mais

<sup>41</sup> “Já a partir da década de 80, começam a se desenvolver novas formas (principalmente nas cidades) de ver, ouvir e transcrever para o Cordel a realidade emergente; surgem as academias, novos autores, muitos dos quais com nível superior e vindos de uma tradição rural, que partem para reinvencão dessa tradição, unindo uma formação intelectual e erudita (às vezes não) com a memória, com o que ficou guardado da tradição rural e oral. Essa reinvencão- extremamente lucrativa- permite que a suposta ‘morte’ do Cordel não aconteça, ou antes, transforme-se em uma nova vida, que representa ainda mais quem a produz, criando uma espécie de identidade, mesmo que ela seja parcial e esteja também em constante movimento” (Oliveira, 2001, p. 5)

Ex. 13845748



tarde, entre os fundadores do CECORDEL” (2001, p. 62). Este pesquisador, cita ainda na sua dissertação de mestrado, que a “Editora Tupynanquim<sup>42</sup> tem contribuído muito em todo esse processo de ressignificação do Cordel” (*idem, ibidem*).

Estes poetas passam a ressignificar esta poesia através da projeção de seus grupos e escrevem neste século XXI, mais uma página da história do verso dito popular. Dessa forma, não só reacendem esta narrativa, como ocupam outros espaços, como escolas, universidade, seminários etc. Como parte deste processo, em 1991, na cidade do Crato surge a “Academia dos Cordelistas do Crato” e em Juazeiro do Norte a “Sociedade dos Cordelistas Mauditos”, no ano 2000. Este fenômeno denominado de organização dos poetas passa a ser reconhecido pela imprensa local, como identificado no jornal O Povo:

“com a chegada das emissoras de rádio, da televisão e dos jornais que circulam no mesmo dia na mais longínqua cidade do interior, o cordel perdeu a sua força como instrumento de informação e divertimento. Isto exigiu dos que da literatura se alimentavam uma nova postura. Foi através da organização que os poetas sobreviveram a avalanche de informações imposta pela mídia eletrônica”<sup>43</sup> (13 de fevereiro de 2001).

Este jornal revela, a partir desta nota, como os poetas investiram em estratégias necessárias para sua sobrevivência. Ao instituírem-se em grupos, os cordelistas afirmam no cerne do debate da “morte-vida” dessa poesia, que a literatura de cordel está presente, viva, e é retomada com novos usos, não só por seus “antigos” criadores, como por outros autores que ali se lançam. Entre estes, uma significativa presença feminina<sup>44</sup>, que no interior do Ceará, nas cidades de Crato e Juazeiro do Norte tem ganhado destaque e visibilidade.

A conformação destes grupos de cordelistas, realça, talvez, uma transição importante do cordel em sua nova fase. Se antes o poeta circulava pelas fazendas, sítios e feiras, cantando para muitos, sendo ouvido coletivamente nas rodas de amigos e familiares, na nova versão, vê-se não só leitores individualmente<sup>45</sup> consumindo esta literatura, mas, expectadores que assistem aos poetas em grupos, seja em seminários, palestras, ou apresentações artísticas

<sup>42</sup> Editora de cordéis em Fortaleza dos irmãos Klévisson e Arievaldo Viana

<sup>43</sup> Grifos meus

<sup>44</sup> Há que considerar também o leque de escritoras que não fazem parte de nenhuma agremiação literária, que lançam suas obras ou por iniciativa próprias ou ancoradas em alguma entidade patrocinadora que estão no em torno deste campo.

<sup>45</sup> “Ora, se há realmente uma relação entre o autor e o leitor de Cordel, poderemos afirmar, aqui, com certeza, que as modificações no sistema educacional, aumentando consideravelmente a quantidade de leitores, possibilitou que um maior número de pessoas tivessem acesso ao Cordel. Agora, não é mais necessário alguém que leia o folheto para os outros, que não sabem ler, cada um pode ler o seu” (Oliveira, 2001, p. 50)

performáticas. Essas mudanças substanciais indicam, não só como vão se deslocando sentidos que antes eram usuais neste campo, mas também, como aparecem outros significados criados a partir de estratégias criativas para produzir esta literatura.

Se antes a maior parte do público era desescolarizado, hoje muitos sabem ler e escrever, mesmo não tendo freqüentado uma escola, dominam alguns códigos da escrita e da leitura que lhes permitem apropriarem-se das temáticas abordadas nos cordéis. A performance não é mais vista a partir daquele que canta o verso para o encantamento de um coletivo, mas, ao contrário. Agora são grupos inteiros encenando suas leituras, onde o que está em jogo não é somente a demonstração da capacidade do versejar lírico de suas composições, mais, diferenciar-se e mostrar-se vivo na peleja pelo reconhecimento de uma “tradição” que afinal, “teima” em permanecer. O emergir desses grupos no interior de uma dada afirmação da morte do cordel, é sem dúvida alguma um forte elemento caracterizador da concepção aqui disseminada de uma ressignificação atual nessa linguagem poética.

#### 1.1.4 NOVOS AUTORES, LEITORES, TEMAS, CONTEÚDOS E LINGUAGENS NA RESSIGNIFICAÇÃO DO CORDEL

Somando-se a estes três elementos já comentados, isto é, políticas culturais, participação de intelectuais e formação de grupos de poetas, têm-se ainda a entrada em cena de outros autores, leitores, temas<sup>46</sup>, conteúdos e linguagens no campo que compõe a ressignificação do cordel.

Na apresentação do Caderno do “II Ciclo da Literatura de Cordel”,<sup>47</sup> Átila Almeida,<sup>48</sup> diz que em 1972 “surge um público novo, o público universitário, um público de turistas comprando folhetos” (A Literatura Popular em Questão, 1982, p. 11), e que “dentro dessa nova conjuntura mercantilista, a comunidade universitária<sup>49</sup> e o fluxo turístico, passaram a garantir a sobrevivência de nossos cordelistas, se não em termos de rentabilidade, pelo menos em forma de estímulo à criação” (idem). É a partir da década de 1970, portanto, que também começa a emergir, além dos novos autores, um público leitor para essa literatura,

<sup>46</sup> “Compreendendo que a temática influencia o tipo de linguagem usada nos folhetos, devemos, antes de tudo, levar em consideração que, hoje, ela é muito diferente dos temas do romanceiro tradicional nordestino, místico-religioso, heróico, temas esses, que foram substituídos por aqueles, com maior vinculação a um contexto, que, nos últimos 100 anos, transformou-se bastante” (Oliveira, 2001, p. 49)

<sup>47</sup> Este Seminário foi realizado no dia 18 de Maio de 1981 pelo Centro de Humanidades da Universidade Federal do Ceará com o apoio da Secretaria de Cultura e Desporto do Estado. (A Literatura Popular em Questão, 1982)

<sup>48</sup> Palestra de Átila Almeida para o referido encontro (A Literatura Popular em Questão. 1982)

<sup>49</sup> Grifos meus

que em geral, segundo a citação, provêm de setores que não são necessariamente, seu receptor de origem.

Concernentes aos novos autores, embora alguns tenham origem rural ou sertaneja, são urbanos e letrados, como Gonçalo Ferreira, no Rio de Janeiro; Franklim Maxado, na Bahia; Elói Teles, no Crato; Abraão Batista, em Juazeiro do Norte, todos, entre outros, com formação acadêmica. Estes poetas, contextualizados no seu tempo e espaço, inserem, nesta poesia, temáticas que vão desde a visita do Papa ao Brasil em 1980; “as mortes do presidente eleito Tancredo Neves, em 1985, de Luiz Gonzaga, em 1989, de Ayrton Senna, em 1994, e de Frei Damião, em 1997, além de episódios envolvendo personalidades do mundo artístico” (Carvalho, in: Revista Cult, Abril, 2002), que vão, neste sentido, mostrar “a vitalidade do filão circunstancial do folheto” (*idem, ibidem*).

Estes poetas, no entanto, não apresentam novos elementos estéticos. Permanecem rimando nas usuais sextilhas, alguns preferindo mais a setilha ou decassílabos. Suas contribuições são vistas a partir da introdução de novas temáticas que tem haver com seu contexto, menções a personalidades da história universal como Gandhi, Galileu, Papa João Paulo, porém, não rompendo de um todo com o que chamam de temática tradicional, como Padre Cícero, Lampião, cultura popular etc. Estes novos atores que adentram neste gênero poético a partir da década de 1970, se apropriam de códigos lingüísticos (linguagem interiorana, dita matuta) de conteúdos e visão de um “popular” como tradição a ser preservada. São como poetas árcades, vivem nas cidades, mas no seu fingimento poético, retornam ao campo e à simbologia do seu universo.

Do surgimento do cordel até os dias de hoje, muitas rimas rolaram, poetas criaram, temas nasceram. O cordel na atualidade não apresenta a mesma performance. Como diz o pesquisador José Erivan Bezerra de Oliveira, a própria “atualização lingüística que aconteceu na Literatura de Cordel, foi, antes de tudo, de fundamental importância para sua própria sobrevivência, pois a própria linguagem se modificou”(2001, p.49). Estas etapas e linguagens que vão se diferenciando, fundem-se noutra lógica. Essa lógica evidencia a dinâmica inerente que tem as formas de linguagens artísticas e culturais, de moverem-se na realidade.

É dessa nova conjuntura, por exemplo, que surgem na atualidade eventos como os “100 anos de Cordel - A História que o Povo Conta,” coordenado pelo SESC Pompéia, São Paulo. Ocorrido de 17 de abril a 27 de maio de 2001, “o mais longo evento já patrocinado pelo SESC”,<sup>50</sup> reuniu, segundo a revista Isto é Gente a “nata do cordel e do repente”<sup>51</sup>. O

<sup>50</sup> Jornal Estado de São Paulo, caderno 2 Cultura.

<sup>51</sup> p. 32 Diversão e Arte Paula Alzugaray. Ano II. Nº. 91

jornal “Folha de São Paulo” de 16 de abril de 2001, antecipa o evento dizendo: que “no papel e nas telas; na voz dos artistas e na reflexão dos pensadores, as múltiplas faces da literatura de cordel brasileira<sup>52</sup> estarão em exposição (...) no SESC Pompéia<sup>53</sup>.”

A convite do curador da mostra, o jornalista Audálio Dantas, estive presente nesta festa como cordelista e coordenadora do projeto “SEScordel Novos Talentos,” do SESC Ceará, Juazeiro do Norte. Esta viagem rumo ao mundo recriado do ambiente nordestino e literário, me fez ver alguns destes elementos que traço nesta pesquisa.

Ornamentado à característica das feiras que foram o grande espaço de movimentação desta narrativa, mas ao mesmo tempo, reinventado, ou como diria o jornal Estado de São Paulo, incorporando “o conceito de arte armorial, sugerido por Ariano Suassuna, no final dos anos 60 - a tradição popular tratada de forma erudita,” o evento trouxe à tona desde poetas, pesquisadores, músicos, repentistas, xilógrafos, estudantes, professores, enfim. Durante oito dias que permaneci neste espetáculo, mais parecia estar em casa, dado o ambiente “nordestinizado” ou pela presença de amigos da terra como o poeta Abraão Batista, o gravador José Lourenço, o repentista e cordelista Pedro Bandeira, todos de Juazeiro do Norte, além do cantador Geraldo Amâncio, de Fortaleza, conjuntamente com o editor e poeta Klévisson Viana e o professor e pesquisador Gilmar de Carvalho. Tudo parecia familiar, mesmo tendo novo significado.



Recebi certo convite  
Do grande SESC Pompéia  
Que teve a boa idéia  
De fazer a comemoração  
Dos 100 anos de ação  
Dos poetas cordelistas  
Por serem grandes artistas  
Da fada imaginação<sup>54</sup>.

Neste evento estavam presentes poetas como J. Barros, xilógrafos como J. Borges, o cantador Teo Azevedo e o presidente da “Academia Brasileira de Literatura de Cordel” Gonçalo Ferreira que na oportunidade proferiu uma palestra intitulada “Vertentes e Evolução da Literatura de Cordel.” Com estes troquei cordéis, telefones e até endereço eletrônico.

<sup>52</sup> Grifos meus

<sup>53</sup> Arantes, Silvana.

<sup>54</sup> Cordel lançado no evento intitulado “100 Anos de Cordel” de Abraão Batista. Ao lado, foto da direita para esquerda: Oliveira de Panelas, Fanka, Isaura e pessoa não identificada.

Oliveira de Panelas “considerado, hoje, o maior dos improvisadores do Nordeste” logo ficou meu amigo. Foi lá que o vi pela primeira vez em desafio com o cantor Alceu Valença, num show que esgotou a bilheteria. Ali presente, também estava Isaura de Melo Souza, a única mulher cordelista, além de mim, vendendo sua poesia: “O Jeito bom do namoro,” “O Rico e o Pobre- a diferença entre os dois”, e “Lugar de Criança é na Escola,” entre outros. A Autora é de “uma família de poetas - é irmã de Oliveira de Panelas, campeão do primeiro campeonato Brasileiro de Poetas Repentistas”, diz a contra capa de um dos seus cordéis.

O namoro de agora  
Ó putaria danada  
Menina com 13 anos  
Já está tão tarimbada  
Agarra o cabra de um jeito  
Mordendo e dando beijada<sup>55</sup>.

Desse processo observei, não somente o arsenal montado de elementos correlacionados ao mundo do cordel, se entrecruzando, como, viola, poesia, xilogravura, exposição, palestras, oficinas, comidas típicas etc, como também, a impressão de que uma nova conjuntura se orquestrava nas entrelinhas rítmicas desta narrativa brasileira. Com novos títulos à venda,”(in: Isto é Gente, 2001) novos poetas, inclusive mulheres, um público curioso, estudantil, pesquisador etc, a nova cara do cordel brasileiro apresentava-se divulgando desde “Carlos Magno” a “Padre Cícero”, “Fábulas encantadas”, até as “crônicas sociais e políticas”(idem, *ibidem*). A realização deste evento pelo SESC, mostra, por outro lado, como as políticas culturais de algumas instituições são pensadas hoje em prol do fortalecimento e valorização de uma cultura “para manter a tradição”.

Convém se reconhecer  
O valor dessa amostra  
Sendo minha, também ‘nostra’  
Para manter a tradição  
No debate a discussão  
Toda linha do cordel  
E no raio de seu anel  
A cultura, a expressão.<sup>56</sup>

Embora o mundo recriado de acordes e rimas confluíssem para a caracterização já posta e inegável da relação direta desta narrativa com a oralidade, da relação “entre letra e voz, entre palavra impressa e verso cantado, entre leitura e performance” (Carvalho, 1999, p. 264) vi, mais claramente, a partir deste evento, o quão se delineia na atualidade outras

<sup>55</sup> Souza, Isaura de Melo. “O Jeito Bom do Namoro”. Esta autora já publicou entre os versos “Caruaru dos Meus Sonhos”, “A Vida dos Sulanqueiros”, e o “O Impeachment do Collor”.

<sup>56</sup> Batista, Abraão Batista. “100 anos de Cordel”, 2001.

manifestações estéticas que ali vão se relacionando, e hoje com maior força, levando o teatro, a música, a dança etc, para a renovação das páginas impressa do cordel.

A entrada de diferentes poetas neste campo faz desaguar, cair por terra, a definição na atualidade de público ou poeta “específico.” Em sua atual fase coexistem tanto cordelistas ditos populares, como ditos eruditos, urbanos, que passam a escrever essa poesia a partir de diferentes referenciais. Essa situação, no entanto, não é harmônica. A confluência do “velho” e do “novo” revela, no campo instituído do cordel, processos de disputas e reconhecimentos<sup>57</sup>. Enquanto uns mantêm formas consagradas do cordel, outros criam ou renovam usos antigos embora poucos divulgados. Enquanto uns proclamam-se os “verdadeiros” ou “autênticos” poetas, outros são considerados alheios ao meio desta literatura.

Como parte dessa nova geração de poetas, o Jornal o “Valor”, de São Paulo, cita na matéria que tem por título: “*Renovação de temas e rebeldia marcam o trabalho dos poetas do Nordeste reunidos em torno da Sociedade dos Cordelistas ‘Mauditos’*”.

“a mítica Juazeiro do Norte, no Ceará, maior celeiro da poesia popular entre as décadas de 40 e 50, vive o ressurgimento da literatura de cordel.<sup>58</sup> Depois de ver os repentistas, gravuristas e poetas sumirem das feiras e a tipografia São Francisco, principal editora de cordel que já existiu no país, baixar as portas, a cidade do Padre Cícero assiste a uma romaria de autores irreverentes, saídos em parte dos bancos das faculdades, e que dão novo impulso ao folheto. A marca da nova geração é a renovação de temas e abordagens<sup>59</sup>, ainda que não se queira macular a estrutura do cordel - mais difundido em sua versão impressa nas seis linhas de sete verso da sextilha, (sic) forma nem sempre seguida pelos jovens autores”(Jornal O Valor, 10 de Maio de 2000).

Este jornal, ao passo que visualiza a existência desse novo grupo de cordelistas, vindos da “mítica Juazeiro do Norte”, efetivamente não só afirma a “renovação” temática que vem ocorrendo nesta literatura, neste caso, através da Sociedade dos Cordelistas Mauditos, como sua ressignificação, dado que estes, não só polemizam temas atuais, como introduzem outros usos, vistos a partir da intertextualidade que fazem com outros códigos literários e extraliterários<sup>60</sup>.

<sup>57</sup> Ver capítulo mais adiante sobre posições dos grupos “Sociedade dos Cordelistas Mauditos” e “Academia dos Cordelistas do Crato”.

<sup>58</sup> Grifo meu

<sup>59</sup> Grifos meus

<sup>60</sup> Sobre esses novos usos da Sociedade dos Cordelistas Mauditos ver capítulo mais adiante.

Na produção de cordel que é retomada a partir da década de 1970, os temas são por mais diversos. Nas décadas que se seguem, principalmente em 1990, os poetas falam de “ecologia”, exaltam filósofos como Arquimedes, e se deparam, em 2000 com os “500 anos de Brasil”, “AIDS”, “homossexualidade”, “gênero feminino”, campanhas eleitorais, etc.

Dessa “renovação” anunciada do cordel surge no interior desse campo um interessante debate em torno da questão de sua autenticidade. Antes pergunto: o cordel é inautêntico em relação à tradição oral? Para muitos esta atual fase é de (des)significação dessa narrativa, posto que entendem alguns pesquisadores e poetas, que essa literatura tem uma área específica de apresentar-se, não podendo, desta forma conviver com códigos alheios ao meio em que foi criado. O pesquisador Câmara Cascudo, por exemplo, refletindo sobre os novos autores que emergem nesta poesia diz que: “essa literatura de que você fala é filha particular da literatura de cordel, tem a autenticidade inspirativa, mas não tem a legitimidade expressional <sup>61</sup>. Não é do homem do povo, do poeta popular” (apud Oliveira, 2001, p. 8).

Sobre esta discussão acerca da autenticidade, Canclini salienta que: “tanto os tradicionais quanto os modernizadores quiseram construir objetos puros”, (1981, p, 21). Tudo isso serviu, segundo ele, para “organizar os bens e as instituições. O artesanato ia para as feiras e concursos populares, as obras de arte para os museus e as bienais” (*idem, ibidem*). Desta feita, criou-se uma dicotomia entre “popular” e “erudito” sendo em geral muitas vezes o “popular” compreendido como tradição, e visto sob uma perspectiva de pureza onde não poderia jamais caber novos significados, dado que perderia sua veracidade e autenticidade.

De acordo com os elementos acima citados, ou seja, a conformação de um campo cultural composto por política culturais, públicas e privadas, participação de intelectuais, formação de grupos e finalmente a entrada em cena de novos atores, leitores, temas, conteúdos e linguagens <sup>62</sup> para o cordel, constrói-se e interrelaciona-se um processo que vai propiciando a ressignificação em que passa essa literatura. Entre os sujeitos emergentes dessa narrativa, destaca-se a presença feminina, cujo acervo em Crato e Juazeiro do Norte, cada vez mais crescente, leva-me a considerar que essa ressignificação do cordel na atualidade traz como um dos elementos mais significativos desse processo em curso, a participação das mulheres como autoras.

<sup>61</sup> Grifos meus

<sup>62</sup> Gilmar de Carvalho também fala das novas tecnologias como suportes na permanência do cordel salientando que “as tecnologias podem servir para difundir as formas tradicionais e estar a serviço do produtor” (in Revista Cult, abril, 2002, p. 48)

## 1.2 A PRESENÇA FEMININA TECENDO A RENOVAÇÃO DO CORDEL

A partir dessa ressignificação do cordel, as mulheres autoras desse gênero poético em Crato e Juazeiro do Norte, vêm gradativamente ganhando maior visibilidade, sobretudo a partir de 1990. Até então, ainda estavam invisíveis, no mundo do privado ou da oralidade. Suas aparições, portanto, estão diretamente vinculadas a este processo de “transformação” em que passa hoje o cordel, como também, dadas as conquistas destas no espaço público. As mulheres como autoras dessa poesia apresentam, além da novidade temática com que gestam seus poemas, a confirmação de que ali inseridas como um dos novos atores neste campo literário, abrem mais um capítulo da história do cordel no Brasil.

No âmbito geral, as poucas mulheres que existiam no campo estudado como autoras, antes de 1970, viviam num contexto mais próximo da oralidade<sup>63</sup>, convivendo com as cantorias e pelejas, enquanto que a nova safra esculpe no papel o versejar hodierno influenciando uma crescente substituição desta oralidade pela narração escrita, versando outras temáticas, que não apenas o cangaço, a seca, a religiosidade etc.<sup>64</sup>

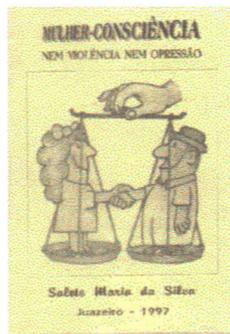
### **“do Cariri pro Brasil quero me manifestar...”**

Assim começam os versos do primeiro cordel de Salete Maria, escritos em 1997. “Mulher –Consciência/Nem violência nem opressão”<sup>65</sup>, é um cordel-panfleto de 14 páginas em sextilha, que vai não somente denunciando a “matança”, o “estupro”, e o sofrimento das mulheres brasileiras, mas também, responsabilizando o seu criador: “o mundo capitalista”. A poesia, esbarrando na dor, reporta, denuncia e clama. Relatando as leis vigentes e a defasagem dos Códigos Civil e Penal, em relação aos direitos femininos, a autora nos seus versos, embora veja a necessidade de se divulgar as conquistas existentes, reage dizendo que “a lei somente é pouco/ é preciso decisão/ sem atuação política/ não há emancipação”.

<sup>63</sup> É o caso, por exemplo de Maria das Neves Batista Pimentel, filha de Francisco das Chagas Batista, que escreveu seu primeiro cordel em 1935. Maria das Neves, embora letrada, é descendente de uma família de cantadores da Serra do Teixeira, entre estes, seus parentes Nicandro e Ugolino Nunes da Costa.

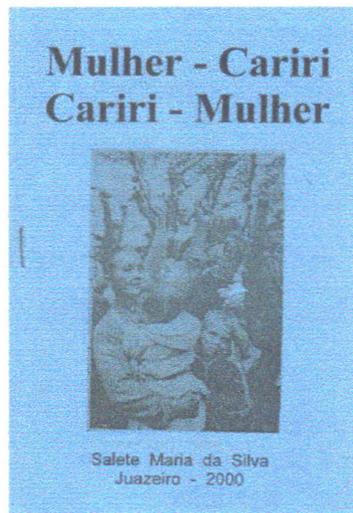
<sup>64</sup> Nas novas temáticas são abordados assuntos como aids, ecologia, a luta das mulheres, dos homossexuais, críticas contundentes à situação política do país, etc.

<sup>65</sup> Este cordel foi reeditado em 2000 e 2001 para ser distribuído nas constantes passeatas que ocorreram nestes anos, em razão do auto índice de violência contra a mulher na região do Cariri.



A vitória não se espera  
É preciso conquistar  
A luta começa hoje  
Basta você se engajar  
Acredite, companheira  
Nunca é tarde pra lutar.<sup>66</sup>

Com o mote “Eis a Mulher Cariri”, esta autora também lançou, “Mulher-Cariri-Cariri-Mulher”, um cordel de 4 páginas, em setilha, que traz na capa uma foto “escaneada” de uma mobilização de trabalhadores, cuja imagem, destaca uma mulher de punho erguido com um bebê nos braços. Esta poesia fala das reivindicações feministas locais, como a delegacia de mulheres, ao mesmo tempo em que serve como homenagem, realçando nos versos os nomes daquelas que participam do movimento organizado de Juazeiro do Norte, tais como, Iris Tavares, Claudia Rejane... e a beata Maria de Araújo.



Íris, sinônimo de arte  
Não há como confundir  
Claúdia Rejane e Nininha  
A esquerda faz sentir  
Maria José de Sales  
Poesia contra males  
Eis a mulher Cariri

Você que lê este verso  
Chegou a vez de unir  
A força que a gente tem  
Não é só para parir  
Vamos chegar lá um dia  
Salve a beata Maria!  
Eis a Mulher Cariri.<sup>67</sup>

O lançamento deste cordel não se deu de forma convencional, como de costume, foi exibido (conjuntamente com ‘mulher, Amor não rima com AIDS’) na passeata das mulheres por ocasião do dia 8 de março, Dia Internacional da Mulher. Foi neste dia que fiz minha primeira entrevista com a autora, após a manifestação da qual também participava. Diz ela sobre este cordel:

“o cordel mulher Cariri foi um “ensaite” que tive porque eu queria mostrar que reside na região do Cariri não só a mulher do prefeito, dita primeira dama. Não é suficiente que ela seja representada por uma radialista, por uma vereadora que em geral é da direita, entendeu? Então eu quis botar

<sup>66</sup> Silva, Salete Maria da. “Mulher Consciência nem Violência - nem opressão”, 1997.

<sup>67</sup> Silva, Salete Maria da. “Mulher-Cariri-Cariri-Mulher”, 2000.

neste cordel (...) a idéia que o Cariri é feminino porque tem um contingente de mulheres X e eu vou dizer como é que são essas mulheres, aí eu elenquei uma série de profissões e coloquei que a mulher do Cariri não é aquele dita pacata, apática, que existe um setor de mulheres que se organizam politicamente (entrevista, 24 de Junho 2001).

Construído a partir de um narrador feminino que intertextualiza com cirandas, cantigas de roda e ninar presentes na cultura local, esta autora publica na mesma temática feminista, o cordel: “Embalando Meninas em tempo de violência.” Buscando provocar no leitor, através da sensação de familiaridade com este código musical e “popular”, uma reflexão sobre a crescente onda de violência de que são vítimas as mulheres, relembra de maneira lúdica, a “velha” cantiga de infância que é conscientemente modificada: “Terezinha de Jesus/ de uma queda foi ao chão/ alguém viu um cavaleiro/ com uma faca na mão/ depois de um tiro certo/dilacerou por inteiro/o seu jovem coração.”

Este cordel, segundo a autora, nasceu, motivado pelo crescente número de assassinato de mulheres na região do Cariri, no primeiro semestre de 2001. As mortes prematuras de 11 pessoas<sup>68</sup> do sexo feminino, vitimadas por homens com os quais elas se relacionavam, provocaram na autora, que sempre escreveu sobre o tema, a necessidade de denunciá-los, “mormente para as próximas gerações”- diz ela. Este cordel teve destaque no Jornal local, quando do seu lançamento no SESC Juazeiro, ao qual na oportunidade teve um debate sobre o tema, o artigo diz:

“Salete Maria, advogada e ex-candidata a prefeita de Juazeiro do Norte pelo PCdo B, nas últimas eleições, manifesta toda a sua indignação em relação a violência que vem assustando toda a região contra a mulher. O fenômeno da violência contra a mulher se tornou um problema crônico. Sobre este tema Salete já escreveu ensaios, matéria para jornais e quatro cordéis. Entre eles “Embalando Meninas em Tempo de Violência”, que mostra de maneira dramática o que hoje se pode fazer: ‘cantar’ para embalar o sono das futuras gerações, e “Mulher Consciência - Nem Violência Nem Opressão”, que trata dos números assustadores da violência contra a mulher no Cariri. Essa é a arte interagindo com a realidade em prol de uma sociedade mais justa, que dê condições para as mulheres de atuarem seus papéis junto à família e a comunidade (Jornal do Cariri junho de 2001).

<sup>68</sup> Este cordel foi lançado no dia 18 de junho de 2001 e esses dados estatísticos de morte de mulheres são apontados pela autora em entrevista.

O texto ainda reporta o papel do SESC como entidade preocupada “com a situação da mulher caririense”, que “abre suas portas para receber a comunidade para um debate pautado no cordel de Salete Maria” (idem).



“Marido que bate, bate  
marido que já bateu’  
quem não agüenta calada  
conhece quem já morreu  
eis o que diz a moçada  
à noite pela calçada  
sobre o que aconteceu.”<sup>69</sup>

Com capa talhada pelo xilógrafo Maércio Lopes, do mapa do Brasil, Sebastiana Gomes de Almeida Job, Bastinha, poeta cratense vinculada a “Academia dos Cordelistas do Crato”, lançou em Abril /2000, dentro das comemorações dos 500 anos do país “Brasil 500-Comemorar o Quê?”. Esse cordel, escrito em estrofes de dez versos, mostra não só a utilização de temas da realidade atual, como também, uma postura mais crítica por parte dos poetas ante a situação política brasileira. Essa postura crítica, por exemplo, é vista com maior destaque através da “Sociedade dos Cordelistas Mauditos” quando lançaram seu pacote de 12 cordéis sobre os “500 anos do Brasil,” pelo poeta Abraão Batista, que à época também escreveu: “O Descobrimento que não foi”. A poeta Bastinha “que conta em verso e protesta” diz:



Ah!, meu querido país  
completas 500 anos  
quero ver-te bem feliz  
concretizando teus planos;  
encontra, pois, teu progresso  
foge de tanto insucesso  
que cruza esta tua estrada;  
são os votos do poeta  
que conta em verso e protesta  
tua odisséia jornada.

O texto, ao mesmo tempo em que homenageia, (aqui temos um problema com a idéia de classificação, apesar do texto ser de caráter político e denunciador, também é uma homenagem ao Brasil) seu país, localiza sua crítica contra os desmandos do poder, desde a colonização, quando os “europeus nas caravelas/ empurrados pelas velas/ farejando o rico chão” aportaram por aqui até os dias de hoje.

<sup>69</sup> Sobre este cordel o pesquisador José Erivan diz referindo-se inclusive a esta estrofe: “e a demonstração da criticidade desse texto ‘maudito’ se estabelece na advertência final, provocando que a mulher conquistou seus espaços e que não é mais a mesma que agüentava a opressão masculina” (Oliveira, 2001, p. 56)

Ao fazer uma intinerância nesses “500 anos de formação”, o cordel cita os cinco séculos da historiografia brasileira condensados em versos claros e críticos: “houve regências, regentes/ permanente, provisória/ e muitas constituintes/ passaram por tua história/ e veio coronelismo/escravidão, servilismo...(…) passaste por ditadura/ foi uma página humilhante/ de terror e de tortura/do opressor dominante... No sétimo verso desta obra, o narrador pergunta ao seu “querido Brasil” de quem es independente: “independente de quem?/ daqui, dali, ou d'além?/ de Portugal, Inglaterra/Tio Sam, FMI/ A quem se quer iludir/ dizendo ser nossa a TERRA?.

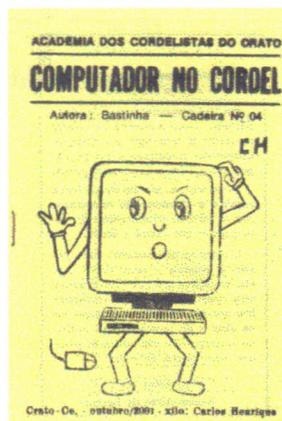
Os versos de Bastinha não denunciam somente a submissão do Brasil frente aos países citados, como também, a exploração do povo “injustiçado, excluído/ (...) sem terra, sem teto, nada/num país de palhaçada”; e exprime, numa visão ecológica a defesa da natureza quando anuncia: “Mata Atlântica que já foi/ abatida igual um boi”. Seus versos além disso fazem a defesa da arte e da cultura: “tão rica, tão verdadeira”. E cita mostrando toda sua erudição: Castro Alves, Jorge Amado, José de Alencar, Machado, Euclides, Catulo, Zé da Luz”e o “gênio que é Patativa”. Seu cordel não perde de vista o fio condutor de seu estilo, mostrando com maestria, através destes versos as privatizações feitas hoje no Brasil, o Menino de Rua, Aids, Prostituição etc. Vê-se aqui, em Bastinha, como se dá nos novos temas que circulam na nova safra de cordéis.

500 anos de espera  
do teu povo brasileiro  
que torce, na próxima era  
livrar-te do cativo  
dos grilhões, foste liberto  
mas teu rumo está incerto...  
confiar em qual PODER?  
Quem faz a lei deita e rola  
Com o JUIZ reparte a "bola"  
Quem MANDA só faz vender.

O computador no cordel não poderia faltar.<sup>70</sup>Com este tema, Bastinha situa uma nova era, da informática, da tecnologia, inclusive utilizada pelo poeta para publicar seus poemas. Diz a autora em entrevista: “eu fiz um curso de computação no SENAC, aí eram 3 livros, então eu fiz o resumo dos três livros nesse cordel”, inicialmente, com “estrofes de seis, no

<sup>70</sup> "O computador chega também à Literatura de Cordel e, ao que parece, vai dar a tônica da produção a partir de agora. Mesmo os mais reticentes já se quedaram à praticidade de seu uso e à possibilidade da não dependência de grandes esquemas para produzir" (Oliveira, 2001, p. 80)

segundo livro eu fiz de 7 e a última em décima. O pessoal pergunta: ‘só pode fazer cordel de 6 de sétima’? Ai eu misturei pra saber que pode e eu fiz uma estrofe com 12”<sup>71</sup>.



ww ponto com  
ponto com e ww  
sei que não é nada bom  
falar assim do diabo  
e um w subtraí  
à métrica, eu garanti;  
chegamos à internet  
Norte, Sul, Leste, Nordeste  
A ordem é navegar!  
Ampliar os horizontes  
Beber água de outras fontes  
Num acesso, num clicar.

Em Voto do Matuto Desiludido, cordel escrito por Bastinha em linguagem dita matuta, o narrador narra a miséria do povo, sobretudo, sertanejo, lançando um questionamento sobre os políticos que só aparecem, segundo o texto, em dias de eleição.

Às vezes que já votei,  
Nos dedo num conto mais;  
Nesses homens confiei  
Confiei inté demais;  
Mais o que vejo é triste  
Quarquê cidadão desiste  
Pur ver a sua nação  
Igual a uma sucata  
Entregue assim às barata  
Pur culpa desses ladrão!

Mais num é só no sertão  
Qui si iscuta esses lamento,  
Quage todo cidadão  
Tá no mermo sofrimento;  
Inté nas cidades grande  
Onde o progresso se expande  
E se pensa qui é mió,  
Mais o canto da pirua  
Com toda força insinua:  
Tá pió, pió, pió...

Este cordel recebeu elogios de um dos grandes poetas e também seu amigo, Patativa do Assaré, o qual, através de carta exalta o “seu trabalho agradave.” Patativa está entre um dos maiores amigos e admiradores da poeta, mantendo com a mesma uma assídua

<sup>71</sup> Entrevista realizada em dezembro de 2001.

correspondência. Deste, a poeta recebeu (e muito gentilmente nos cedeu para este trabalho) belíssimas cartas, entre elas esta que segue, onde o poeta maior a chama de “colega” “conterrana”, “querida” “Bastinha você é fogo!”, “seus versos me agradam”, “achei uma camarada”, “poetisa professora”, “minha camarada”, “você sabe criticá”, “você nasceu com o dom”, “sua palavra é boa”, “minha boa poetiza”.

### **Colega Bastinha**

Minha colega Bastinha,  
Recebi os seus foiêto,  
Você segue a mesma linha,  
Se mete aonde eu me meto,  
Você tá vivendo aí,  
Mas porém nasceu aqui,  
É colega conterrana,  
É água da mesma onda,  
Você, da Serra redonda  
E eu da Serra de Santana

Você derne a sua infança  
Tá vivendo aí no Crato,  
Mas conhece a cerconstança  
De quem veve aqui no mato,  
Vejo que conhece um pôco  
Do linguajá do cabôco  
Que diz fruta em vez de fruta,  
E rima bem consciênte  
Dizendo aquilo que sente  
Na poesia matuta

Istudou tem instrução  
De gramata e português,  
Mas conhece as ispressão  
Do matuto camponês,  
Em simpre e rude language  
Ofrece bôa mensage  
Com carinho e com amô,  
Sabe dizê e sentí  
O quanto padece aqui  
O desprezada inleitô

Minha querida colega  
Bastinha, você é fogo!  
Dá um bonita isfrega  
Na cara dos demagôgo,  
Estes seus versos me agrada,  
Achei uma camarada,  
Não vou mais andar sozinho,

Vou lutá com mais corage  
Porque de dois na viagem  
Incurta mais o caminho

Poetiza professôra  
Não tenha mêdo do bicho,  
Arraste a sua bassôra  
Pra diminuí o lixo,  
Diminuí a sujêra  
Desta nação brasilêra,  
Nos seus verso você diga,  
Mas diga mesmo raiando  
Que os mandantes tão pensando  
Que pobre não tem barriga

Diga minha camarada  
Com os seus verso pra frente,  
Mêta o pau nesta cambada  
E defenda a nossa gente,  
Neste istilo populá  
Você sabe criticá,  
Sabe vê tudo e discobre  
A fome e o disimprego  
E esta praga de mucêgo  
Que chupa o sangue dos pobre

Três foiêto recibí,  
Tou bastante agradicido,  
Destes três eu preferí  
“Matuto desiludido”,  
Você nasceu com o dom,  
Seu palavreado é bom,  
No meu modo de jurgá  
Seu foiêto de cordé  
É o retrato fié  
De um poema sociá

Minha bôa poetiza,  
O seu trabalho agradave  
É grande e medonha pisa  
Nesses cara irresponsave  
Eu agradeço contente,  
Pra mim este presente  
Vale mais que ôro in pó,  
Vale mais do que dinhêro,  
Vou aí lhe dá um chêro  
Mode agradecê mió.

A partir de agora aparecerão neste trabalho importantes cartas de Patativa do Assaré endereçada a Bastinha. Essas cartas revelam não só a aproximação que a autora tem com este poeta, como também, devido à sua forma e linguagem, segue um ritual de cantoria, pejeja, de cordel. Essas cartas versadas, por outro lado, reforçam a figura dele como alguém que legitima o trabalho desta escritora. Não é qualquer pessoa que está a dizer que nela (Bastinha) encontrou “uma camarada”. Todo campo tem seus legitimadores, Patativa é um destes e por ser considerado um dos maiores poetas “populares” brasileiros, estar numa posição simbólica que é determinante para exercer tal função, para exercer esse veredicto. Essas cartas, portanto, é a moeda simbólica, o passe, que funciona para o reconhecimento de Bastinha como poeta de cordel.

A carta de Patativa revela também a aproximada de estilos deste com a poeta, quando diz “você segue a mesma linha, se mete aonde eu me meto”. A denúncia presente nos textos da autora remete à própria obra de Patativa, que muitas vezes utilizou o cordel para criticar governos, políticos, etc.

Patativa do Assaré nesta carta-verso saúda a sua “querida colega” e chama a mesma a continuar a versar “neste istilo popular” sem que “tenha medo do bicho,” pois pra “diminuí a sujeira/ desta nação brasileira” é preciso que se “diga,” “mais diga mesmo raiando como faz a “poetisa professora”. O poeta encontra em Bastinha, que “sabe criticá” uma “camarada” e agradece contente os “foieto” por ela enviado que para ele, “vale mais que óro in pó/ vale mais do que dinhêro”. Notadamente, a figura do Patativa do Assaré reconhece Bastinha nesta ressignificação do cordel, o papel das mulheres como autoras, legitimando-a.

Este capítulo que por ora se fecha, sem entretanto dizer-se acabado, posto que a obra está aberta a futuras reflexões, teve a pretensão de assinalar os principais elementos que compõem parte do campo cultural do cordel em sua atual ressignificação.

## CAPÍTULO II

### 2. MOTE VIVO NA PENA DO POETA

O Cariri foi desde as primeiras produções do cordel brasileiro um espaço difusor e produtor desses versos. Caracterizado como baluarte dessa literatura, detentor de variadas expressões artísticas, entre elas gravuras e esculturas, vê-se, atualmente, reascender, nesta região, a antiga chama desta narrativa poética. Este gênero literário na realidade cultural do Cariri, se mantém na ordem do dia como um mote vivo na pena do poeta.

Apresentando-se como palco de vastas histórias e lendas,<sup>72</sup> essa região onde habitaram os índios Cariris (Pinheiro, 1963), conheceu lutas e batalhas singulares como a “Sedição de Juazeiro”, “Caldeirão do beato José Lourenço”... entre outros fatos importantes. Sendo um lugar onde teve passagem marcante o grupo de cangaceiros de Lampião, é ainda reconhecida pela sua religiosidade, manifestações culturais, e pelo verde da Chapada do Araripe, uma natureza que resiste no mapa do Ceará.



Próximo à cidade do Crato com o nome de caldeirão pois pedras lá encontradas em forma de panelão foi o palco o cenário da grande destruição.<sup>73</sup>

Destas realidades emergem, portanto, a extrema diversidade do Cariri- “uma nação de mestiços Tapuia que têm em comum a mesma formação histórica e cultural” (Rosemberg Cariri, mimeo), e onde, segundo o historiador Irineu Pinheiro, teria como destaque importante na cidade do Crato “cousa singular!- a primeira mulher republicana no Brasil, dona Bárbara Pereira de Alencar” (Pinheiro, 1963, p. 30).

Das presenças de João de Cristo Rei, Patativa do Assaré, Manoel Caboclo...Eloi Teles... foi erguendo-se nesta região, uma importante criação artística desta narrativa. Ao contrário do que propagava alguns pesquisadores em suas caracterizações fúnebres, os versos de cordel ressurgem das cinzas do postulado acadêmico, e nascem novos poetas, nova poesia.

<sup>72</sup> Entre tantas, encontra-se uma da mais conhecida: a “Pedra da Batateira”, narrada em cordel pelo poeta Eloi Teles.

<sup>73</sup> Araújo, Maria Rosimar. “O Caldeirão do Beato José Lourenço”.

Como exemplo José Flávio, poeta da nova safra<sup>74</sup> de cordelistas de Juazeiro do Norte, citado em artigo do Jornal do Cariri pela sua “dissertação poética”, que fala do meio ambiente:

“O cordel ‘cuide bem do meio ambiente pra dar qualidade à vida’, é uma dissertação poética recheada de exemplos, de uma consciência ecológica em todos os aspectos como, não jogar lixo nas ruas, em casa, colocá-los em sacos de plásticos bem fechados para ser recolhido. O cordel traz ainda exemplos de estudantes que poderiam ajudar na melhoria do meio ambiente” (Jornal do Cariri, 4 de Novembro de 1998).

O Cariri apresenta um forte movimento cultural composto de vários segmentos artísticos que se destacam inclusive fora do seu espaço geográfico. É assim por exemplo que se fala do gravador Mestre Noza, expoente da xilogravura de Juazeiro do Norte, que teve exposição realizada em Paris. Outros como o gravador Francorli e o poeta Abraão Batista, que participaram de eventos internacionais, levando a cultura local ao extrapolamento de suas fronteiras.

Esse movimento cultural caririense tem se tornado cada vez mais visível. Seja pela presença diária de intelectuais e pesquisadores que se deslocam para este “caldeirão cultural” e que abrem para as páginas da academia este universo não oficial, dito popular, criativo, religioso...um lugar que por “ser encantado revela-se”<sup>75</sup>. Ou ainda, pelo investimento de políticas culturais que promovem suas manifestações ditas “populares” e que levam para outros cenários os traços de uma arte compreendida como “tradicional.” Essa dinâmica na nova produção do cordel, por exemplo, rendeu ao SESC Ceará o prêmio, já citado, Rodrigo de Melo, cuja referência a este a revista FECOMÉRCIO, órgão de divulgação do SESC-SENAC-IPDC, fez o seguinte comentário:

“O Sesc Juazeiro numa iniciativa brilhante, vem, há algum tempo, desenvolvendo um projeto de revitalização da produção cordelista do Cariri, uma tradicional manifestação da cultura popular que conheceu na década de 40 seu apogeu e que vinha enfrentando um longo processo de descaso e abandono (...) atento a este processo de degradação de um patrimônio histórico da cultura popular foi lançado o SESCordel Novos Talentos, com o claro objetivo de promover a publicação de novos autores de cordéis, dando vez e voz a jovens

<sup>74</sup> Além deste destaca-se Mutuca, Abraão Rodrigues, Sebastião, Stênio Diniz, entre outros

<sup>75</sup> O Cariri é conhecido como um lugar encantado em razão de seus mitos e lendas.

escritores que tinham seus trabalhos engavetados”  
(Novembro/Dezembro, ano III, n. 28, 2001).

Para esta revista, que trás artigo sobre este assunto e cujo título é: “SESC Ceará ganha prêmio do IPHAN”, o poeta Abraão Batista escreveu os seguintes versos:

O SESC-CE mostra  
Trabalho, força e ação  
Promovendo os cordelistas  
Com o nível da amplidão  
Pelo projeto sescordel  
Recebeu a premiação

O IPHAN deu para o SESC  
Um prêmio de bom valor  
Por ser o Sesc, do cordel  
O seu maior divulgador,  
Que a nível nacional  
É o Sesc incentivador.

Nesta região, o cordel não foi colocado em xeque – mate, como pensaram alguns estudiosos do tema, ao revés, foi dinamizado. No Cariri, sua produção continua sendo significativa e é escrito por uma gama de novos poetas, por grupos organizados como a “Academia dos Cordelistas do Crato” e a “Sociedade dos Cordelistas Mauditos”, respectivamente de Crato e Juazeiro do Norte. O fio condutor que atravessou décadas impulsionando uma extensa criação de versos e xilogravuras, é um guia útil para compreender, talvez, o intenso fazer poético que permanece na atualidade nesta região<sup>76</sup>, inclusive motivando a organização destes agrupamentos, tanto local como da capital. Para José Erivan Bezerra de Oliveira: “O Cariri, seja pela tradicionalidade, que sempre exerceu na produção, seja pela força com que ainda produz, influencia a produção (de cordel) em Fortaleza” (2001, p. 23).

Neste universo, a figura da mulher como autora vem se destacando, e chamou-me a atenção sua crescente participação nesta poesia. Sua presença atual não determina, no entanto, uma ausência no seu passado, pois sabemos da existência, mesmo que pequena, de mulheres no campo da cantoria, ou participando como colaboradoras em programas de rádio, tal qual do radialista Eloi Teles “Coisas do Meu Sertão”, no Crato, voltados para poesias de estilo “brejeiras”, como chamava o poeta Eloia<sup>77</sup> sobre as composições poéticas ditas matutas.

<sup>76</sup> “No caso específico do Ceará, desde o início do século, o Cordel se manifestou principalmente no Cariri, tendo essa área abrigado durante muito tempo a maior parte do público leitor existente” (Oliveira, 2001, p. 65)

<sup>77</sup> apelido de Eloi Teles de Moraes, poeta da Academia dos Cordelistas do Crato.

Em razão dessa efervescência cultural na região, há uma maior difusão em jornais, revistas, TVs e internet da arte cariariense. Aparecem cada vez mais em cena poetas, grupos, bandas cabaçais, violeiros, xilógrafos, enfim. Mantém-se e renovam-se dia-dia um acervo de repertórios os mais diversificados onde tradição e modernidade se misturam, se imbricam e ressignificam-se.

## 2.1 ROMARIA DOS VERSOS

Juazeiro do Norte é conhecida sobretudo em razão do mito Padre Cícero. Considerada cidade sagrada, a “Nova Jerusalém sertaneja” (Carvalho, 1999)<sup>78</sup> localizada no sul do Ceará, é propagada também por ser na geografia cariariense um espaço privilegiado que gestou um forte movimento cultural, em que a literatura de cordel obteve, entre outras manifestações artísticas, um destaque especial pela sua produção, difusão e consumo.



Juazeiro é uma cidade  
Que nasceu da oração  
Da fé e da união  
Do povo que aqui morava  
Do trabalho artesanal  
Em flande, em ferro e em pau  
Que Padim Ciço ensinava<sup>79</sup>.

O cordel, em determinado momento, exerceu e exerce forte disputa simbólica. O fato de Padre Cícero ser um dos maiores motes desta narrativa não é por acaso. A tensão religiosa gerada em Juazeiro do Norte propiciou a sedimentação de um movimento cultural e religioso neste cenário, onde o grande ator e personagem principal não foi a beata Maria de Araújo<sup>80</sup>, mas sim o Padre Cícero Romão Batista. Enquanto a Igreja Católica execrava seu membro, Padre Cícero, o povo o ovacionava e o exaltava cada vez mais. O poeta usou e ainda usa o cordel para propagar suas idéias e defender este “santo”.

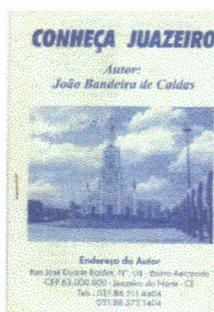
<sup>78</sup> “O Nordeste se encontra neste espaço místico, como se tudo tivesse se irradiado a partir daí, como se Juazeiro do Norte fosse o núcleo da grande explosão inicial e a diáspora sertaneja se reconhecendo neste eterno retorno. Aqui é para onde se volta e de onde se parte, sempre, num processo que nunca se fecha. Nem que seja um único caminhão ou um solitário pagador de promessas, não há um dia sequer que não chegue à cidade um devoto desgarrado” (Carvalho, 1999, p.113)

<sup>79</sup> Mutuca, Zé. “Em defesa de Juazeiro”

<sup>80</sup> “O certo é que, das várias listas de títulos sobre Padre Cícero, pouquíssimos folhetos referem-se de maneira explícita ao milagre, e quase nenhum título cita o nome de Maria de Araújo, a beata que, embora leiga, pobre e mulher, foi santificada pelo povo” (Kunz, 2001, p. 19).

Na fazenda tabuleiro grande  
Iniciou-se a pequena povoação  
Com a capela da Mãe das Dores  
E doze casinhas na circulação  
Dali se iniciava a cidade  
Juazeiro do Pe. Cícero Romão<sup>81</sup>.

A história mítica de Juazeiro do Norte inicia-se em fins do século XIX, exatamente no dia 6 de março de 1889, (Carvalho, 1999, p. 55) quando um fato inusitado, um “fenômeno”, eclode nesse pequeno lugarejo: o “milagre” da hóstia na boca de Maria de Araújo, uma mulher negra e beata que “ao comungar (...) entrou em estado de êxtase, no momento em que a hóstia teria se transformado em sangue” (Paz, 1998, p. 76). Este fato, conhecido pela historiografia da cidade preludeu um dos mais intensos confrontos entre a ortodoxa Igreja Católica e o movimento leigo religioso popular em Juazeiro, que tinha à sua frente Padre Cícero Romão Batista.



Sim, a Beata Maria  
De Araújo, tão singela  
Também está no Museu  
E essa Beata é aquela  
Que a Santa Hóstia Sagrada  
Em sua boca colocada  
Transformou-se em sangue nela<sup>82</sup>.

Nesse sentido a gente se pergunta: foi o cordel o maior divulgador de Padre Cícero, ou este o maior divulgador do cordel? Não querendo entrar no mérito desta discussão, o fato é que, segundo João de Cristo Rei, poeta paraibano que se radicou em Juazeiro do Norte na década de 1930, ao mostrar ao padre seus versos sobre “uma moça que estava contando histórias do outro mundo” o padre havia lhe dito: “você de ora em diante vai ser poeta (...) faça o que você quiser e fizer, que tudo quanto você quiser e fizer eu dou por bem feito” (Antologia de Literatura de Cordel, 1978, p. 145) e assim o poeta viveu de sua lira e sustentou sua família até a morte.

Vou descrever a batalha  
Da guerra de Juazeiro,  
Para se vê entre a luta  
De metralha e fuzileiro,  
O poder de meu padrinho  
A vitória do romeiro.<sup>83</sup>

<sup>81</sup> Neto, João Pedro C. “Juazeiro Primitivo” João Pedro C. Neto

<sup>82</sup> Caldas, João Bandeira de. “Conheça Juazeiro” .

<sup>83</sup> História da Guerra de Juazeiro em 1914- João de Cristo Rei

Na literatura de cordel, este personagem que muitas vezes se confunde com a história da própria cidade tornou-se, segundo Gilmar de Carvalho, o centro de um dos “chamados ciclos temáticos, tendo inspirado um corpus que vai de seu nascimento à morte, sendo invocado para ilustrar eventos contemporâneos, na tessitura de um texto coletivo de grande força e significado” (1994, p. 74). O “padrinho” como é popularmente chamado pelos seus adeptos, teve ainda como atribuição do povo do seu lugar o papel de fundador de Juazeiro do Norte, e que o mesmo teria movido esta cidade, sobretudo, através da máxima de que toda “casa de Juazeiro deveria ter seu oratório e ser uma oficina”. (Carvalho, 1999). Para este autor, “essa apologia do trabalho, em pequena escala e diversificado, contribuiu para atrair para a cidade um grande número de artífices e artistas e é responsável pela riqueza da produção arsenal e pela qualidade da arte popular que Juazeiro apresenta” (*Idem, ibidem*), sendo neste sentido, um dos maiores legitimadores da cultura local e por conseguinte da literatura de cordel.



A vinte e quatro de março  
nasceu nosso salvador  
padrinho Cícero Romão  
luz divina do amor  
do Brasil ao estrangeiro  
seja nosso protetor<sup>84</sup>

Segundo a Antologia da Literatura de Cordel “no Ceará, os primeiros cordéis impressos datariam provavelmente, das primeiras décadas deste século. As informações que temos, revelam a edição de cordéis no Cariri, nas oficinas do Jornal ‘O Rebate’, fundado pelo Pe. Cícero, em Juazeiro” (1978, p. 17). O pesquisador Gilmar de Carvalho diz que:



“neste mesmo ‘O Rebate’, vamos encontrar os primeiros poemas e folhetos de Leandro Gomes de Barros e Cordeiro Manso, sob a rubrica ‘Lyra Popular’, sem dúvida um ponto de partida para a intensa produção que se desenvolveria nesta cidade, a partir da década de vinte, com José Bernardo da Silva” (2001, p.23)<sup>85</sup>.

<sup>84</sup> Santos, Antônio Domingos dos. “Nascimento, vida e morte do Padre Cícero”.

<sup>85</sup> Ao lado foto de José Bernardo da Silva na década de 1930

Juazeiro do Norte transformou-se em um dos maiores centros de referência do cordel nordestino. Para lá convergiam dezenas, centenas de pessoas que, motivadas por uma forte crença religiosa no Padre Cícero, faziam desta região um lugar singular de diversidades.

“Juazeiro tornou-se ponto de convergência nordestina e por conta de uma contínua romaria ao sacerdote, formou-se um público que já conhecia e consumia folhetos. Foi esse o percurso do romeiro alagoano José Bernardo da Silva, de vendedor de ervas e raízes a um dos mais importantes editores de literatura popular” (Carvalho, 1994, p. 68).

Desde a década de 1930 que Juazeiro do Norte produz e exporta a literatura de cordel na região. Esta realidade foi propiciada pela existência da tipografia São Francisco, de propriedade de José Bernardo da Silva<sup>86</sup>. Do zig zag maquinário da prensa cortante desta gráfica, surgem dois jovens poetas: Manoel Caboclo<sup>87</sup> e Expedito Sebastião da Silva, este último, alcunhado de “operário da palavra”, “profissional da rima” pela pesquisadora Martine Kunz (1997, p. 7 e 10). O “artesão da rima” tem seu primeiro verso datado de 1948, intitulado: “A moça que depois de morta dançou em São Paulo” (Antologia de Literatura de Cordel, 1978, p. 99). Dedicado ao ofício de sua poética, Expedito influenciou vários novos autores, disseminando o cordel com temas os mais díspares.



“Com o coração em luto  
cheio de melancolia  
neste pequeno folheto  
vou narrar em poesia  
de Zé Bernardo um resumo  
da sua biografia.”<sup>88</sup>

Essa romaria de versos, no entanto, tão comum em Juazeiro do Norte, não encontrava eco na pena feminina. As mulheres como autoras ainda não ocupavam este espaço. Estas

<sup>86</sup> “é certo que Juazeiro passou a contar com poetas de folhetos antes da chegada de José Bernardo da Silva, (...) fixado na cidade, na década de 20 (...), um deles teria sido João Mendes de Oliveira” (Carvalho, 1999, p. 139)

<sup>87</sup> “O menino veio para Juazeiro e foi vendedor de lenha até agregar-se, por volta de 1938, como aprendiz, à folhetaria de José Bernardo da Silva. Inicialmente, catava aparas de papel, depois passou pela composição e impressão e começou a escrever, fato que atribuiu à convivência, no espaço da gráfica, com os grandes nomes da poesia” (Carvalho, 2000, p.13).

<sup>88</sup> Silva, Expedito Sebastião da. Resumo biográfico de José Bernardo da Silva, apud Kunz, 2000. Ao lado foto de José Bernardo da Silva e família, gentilmente cedido por seu filho, Lino.

começam a aparecer e divulgar seus cordéis a partir da ressignificação dessa literatura. Elas aparecem como sujeitos concretos da ressignificação dessa poética, concomitantemente, sendo responsáveis neste campo, pela própria ressignificação em que passa esta narrativa.

A ressignificação do cordel mantém o mito atualizado. O tradicional ícone religioso do catolicismo popular: Padre Cícero é abordado em três cordéis femininos, por ocasião das eleições do Cearense do Século. Tendo a vitória nas urnas que foram espalhadas por todo o Ceará, o patriarca novamente é retomado nos versos: “Padre Cícero R. Batista O Cearense do Século” de Rosimar Araújo e Maria Rosário, ambos com o mesmo título e “Padrim Cícero o Cearense do Século” de Josefa da Costa.



Sendo eleito, venceu  
Foi bom e foi merecido  
Pois Padre Cícero, Padim  
Nunca será esquecido  
O nordestino consagrou  
É nosso santo querido<sup>89</sup>.



Foi Pe. Cícero Romão  
Quem a eleição ganhou  
Mostrou o quanto é querido  
Pelos votos que tirou  
O Ceará com carinho  
O seu nome indicou.<sup>90</sup>



Juazeirense escute  
E preste bem atenção  
Em toda minha vida  
Foi a melhor eleição  
Quem ganhou nessa partida  
Foi meu padrim Cícero Romão<sup>91</sup>

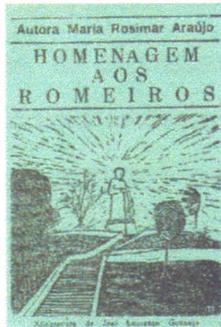
Valoriza-se nesta retomada do cordel a cultura religiosa, “popular”, através do velho mote: “meu padim, padim Ciço”. Revisitado, o mito não morre, ao revés, encontra-se ainda presente, inclusive pelas mãos da poeta, da mulher escritora, que tece na rima dos seus versos a antiga presente crença no santo milagreiro.

<sup>89</sup> Araújo, Maria Rosimar. “Pe. Cícero R. Batista o Cearense do Século”.

<sup>90</sup> Lustosa, Maria do Rosário. “A escolha do Cearense do Século com a vitória do Padre Cícero”. 2001

<sup>91</sup> Santos, Josefa Costa dos. “Padrim Cícero o Cearense do Século”.

Na temática do cordel em Juazeiro do Norte outro personagem começa a ser destacado neste universo, são os seus fieis, peregrinos ou “romeiros”, como são mais comumente conhecidos os adeptos do Padre Cícero. Assim, para retrata-los, cito duas obras, uma da poeta Rosimar Araújo, “Homenagem aos Romeiros”, um libelo em verso que saúda estes protagonistas das romarias que visitam e “encantam” diariamente esta cidade “santa”, e outro de Fridna Moreira da Costa também intitulado: “Homenagem ao Romeiro”.



O nosso romeiro  
Sempre reza e canta  
Não se cansa nunca  
Nossa terra encanta  
Para ele Juazeiro  
É uma terra santa.

Em verso quero fazer  
Uma grande homenagem  
Ao romeiro peregrino  
Que faz a sua viagem  
Em cima de um caminhão  
Ou em qualquer condução  
É católico de coragem.

De fins do século XX para cá, arrolou-se no cerne dessa poética um importante corpus de cordelistas que, pretendendo versar sobre o mundo, degustaram com a força da palavra, um real, regional e nacional, somando-se ao universo do cordel “tradicional”. Nesta cidade “que é centro de romaria em adoração a Padre Cícero e tradicional reduto de manifestações populares como a cantoria<sup>92</sup> e a poesia popular, viu surgir em abril de 2000 a Sociedade dos Cordelistas Mauditos” (Zeni, In: Revista Cult, Abril, 2002). Na luta dos contrários, em território sagrado e bendito, os Mauditos, fizeram sua aparição em primeiro de abril de 2000, apresentando uma abordagem crítica dos 500 anos do “descobrimento” do Brasil.

Como comemorar 500 anos  
Vivendo dessa maneira  
Um país que é só planos  
A cair na ribanceira  
Um dos maiores do mundo  
Considerado um vagabundo  
Ate parece brincadeira<sup>93</sup>.

<sup>92</sup> Nesta cidade, somam-se ainda ao seu “clima” cultural, as manifestações do repente de viola. Cantadores como os irmãos, Pedro e João Bandeira, são alguns dos nomes influentes na cena regional e nacional, que incidem ainda mais na dinâmica cultural dessa região.

<sup>93</sup> Batata. “Agora são outros 500- um passeio pela carniça”, 2000.

Vale salientar, no entanto, que o cordel sempre exerceu historicamente influências no povo nordestino e vice-versa. É um veículo artístico produzido pelos poetas, seja para divulgar o religioso, ou o fantástico da sua cultura, como também, vem sendo utilizado atualmente como estratégia de campanha político eleitoral, regra geral, empregado para promover candidatos a prefeitos, deputados, governadores etc. Em Juazeiro do Norte essa característica é marcante. As campanhas eleitorais são fortemente marcadas pela utilização do cordel como instrumento de comunicação com a população. Para defender ou atacar, os candidatos da região sempre recorreram ao cordel para tentarem dialogar com os eleitores. Os poetas, por sua vez, ou expressam suas opiniões, ou como ocorre mais freqüentemente, recebem o patrocínio para confeccionarem um trabalho que chamam de “encomenda”, pago pelo candidato a fim de o promoverem.



Num comício, certa noite  
Encontrei com um eleitor  
Fui dando boa-noite a ele  
E lhe disse: faça o favor  
Informe-me dos candidatos  
Dizendo-me qual o melhor<sup>94</sup>.

Nas últimas eleições para prefeito de Juazeiro do Norte, 2000, o cordel mais uma vez esteve presente. Na oportunidade, três cordéis marcaram a última campanha, entre estes, dois cordéis do poeta Abraão Batista intitulados: “Engana-me, que eu gosto” versão I e II. Estes, referem-se à candidata a prefeita pelo Partido dos Trabalhadores (PT) e também poeta, Iris Tavares, como “dama da enganação” que diz “muita besteira,” sugerindo que a candidata vá “ciscar noutra terreiro para poder cocoricar”, ou ainda a chamando de “matriarca do cão”, pois “sua língua é só fedor”.

O cordel com forte ataque pessoal, sugere ainda que esta “vá à igreja da matriz” pedir perdão já que a mesma é “comadre do satanás”. Na versão II, o poeta sintetiza seu pensamento dizendo que o “satanás quer ser eleito/travestido de MULHER/ oras monta um martelo/ outra vez uma colher/mexendo no caldeirão/pra dar papa a Lucifer”. O cordel aqui, ganha um novo uso, ao ser utilizado como panfleto eleitoral, como estratégia de propaganda política, e neste caso específico, refletindo alguns valores morais. Neste sentido é que os cordéis do poeta Abraão Batista foram apreendidos, por serem caracterizados como de ataque

<sup>94</sup> Batista, Abraão. “Porque o Eleitor Vota em Carlos Cruz e Raimundo Macedo”, 1988.

moral e pejorativo, sobretudo num dado momento histórico em que duas mulheres<sup>95</sup> colocavam-se frente a uma disputa pública no campo das eleições em Juazeiro do Norte.



Esse verso é dirigido  
A dama da enganação  
Uma mulher candidata  
Que alimenta confusão  
Dizendo muita besteira  
No palanque pra multidão<sup>96</sup>

Sobre essa questão, a poeta e candidata à prefeita, sujeito da pesquisa, ao ser entrevistada, teceu seus comentários a respeito do cordel lançado pelo poeta Abraão Batista, onde não só denuncia o que para ela foi um “crime”, como também aborda um dos conceitos difundidos na região sobre o que é a literatura de cordel:

“(...) o cordel na cidade de Juazeiro ele tem uma história muito forte em relação à questão mística religiosa, (...) uma relação muito forte com o sentimento ético das pessoas (...) ele praticou um crime. (...) Na capa do cordel ele transgride a moral da imagem porque existe uma mulher de pernas abertas, saindo serpentes da cabeça (...) Ai vem o outro lado do crime, além de ter feito esse crime contra a linguagem do cordel, contra o simbolismo que o cordel carrega ele praticou outro crime moral e ético contra a família, porque ele fala de uma mulher, de uma mulher que tem nome e o nome dela é Íris Tavares. (...) Inclusive até uma coisa que eu me senti muito, não como Íris, mais como mulher, porque ele fala da coisa mais pura que tem, que é a maternidade, então quando ele diz que o meu ventre é o ninho do cão, isso é uma coisa muito forte.(...) E naquele momento algumas pessoas diziam pra mim, ‘você tem que responder isso, você vai ter que responder isso’, e não respondi, respondi sim nos meus comícios (...) e eu abria um parêntese não para responder, mais pra me defender”.

Vê-se que a poeta compreende esta narrativa como uma possibilidade educativa no que tange à formação de uma ética. Para ela, os conteúdos dos cordéis de Abraão Batista ferem a dignidade da “mulher”, da “família”, e da “maternidade,” não sendo portanto (tais versos), merecedores de reconhecimento já que “a literatura de cordel deve ser uma coisa que

<sup>95</sup> Iris Tavares e Salete Maria

<sup>96</sup> Batista, Abraão “Engana-me, que eu gosto”, 2000.

deve ser muito cuidada.” Para ela, este cordelista descaracteriza o significado do cordel quando ele “perde o sentido ético” que ali deve ter. “Nessa produção do Sr. Abraão, ele fugiu totalmente desses parâmetros. Ele assassinou uma trajetória da literatura de cordel”, diz Iris Tavares.

A poeta Esmeralda Batista também esteve presente como autora nestas eleições. Seu cordel “Pela Paz Sem Comunismo” que traz na primeira página a frase “FORA PT! Fora agora!” é mais um cordel, agora escrito por uma mulher, com a temática eleitoral. Neste, a autora critica a ação dos “sem terra”, Fidel Castro, Luis Inácio Lula, e a candidata a prefeita Íris Tavares.



Não sou lá de fanatismo  
Muito menos aparecer  
Está difícil sabemos  
Em quem votar, escolher  
Eu só sei que eu não quero  
Nem Lula nem o PT.<sup>97</sup>

O cordel aqui, foi colocado como algo vivo na dinâmica corrente do cotidiano da cidade de Juazeiro. Saindo dos usos frequentes como “cornos”, “histórias de assombração”, “folclore”, “Padre Cícero”, etc, os cordéis de Esmeralda e Abraão Batista falam da realidade do dia a dia, no caso, as eleições municipais. Essa estratégia tem como objetivo mantê-lo atualizado, mesmo que permaneça oscilando entre uma tradição baseada nos costumes morais e a introdução de novas acepções de pensar o mundo. É nesse confronto que o “velho” e o “novo” se deparam e revelam quão frágil é o sentido de autenticidade nesta área.

Interessa observar que, no campo do cordel, não existe uma uniformidade de pensamentos. A autora, a partir do combate à candidata, Íris Tavares, revela no campo desta narrativa o quanto não existe uma “tradição” linear de idéias compartilhadas. A visão, por exemplo, por ela defendida, compartilha de uma crítica ao sistema comunista, ao mesmo tempo em que realça a fé em “Jesus”, “Padre Cícero” e “Deus.” No ângulo oposto, por exemplo, outra poeta, Salete Maria, diferentemente de Esmeralda Batista, afirma sua crença numa sociedade socialista, auto-intitulando-se de “comunista e engajada”. As mulheres poetas são diferentes, social e politicamente, e refletem, portanto, em sua poesia, esse conflito ideológico. Diz um dos versos de Salete Maria, intitulado, “cordelirando”:

<sup>97</sup> Batista, Esmeralda. “Pela paz sem comunismo”, 2000.



Amar e mudar a vida  
É o que me interessa  
Nunca fui a preferida  
Também nunca tive pressa  
Creio no socialismo  
Abaixo o obscurantismo  
Ser livre é bom a bessa<sup>98</sup>.

Em Crato e Juazeiro do Norte, as mulheres autoras reforçam a idéia aqui defendida, que o cordel brasileiro tem um novo perfil, que ressignifica-se e o faz ter novamente um importante papel social, seja como veículo de propaganda eleitoral, como denuncia da violência contra a mulher, como leitura educativa contra males e doenças infecciosas, ou resgate da história do seu lugar

Isso não quer dizer, entretanto, que as mulheres também não versem sobre os temas de origem do cordel, ou mesmo que não sofram influência deste contexto masculino. Segundo o jornal “O Povo”, de Fortaleza, “uma pesquisa realizada somente com mulheres cordelistas revela que, apesar de atuante, a figura feminina ainda é utilizada, inconscientemente, para reforçar os velhos valores patriarcais” (Walney, O Povo, 16 de Janeiro, 2000). Porém, apesar desta constatação, elas instituem e inauguram, paralelamente neste campo marcadamente masculino, outras temáticas, outras formas de pensar o mundo...

Essa atual fase do cordel em que novos poetas e usos se alinham nas linhas da poesia dita popular, não é possível entendê-la sem compreender tanto as formas mais elaboradas em que ela hoje é produzida, redefinindo seus conceitos de origem, como ainda, a sua retomada, privilegiando a chamada cultura popular.

Neste sentido é que, pelas mãos da poeta Josenir Amorim, o povo do seu lugar ganha voz e vez. “Dona Chica” “que mora no pé da serra/ no sítio Tamarineira”, “a estória de Lilia” que ela guardou sem “pretensão” “nos corredores da mente”; as feiras onde se encontra “Mané de dona Raimunda; enfim, “gente da gente” que com o seu “linguajar cearense” vai “enriquecendo a história” da região do Cariri. Na maioria dos seus versos as pessoas simples, com suas alegrias e tristezas ganham forma, expressão e vida. Seus cordéis trazem a valorização da chamada cultura popular onde o “saber do povo” e o “valor da devoção” são resgatados, ressignificados, para seu “amigo cordel” “divulgar amplamente.”

<sup>98</sup> Silva, Salette Maria da. “Cordelirando”, 2001.



A vida é um grande arquivo  
Guardando muitas histórias  
Cada história um grande crivo  
De derrota, fama ou glórias  
Cabe ao historiador  
Contar tudo com amor  
Preservando na memória<sup>99</sup>

Para compreensão do sentido aqui exposto de ressignificação do cordel, foi visto, tanto um campo cultural, composto de políticas culturais (privadas e públicas), a presença de intelectuais, criação de grupos de poetas e finalmente, a emergência de novos autores (entre estes a voz feminina), leitores, temas, conteúdos e linguagens, como um campo empírico. A existência desse campo empírico (a região do Cariri como um lugar especial de produção do cordel), é peça fundamental e intrínseca para compreensão desse processo, no qual uma crescente produção feminina aparece e apresenta um acervo de obras, cujas características vão desde a valorização do “popular” como a ruptura com alguns dos seus aspectos considerados conservadores.

<sup>99</sup> Lacerda, Josenir Amorim Alves de. “Dona Chica”.

### CAPÍTULO III

#### 3. MULHERES AUTORAS NA RESSIGNIFICAÇÃO DO CORDEL

O cordel fez da história a notícia e a disseminação de um universo cultural marcado por conflitos sociais, violência, ideologias e sabedoria. Além disso, este representou para muitas pessoas e poetas um instrumento importante para o processo de alfabetização no sertão e era o “cordel um domínio do homem”<sup>100</sup> (Slater, 1984, p. 27).

No início do século XX, sem jornais, rádios, TVs e poucas escolas, o cordel proliferou por vários estados do Nordeste e rimou: amores e intrigas secas e religião... Desse período citado até fins da década de 1970, no Cariri, a mulher cordelista ainda estava invisível, não publicava oficialmente. Segundo Candance Slater “apesar de poder-se encontrar um ocasional folheto escrito por mulher no Nordeste, praticamente todos os profissionais são homens”<sup>101</sup> (*idem, ibidem*). O cordel pertencia a um domínio preferencialmente masculino como atesta as citações acima, e as poetas não eram destacadas neste universo escrito. “A idéia de que a natureza das mulheres as destine ao silêncio e à obscuridade está profundamente arraigada em nossas culturas (...) as mulheres permanecem durante muito tempo excluídas da palavra pública” (Perrot, 1998, p. 59).

Durante a grande efervescência do cordel nordestino, do seu início até a década de 1970, mais especificamente, a mulher como autora, com raríssima exceção, ainda, não tinha obtido espaço de visibilidade pública, notadamente não ocorrendo o mesmo com o poeta dito popular, que por ser homem, desnudavam os sertões em viagens, participando de feiras, cantorias, eventos artísticos, enfim. Isto fez com que, de fato, esta narrativa fosse caracterizada como uma “literatura de folhetos do Nordeste, escrita por homens”<sup>102</sup> (Terra, 1983, p. 17).

As mulheres do sertão, mesmo convivendo e assistindo àquele contexto rico em poesia, participavam de outros afazeres, em geral, os domésticos, ou trabalhavam na roça. Na maioria dessa camada social, aliás, nota-se o alto índice de analfabetismo, do qual as mulheres também eram vítimas. No cordel “Cidadania nome de Mulher”, a autora Salete Maria exemplifica essa falta de espaços femininos quando diz:

<sup>100</sup> Grifos meus

<sup>101</sup> Grifos meus

<sup>102</sup> Grifos meus

“Quando minha bisavó  
vivia pelo sertão  
era um tempo de aperreio  
era grande a precisão  
mulher não tinha direito  
pro homem tudo era feito  
só ele era cidadão.

Era comum se ouvir  
Que mulher vive é calada  
Faz a vontade do homem  
Para não ficar ‘falada’  
A mulher era um objeto  
Casava pra ter um teto  
E cuidar da filharada<sup>103</sup>

No entanto, embora as mulheres “não escrevessem” cordéis, outrora, vale ressaltar, elas estiveram umbilicalmente ligadas ao contexto deste fazer literário, muitas vezes “auxiliando os maridos ou pais, quando autores, a escrever e rever estórias” (Slater, 1994, p. 27). Sua ligação a este meio social, possibilitava a leitura por outros mecanismos e “a leitura é, na realidade, e à sua maneira, inventiva e criadora” (Chartier, p. 7 mimeo). Neste sentido é que podemos afirmar que as mulheres, não estavam ausentes do mundo do cordel, já que participavam de outra forma, elas estavam ausentes como autoras.

Desde fins do século XIX até meados do ano de 1970, com raras exceções, como a produção de Maria das Neves Batista Pimentel,<sup>104</sup> falar de literatura de cordel no Nordeste do Brasil era, sobretudo, falar de uma produção marcadamente masculina: Leandro Gomes de Barros, João Martins de Athaíde, Zé Pacheco, João de Cristo Rei, Pedro Bandeira... só para citar alguns dessa enorme gama de poetas que se construiu nessa literatura nordestina. Essa poesia escrita pelos homens, no entanto, não reserva a estes o poder da exclusividade, embora as condições políticas, sociais e conseqüentemente culturais, colocadas para si mesmos tenham sido historicamente melhores.

Apesar da quase inexistência de bibliografia sobre a presença feminina no cordel, encontrei, durante esta pesquisa, um importante trabalho intitulado: “uma voz feminina no mundo do cordel”, sobre a cordelista Maria das Neves Pimentel, de Maristela Barbosa. No prefácio deste livro Heloísa Buarque de Holanda, faz o seguinte comentário:

“a escrita de Maria das Neves para efetivamente  
lograr a transgressão do cânone marcadamente

<sup>103</sup> Silva, Salete Maria da. “Cidadania-Nome de Mulher”, agosto de 2001

<sup>104</sup> poeta paraibana filha de Francisco das Chagas Batista que usava um pseudônimo masculino: Altino Alagoano nos anos de 1935

masculino da literatura de cordel popular, teve que travestir-se, simular-se e assinar-se Altino Alagoano, máscara necessária para a conquista da palavra poética livre e para rompimento com a tradição familiar dos Batistas que, desta forma, é reescrita mas nunca reproduzida” (1993, p. 7).

Forma encontrada pela poeta, “autora disfarçada” para driblar o mundo patriarcal à sua volta, Maria das Neves Batista Pimentel, escreveu três cordéis: “O Corcunda de Notre Dame” e “O Amor nunca Morre” (1935), e em 1938, “O Violino do Diabo ou o Valor da Honestidade”<sup>105</sup> (Mendonça, 1993, p. 48). “Todos os folhetos que foram vendidos na livraria de meu pai ou que foram impressos, tinham nome de homem, eram homens que faziam, não existia naquele tempo folheto feito por mulher, e eu, para que não fosse a única...” (apud Mendonça, 1993, p. 16) diz a poeta em relato para a pesquisa que resultou no livro já citado.

Muito perto de Paris,  
Numa cidade morava  
Um velho capitalista,  
Que do nome se orgulhava  
Só um filho possuía  
E a ele idolatrava.<sup>106</sup>

Baseado nas relações patriarcais a literatura de cordel nordestina apresenta um amplo corpus dessa narrativa, onde visivelmente se encontra a discriminação, não só racial, como também sexual, da mulher, vista entre outras opiniões, como a cadeia, o elo mais fraco da espécie humana, fatia repartida da costela de Adão. Diz o poeta:

Quando Deus criou o mundo,  
Isso fez com muita fé  
Em volta ao mar profundo  
As árvores cresciam em pé;  
Mares, montanhas e florestas  
Sem acreditar são Tomé,  
Para no paraíso habitar  
Não disse faça-se quiser,  
E de uma costela de Adão  
Fez uma linda mulher!<sup>107</sup>

Vê-se no grande acervo de cordéis nordestinos, escritos pelo poeta homem, uma produção literária que ostenta várias visões sobre a mulher. Em geral, “acusam de benditas as

<sup>105</sup> “O primeiro tem 27 páginas e 100 estrofes, o segundo, 42 páginas e 160 estrofes, e o terceiro, 48 páginas e 241 estrofes”.

<sup>106</sup> Alagoano, Altino. “O Amor nunca Morre” pseudônimo de Maria das Neves Pimentel.

<sup>107</sup> Rodrigues, Abraão, “A mulher e seu espaço social na sociedade”

que são virtuosas e de malditas as infieis” (Oliveira, 1981, p. 30). Para os poetas algumas são frágeis, sublimes, “o mito da bondade feminina”, enquanto outras, por outro lado, revelam o acentuado machismo do poeta “popular” colocando-as como “mulher propriedade ou submissa ao homem”, ou mesmo “malditas” ou seja, “impiedosa, intrigante (...) o mito da maldade que a encaminha para um mundo pecaminoso: o social” (*idem, ibidem*).

José com ela brincando  
Às vezes dizia assim  
-Maria tú ês um anjo  
tão sagrado para mim  
que enquanto eu existir  
nosso amor não terá fim<sup>108</sup>

Devido o privilégio  
Que ela era criada  
Se sair com uma amiga  
Pelos pais era privada  
Só ia para qualquer canto  
Pelos pais acompanhada<sup>109</sup>

Por deusa do Cabaré  
Ela foi classificada  
Porque a sua beleza  
Por nenhum era igualada  
Por isso entre as mulheres  
Era a mais desejada.<sup>110</sup>

Estes poetas, inseridos em sua realidade, refletindo ideologias do seu contexto “não era apenas um artista e fornecedor de informações não disponíveis localmente, mas também um intérprete digno de confiança”(Slater, 1984, p. 42). E ainda,

“experienciava coisas que os outros não podiam conhecer. Esse conhecimento fazia dele um exemplo de ‘corretor cultural’ ou pessoa que intermedia grupos voltados para a comunidade e outros voltados para a nacionalidade, devido à sua posição em conexões cruciais ligando o sistema local ao todo maior” (*idem, ibidem*).

Dado o fato de que o cordel vem de uma tradição oral, podemos dizer, em certo sentido, que as mulheres nesta poética, sempre estiveram presentes. Sua presença é verificada neste universo pelo grau de mediação exercida através da literatura oral contando histórias, lendas e causos entre seus familiares. Elas comandavam o espaço do privado, e atuavam como

<sup>108</sup> Apud Oliveira, 1981, p.34

<sup>109</sup> *idem*, p. 37

<sup>110</sup> *idem*, p.59

atrizes coadjuvantes neste campo. “A memória da mulher é verbo. Ela está ligada à oralidade das sociedades tradicionais que lhes confiava a missão de narradoras da comunidade aldeã” (Perrot, 1989, p. 15).

Com a retomada do cordel, que se dá motivado pela nova produção e difusão já citada, a partir da década de 1970, passa-se a encontrar publicamente e mais visivelmente uma produção dessa linguagem no gênero feminino<sup>111</sup>. Sua presença começa a ser similar à masculina quando apresentam-se como autoras. Vai-se gradativamente modificando esta relação com o mundo oral para o campo da escrita. De antigas receptoras passam para emissoras explícitas, talhando sobre a linguagem da poesia, sua rima. A mulher quase inexistente nas antologias de cordel, adentra e desvenda os mistérios dessa lírica, produzindo, em crescente demanda, versos os mais variados. Sobre essa participação mais massiva das mulheres neste campo, a poeta cratense Mundinha Torquato diz:



“antigamente havia muito tabu, a mulher era muito discriminada, mais hoje o que está acontecendo? as mulheres estão evoluindo muito nesta parte cultural, política, há muita evolução e eu to pensando que a mulher vai fazer muita coisa daqui pra frente. Eu queria ter uns vinte anos a menos, porque eu não cuidei logo desse meu lado” (Agosto de 2001)<sup>112</sup>

A imagem da mulher refletida na literatura de cordel espelha a conquista desta nos espaços públicos<sup>113</sup>. Neste sentido é que Nely Novaes Coelho afirma, que “só através dessa perspectiva - a de um mundo em mutação acelerada de suas antigas bases- é que se pode compreender melhor as transformações que se vêm processando na voz feminina que, nestes últimos cinqüenta anos e cada vez com mais força e essencialidade, se vem fazendo ouvir na literatura brasileira”(1993, p. 14), incluindo aqui, digo, a literatura de cordel.

<sup>111</sup> “(...) nessa década a mulher aumentou muito sua participação também na PEA (População Economicamente Ativa, que engloba as trabalhadoras ocupadas e as desempregadas, com exceção das empregadas domésticas). No setor primário (agropecuário) as mulheres passaram de 9,6% da PEA em 1970 para 12,7% em 1980. No setor secundário (indústria), de 12% para 16,6% e no setor terciário (comércio e serviços) de 38,2% para 43,1%” (Toledo, 2001, p. 91)

<sup>112</sup> Ao lado, foto de Maria Rosimar Araújo e Mundinha Torquato.

<sup>113</sup> Segunda Cecília Toledo “apesar de todos os problemas políticos que enfrentou, o movimento feminista dos anos 60 e 70 foi fundamental para a luta pela emancipação da mulher. Nesse período as mulheres fizeram grandes conquistas: o direito ao divórcio na Itália e o direito ao aborto na França, Itália, Inglaterra e Estados Unidos. Sua voz foi ouvida no mundo inteiro e elas ajudaram, com mobilizações massivas, a enfraquecer a opressão em todos os âmbitos, a fortalecer a causa de todos os oprimidos”. (2001, p. 90 e 91)

### 3.1 “EIS UM CARIRI MULHER”

Além dos elementos supra citados que conformaram um campo cultural para a ressignificação do cordel, a presença feminina no contexto estudado tem a ver, também, com o forte movimento da cultura caririense, campo empírico de minha investigação. A maioria das mulheres autoras de cordéis de hoje tiveram contato com esta narrativa na infância ou adolescência, seja através de seus pais, avós, ou pela presença marcante da existência de poetas conhecidos da época circulante em seu meio. A história pessoal das cordelistas caririenses com esta poesia está quase sempre vinculada com sua infância e adolescência.

No entanto, as mulheres que hoje se apresentam no campo do cordel caririense são diferentes das suas antecessoras. Outrora, sua participação estava legada ao mundo oral. Se em geral estavam cuidando do lar ou na roça, e sequer tiveram acesso à educação formal, as mulheres que hoje ocupam este campo literário são letradas, sendo algumas com nível superior chegando a pós-graduadas. Participam do mundo público não como narradoras de um teatro oral, mais como escritoras, poetas que sabem ler e escrever e publicam suas obras.

Suas aparições públicas iniciais no Cariri, como poetas, são vistas a partir do programa radiofônico, “Coisas do Meu Sertão”, dirigido pelo futuro primeiro presidente da Academia dos Cordelistas do Crato, Elói Teles. No início deste programa, 1960, poucas mulheres destacavam-se publicamente na chamada poesia popular caririense, caso de Nair Silva. Em Juazeiro, esta desenvolvia as ações culturais “folclóricas” da cidade através do Instituto Cultural Caririense - ICVC, onde tomou posse em 1974. Nair era professora, musicista, seresteira...poeta! para ela, Patativa do Assaré escreveu quando da sua morte: “Nair, a segunda vida/a nossa eterna guarida/segundo o que agente lê/o paraíso é sem fim/preparar um lugar para mim/bem pertinho de você!” (Rodrigues, 1999, p. 12). Esta autora, todavia, não escrevia versos nos moldes conhecidos do que se denominou chamar cordel, fazia versos, porém, “brejeiros<sup>114</sup>”, enlaçados pelo ritmo poético chamado matuto. Segundo o radialista e poeta Elói Teles, Nair foi “a primeira grande colaboradora do seu programa de rádio ‘Coisas do Meu Sertão’” (*idem, ibidem*).

Seu moço me arresponda  
mesmo sem titubiá  
pru quê é Qui eu escuto o raído,  
e num oiço oçê falá?

<sup>114</sup> designação feita por Eloi Teles para caracterizar a poesia matuta caririense

Responda seu moço, num nega,  
Pru favô num negue não,  
Pra Qui foi, Qui nunca mais,  
Eu escutei cum prazer  
O programa mais mió,  
Das Coisas do Meu Sertão...<sup>115</sup>

A poeta, que é também musicista e dramaturga cratense, Mundinha Torquato, diz que para este programa escreveu muitas poesias. Desde “1985 que eu faço poesia para o programa de seu Elói. Eu tenho várias poesias matutas: “Desespero de Moça Velha,” “Encontro de Cristo com Satanás,” “Sertão Bonito...”<sup>116</sup> Apesar da intensa produção, Dona Mundinha (como *ela* é conhecida) só veio a publicar seu primeiro verso de cordel da forma convencional, em 1998, no “SESCordel Novos Talentos”, projeto anteriormente citado no capítulo anterior.

Era também através desse espaço difusor que a jovem escritora, Sebastiana Gomes, recebia a forma poética do cordel, para mais tarde versar sobre o mesmo:

“Seu Elói tinha esse programa, no rádio, que tá fazendo, parece, 35 anos esse ano, eu fiz esse cordel com 30 anos de programa (referindo-se ao cordel 30 Anos de Sertão- Preto a Elói Teles de Moraes), mas quando eu era menina, que ele fazia esse programa na antiga Rádio Araripe, do Crato, eu era menina assim de 13, eu já dava quadrinha pra ele ler no programa dele. Fazia quadrinha, fazia trova (...) inclusive foi por isso que ele me convidou pra Academia, porque ele já me conhecia desde menina” (2000).

Nascida no ano de 1931, em Juazeiro do Norte, filha de Vicente Bezerra Batista e Maria José Conceição, Maria Esmeralda Batista surge como precursora<sup>117</sup> desse tipo de literatura na região do Cariri. Edita em 15/04/1984: “O Ser de Não Ser e a Verdade”, uma defesa em versos, do irmão poeta, Abraão Batista, que teria sido agredido moralmente, segundo diz o cordel, pelos políticos de Juazeiro. Este cordel, de 8 páginas, inicia invocando Deus, o onipresente criador do céu, da terra, do mar e da inteligência do homem. Traz na sua capa uma xilogravura (sem autoria expressa), onde foram talhados dois desenhos: um pássaro com uma rosa no bico, e uma estrela suspensa no ar. Na contracapa desta obra, o nome do seu patrocinador: Gráfica Sobreira. Diz um dos versos:

<sup>115</sup> Poema de Nair Silva retirado do livro “Nair, sempre! A marca de uma mulher”

<sup>116</sup> Entrevista com Mundinha Torquato maio de 2001

<sup>117</sup> Precursora no modelo editorial conhecido do cordel

A você caro leitor  
Dedico meu versejar  
Invocando o Deus que fez  
O céu a terra e o mar  
A inteligência a do homem  
E a força do seu falar.<sup>118</sup>

A poeta Esmeralda Batista, enfermeira aposentada, fala que seu contato com o cordel deu-se desde cedo: “eu vi aqueles homens na feira, cantando... ‘O pavão misterioso’, ‘A princesa das trevas’, cresci vendo isto”. Mais tarde, a convite do irmão, que teria sido seu grande incentivador, inicia seu processo de criação, e passa a editar seus cordéis, em geral, motivada por algum evento ou acontecimento político importante. “O Sertão pro Lampião”, por exemplo, foi lançado em 7.7.1997 no seminário sobre o tema, ocorrido no Memorial Padre Cícero. Cordel de 12 páginas, em sextilha, este cordel traz na capa uma xilogravura retratando alguns símbolos do cangaço, como o chapéu, que está envolto de uma arma de fogo e um punhal. Ao redor desta imagem talharam-se algumas rosas, como que atenuando a violência que estes símbolos impõem. Tal gravura é obra do poeta e artista plástico, também seu sobrinho, Hamurabi Batista. Este cordel foi lançado no evento “100 anos de Lampião”, sob o patrocínio da Loja Irapuã e SECULT (Secretaria da Cultura do Estado do Ceará). A autora publicou, além dos cordéis citados: “Deputados, tão Bonzinhos!”, “A Menina que Virou Balão”, “Jesus Meu Amor” e “Pela Paz sem Comunismo”. Além disso, a poeta escreve poesias livres e é xilogravadora.



Pediram para eu fazer  
Um verso pro Lampião  
Fiquei tonta perturbada  
Sem saber qual a razão,  
Que posso dizer do moço  
Que se já se foi um tempo.

Apesar da menção dada de precursora a Esmeralda, a poeta Sebastiana Gomes de Almeida Job (Bastinha), professora aposentada pela Universidade Regional do Cariri- URCA me conta, em entrevista, que lançou seu primeiro cordel em 1975/76. Este foi feito em mimeógrafo, para os seus então alunos da disciplina de Língua Portuguesa, no Colégio Estadual Wilson Gonçalves, em Crato. Deste cordel intitulado: “A Mancada da Funceme”, escrito em linguagem dita matuta, porém, não se tem mais cópia original, restando apenas

<sup>118</sup> Batista, Esmeralda. “O Ser de não ser e a verdade”

algumas estrofes que foram decoradas pela escritora. Em 1985, lança novamente um novo trabalho, impresso no jornal que circulava no curso de Letras, denominado “Letras em (Re)vista – O universal pelo regional”, de homenagem aos professores do curso de especialização o qual, na época, a autora cursava.<sup>119</sup>

Eu óio a minha rocinha  
Esturricada, sequinha  
De raiva minha voz treme  
Quando penso na mancada  
E na conversa fiada  
Que contou a tá Funceme<sup>120</sup>

Ao passo que encontrava um significativo número de escritoras de cordel, espalhadas por várias ruas das cidades de Juazeiro do Norte e Crato, simultaneamente, verificava na imprensa escrita local, e de algumas cidades do Nordeste, artigos retratando um relevante acervo feminino, ilustrando a existência destas neste mundo literário, informando datas de lançamentos e outras atividades artísticas.

Citada no “Caderno-Delas” do jornal O Povo de 16 de Janeiro de 2000, a matéria “As mulheres no cordel”, de Charles Walney, traz a seguinte opinião: “mesmo com o pequeno número de mulheres na literatura de cordel, a Academia cratense possui, além de Josenir, uma outra cordelista: Bastinha, ou melhor, Sebastiana Gomes. Juntas, perpetuam a tradição que herdaram da própria região onde nasceram e se criaram”.

No Diário da Borborema/Campina Grande (que fez matéria sobre os cordéis publicados para a série “Trenzinho da Saúde”, produzido pelo Serviço Brasileiro da BBC de Londres), do dia 8 de julho de 1999, encontra-se a seguinte afirmação sobre esta autora: “a cordelista Sebastiana Job, conhecida entre os companheiros de academia como Dona Bastinha, compôs o folheto intitulado ‘O que você deve saber sobre higiene’”. Essa matéria tem por título: “Representantes de uma das mais antigas manifestações da poesia popular agora também têm uma Academia”. Estes artigos, além de revelarem a existência das mulheres produtoras de cordel, demonstram também, um dos elementos importantes na ressignificação do cordel, já citado, a formação dos grupos de poetas cordelistas e temas atuais como saúde.

Josenir Amorim Alves de Lacerda, filha de José João Alves e Alzenir Amorim da Franca Alves, nasceu na cidade do Crato, no dia 16/01/53. Segundo ela, começou a escrever seus versos na adolescência, por volta dos catorze anos. Casada, mãe de quatro filhos,

<sup>119</sup> ver mais na frente capítulo sobre a autora

<sup>120</sup> Job, Sebastiana Gomes de Almeida. “A mancada da Funceme”

funcionária pública federal aposentada das telecomunicações (antiga Teleceará), é membro da “Academia dos Cordelistas do Crato”, onde ocupa a cadeira número 3. Lançou sua primeira obra no ano de 1990, com Íris Tavares, “A Moça, o Cão e a Lambada”. Dessa parceria nasceram ainda, “A istora da cabôca qui inganô o santo” e “Privada não, seu doutor!”, dando origem a primeira parceria local entre duas mulheres no cordel. Este último cordel citado, escrito em setilha e 8 páginas, é narrado por um personagem masculino. Na capa, feita em xilogravura por José Lourenço, vê-se o desenho de uma bacia sanitária, em cujo interior encontra-se o braço de um telefone, num claro sinal de protesto contra a privatização das telecomunicações. O cordel foi patrocinado pelo Sintel/Ce/Fitel e CUT/Ce.



Que o doutor me desculpe  
Essa minha narração  
Não me julgue, nem me culpe  
Pese a minha posição  
Pois mesmo sem ter cultura  
Sou gente, sou criatura  
Trabalhador da nação.<sup>121</sup>

Para a cordelista Josenir Lacerda “a obra de Patativa do Assaré tem um efeito mágico” sobre a sua criação, “motivando e inspirando” desde a sua infância. “À noite, havia reunião de amigos e vizinhos no terreiro da casa, no sítio, e os cordéis adquiridos na feira do Crato eram lidos por alguém”, inclusive por ela. Era hábito na casa de seus avós a leitura de cordéis.

Josenir diz que, para compor seus versos, seleciona “um tema que na mente vai transformando em versos e rimas”, abordando “aspectos regionais, criando histórias romanceadas com forte tendência ao humor”. Segundo ela “apesar de fazer poesia moderna, é no cordel que me encontro e me realizo plenamente”. De sua autoria, publicou os versos: “O menino que nasceu falando”, “O caçador e a caipora”, “A fábula do peru/num recado à humanidade”, “Dona Chica”, “A triste sina de José”, “De volta ao passado”, “Gente da gente”, “Sivirino e Luzia”, “O valor da devoção”, “As ‘danações’ de Julita”, “Saber do povo” e “O linguajar cearense”, este último, uma obra minuciosamente pesquisada pela autora, cuja intenção é relatar as variações lingüísticas do cearense, narrando “neste cordel dicionário” o traquejo da língua do povo. Com este poema Josenir faz “poesia com as palavras que foram apagadas pela poeira do tempo”, diz Antônio Vicelmo radialista da cidade do Crato na apresentação da obra. Escrito em setilha, de 8 páginas, este cordel foi lançado pela “Academia dos Cordelistas do Crato”.

<sup>121</sup> Lacerda e Tavares, “Privada Não seu Doutor!”



O cearense é assim  
Dá cotoco à nostalgia  
A tristeza leva fim  
Na cacunda da euforia  
Dá de arrudei na carência  
Enrola a sobrevivência  
E embirra na alegria.<sup>122</sup>

A poeta também é citada no Jornal “O Povo” de 16 de janeiro de 2000, no mesmo artigo intitulado: “A Hora e a vez da cordelista”. Diz o texto:

“a história do amor de Josenir Amorim Lacerda pelos cordéis tem início há muito tempo, numa época em que a televisão ainda era artigo de luxo para poucos. Sua avó materna tinha um sítio longe da cidade, onde a diversão dos agricultores era, à noite, sentar em círculo no terreiro para ouvir as rimadas sagas nordestinas”.

Maria Íris Tavares Farias, nasceu no dia 02 de Novembro de 1959. Produziu três cordéis ‘A Cabôca que enganô o santo’, ‘A Moça o Cão e a Lambada’ e ‘Privada não seu doutor’, todos em parceria com Josenir Lacerda.



Seu moço mi dê licença  
Pra eu aqui me abancá  
Pois vô contá u’a istora  
Isquisita de lascá  
Istora que assucedeu  
Num é do meu inventá.<sup>123</sup>

Nascida em Juazeiro do Norte (Palmeirinha, hoje distrito desta cidade), Íris Tavares é professora de História na Universidade Regional do Cariri - URCA. A autora diz, em entrevista, como conheceu o cordel: “através de minhas raízes do campo (...) meu bisavô era uma pessoa que cantava cordel.” A autora diz também que foi através deste vínculo social “que despertou inicialmente paras atividades literárias”.

Além de cordelista, onde escreve preferencialmente numa linguagem “matuta”, faz poesias livres, tendo dois livros publicados (Santos de Quarentena e, O Domador do Verbo, elegias a Carlos Drummond). Além destes, escreveu um ensaio sobre a artista plástica Dona Ciça do Barro Cru, intitulado: “Súditos da arte”. A poeta destaca-se na região por sua

<sup>122</sup> Lacerda, Josenir. “O linguajar cearense”

<sup>123</sup> Lacerda e Tavares “A istora da cabôca Qui enganô o santo”

militância artística e também política, tendo sido candidata à prefeita no pleito de 2000 na cidade de Juazeiro do Norte pelo Partido dos Trabalhadores - PT.

Dada a existência do projeto “SEScordel Novos Talentos”, do SESC Juazeiro do Norte, Maria Rosimar de Araújo e Mundinha Macêdo Torquato, publicam, respectivamente, “Cento e Um Anos de Canudos” (1998) e “Comparando e Recordando, Recordando e Comparando” (1999). Este último, lançado no evento do SESC desta cidade, VI Semana da Terra”, num Fórum sobre “Qualidade de vida e envelhecimento saudável no fim do milênio”. Mundinha Torquato, tem 69 anos, além de poeta é artista plástica e organista, tocando há 22 anos na Igreja da Sé, Crato.



Fui criada no sertão  
No roçado acostumada,  
Iscutando o truvão  
E o batê da inxada,  
Correndo pelas campinas  
E ouvindo as passaradas<sup>124</sup>.

Maria Rosimar Araújo, nasceu no dia 02 de Dezembro de 1939 em Jamacaru, Missão Velha. Filha de Antônio Francisco Araújo (agricultor e marceneiro), e Isabel Fidélis Araújo, dona de casa. Rosimar é graduada em História e Pós-Graduada em Planejamento educacional. Como professora da rede de ensino Municipal tem utilizado o cordel para incentivar a leitura entre seus alunos e motivado a produção deste. Para ela, essa poesia surgiu na sua vida “como uma brincadeira” e desde que começou a fazer cordéis tem ministrado oficinas, palestras e incentivado nos colégios a criação de cordeltecias.



No estado de Pernambuco  
Debaixo de um céu azul  
Numa pacata cidade  
Que é chamada de Exu  
Nasceu um menino forte  
E cresceu sem ter lundu.<sup>125</sup>

Rosimar publicou os cordéis: “Exaltação a Luiz Gonzaga”, “Cento e um anos de canudos”, “Os três maiores momentos da história de Juazeiro/a chegada do Pe. Cícero, o milagre e a emancipação política”, “O que é folclore”, “Valorize a educação”, “Homenagem aos romeiros”, “O caldeirão do beato José Lourenço”, “Homenagem à Mulher” e “Pe. Cícero R. Batista o Cearense do século”.

<sup>124</sup> Torquato, Mundinha, “Comparando e Recordando/Recordando e Comparando”

<sup>125</sup> Araújo, Maria Rosimar de. “Exaltação a Luiz Gonzaga”

Já com seu nono cordel publicado, Rosimar Araújo revela, em entrevista, como teve contato com esta literatura: “meu pai comprava na feira de Missão Velha. Enquanto ele tirava a sela do cavalo eu ficava olhando com a mão dentro pra ver o que era que tinha e a primeira coisa que eu pegava era os cordéis: “Helena virgem dos sonhos”, “Donzela Teodora...”<sup>126</sup> Para Rosimar além da influência do seu pai, toma como figura importante para existência e composição dos seus versos, o músico Luiz Gonzaga e o poeta Elói Teles, que através do seu programa de rádio: “Coisas do Meu Sertão” influenciava e divulgava os poetas da região.

No “Jornal do Cariri” de 17 de março de 1999, em matéria destacada com o título: “Professora Rosimar trabalhando com sensibilidade e estética,” o texto ressalta: “para Rosimar, a poesia deve ser trabalhada em sala de aula como ela faz diariamente, principalmente com as classes de aceleração, estimulando o ato de criar rimas, concatenar idéias melódicas e fazer até o cordel, e porque não?”. Em outro artigo do mesmo jornal, do dia 16 de julho de 2000, onde destaca-se a frase “Nova fase do cordel caririense”, Rosimar é novamente citada e fala do seu projeto: “O cordel como Agente da Educação Popular”, trabalho que desenvolve no Colégio onde leciona, São Rafael, e onde também descobriu as poetas Luiza Campos e Madalena de Souza, citadas no artigo. O “Jornal Folha da Manhã” (de Juazeiro) do dia 25 de agosto de 1999, traz uma informação sobre a semana do folclore no colégio Moreira de Souza citando a escritora como palestrante do evento. O texto ainda fala do lançamento do seu cordel “O que é Folclore”. A mesma informação é encontrada no Jornal “A Notícia” de 01 de setembro de 1999, com os mesmos informes. Sobre a sua atuação na propagação da Literatura de Cordel na região, a autora é citada novamente no Jornal do Cariri de 20 de Dezembro de 2000, como palestrante do lançamento oficial no SESC Juazeiro dos cordéis das poetas Rivaneide, Edianne, Maria dos Santos e Camilo Barbosa.

No ano 2000, com a permanência do referido projeto apareceram: Madalena de Souza, Luiza Campos e Silvia Matos. Somando-se a estas, a partir da criação da “Sociedade dos Cordelistas Mauditos”, em Abril deste mesmo ano, Edianne Nobre, Camila Alenquer e Regilene Stéfani. Esta última poeta, nascida no ano de 1983, que também é xilógrafa, diz em entrevista, que sua aproximação com o cordel se deu a partir do seu contato com Camila, então membro do grupo dos Mauditos, que a “convidou pra conhecer a nova literatura que estava surgindo, os novos cordéis, muito interessantes que tratavam de denúncias.”<sup>127</sup>

<sup>126</sup> entrevista concedida em 22 de agosto 2000

<sup>127</sup> Entrevista realizada no dia 09 de dezembro 2001



Francisca Eliane dos Santos, professora, e Edmilson Nobre Dourado, comerciante, Edianne é integrante da “Sociedade dos Cordelistas Mauditos”. Para ela, o cordel faz parte de sua vida tal qual a gravura que “veio em decorrência da literatura de cordel”. A jovem escritora me contou, em entrevista, que “nunca havia pego um cordel, não havia lido nada (...) porque minha avó ela costumava contar as histórias: “Donzela Teodora” ela recitava, ela cantava os cordéis, porque ela era analfabeta.”<sup>128</sup>. A autora publicou: “Agora são outros 500 – fatos reais”; “Moraca”; “A peleja de Dríade e Virgínia ninfa das trevas” e “Dríade e a saga de Eros (ou o amor e outros males)”.<sup>129</sup>



Musa da travessura  
Dríade assim me chamo  
Com tinta e papel na mão  
A verdade aqui proclamo  
Vou contar uma história  
Que vai ficar na memória  
Essa missão não reclamo.<sup>130</sup>

No ano seguinte, 2001, as poetas Maria dos Santos (Santinha), Maria Rivaneide, Denise Brito, Maria Rosário e Josefa Costa, iniciam o novo milênio publicando, a partir da existência do projeto “SEScordel Novos Talentos” mais quatro obras importantes. Somando-se a estas, no mesmo ano, a estudante Emanuelle Alencar inicia sua produção lançando, como membro da Sociedade dos Cordelistas Mauditos, o cordel: “As Portas da Percepção”. Outro projeto do SESC, coordenado pela biblioteca, o “Círculo de Leitura”, também foi responsável, em 2001, pelo lançamento da jovem poeta Erika Menezes, de 11 anos, que editou seu primeiro cordel intitulado: “As Pedras Preciosas”.

<sup>128</sup> entrevista concedida no dia 22 de agosto 2000

<sup>129</sup> A poeta Edianne Nobre, integrante da “Sociedade dos Cordelistas Mauditos”, é destaque de capa do jornal do Cariri de 15 de dezembro de 2000, quando da publicação do seu cordel, “Moraca”. Diz o artigo: “Edianne Nobre um dos novos talentos, dessa nova safra de cordelistas”. A poeta também é mencionada no mesmo jornal de 20 de dezembro, dia do lançamento deste mesmo cordel no texto “A presença feminina no cordel”.

<sup>130</sup> Nobre, Edianne. “Dríade e a saga de eros (ou o amor e outros males)”



As mulheres cordelistas no Cariri, como vimos mais acima, receberam grande influência de alguns poetas como Elói Teles, Patativa do Assaré, ou mesmo do músico Luiz Gonzaga. O programa “Coisas do Meu Sertão”, dirigido pelo poeta Elói Teles de Moraes, também possibilitou acesso, divulgação e influência para algumas destas, principalmente aquelas que escreveram antes da década de 1970. Caso de Mundinha Torquato, Bastinha, Rosimar Araújo, Josenir Lacerda etc. Este programa exerceu forte influência em toda uma geração de cordelistas, homens e mulheres, os quais viam neste programa radiofônico um espaço importante na difusão da poesia sertaneja e do cordel.

Outro elemento que marca a presença feminina como autoras no seio desta poética é a existência de projetos culturais de algumas instituições locais na “revitalização” desta narrativa, é o caso do projeto “Cordel Vivo” ligado ao Memorial Padre Cícero, órgão da Prefeitura Municipal, que lançou ou patrocinou, por exemplo, Esmeralda Batista e Fridna Moreira.<sup>131</sup> O projeto “SEScordel Novos Talentos”, do SESC Juazeiro do Norte, cuja permanência na região tem sido, segundo o Jornal do Cariri, importante no “incentivo à produção da literatura de cordel no Cariri” e “onde a presença feminina é marcante.” Este mesmo jornal tem como um dos seus títulos de matéria a seguinte frase “A presença feminina no cordel,” e faz o seguinte comentário:

“a mulher a cada momento vem conquistando espaços, seja na política ou em profissões que se dizem pouco convencionais para elas. Não importa! Ela está lá em destaque. (...) No Cariri um movimento bastante popular está em evidência: a literatura de cordel, que vem retomando o seu lugar, graças a projetos voltados para esse costume nordestino e que faz parte da nossa cultura. Como se não bastasse o ressurgimento do cordel, eis que com ele, surgem também nomes que causam impacto: Maria Rivaneide, Edianne, Francisca. São mulheres que despertaram para a literatura de

<sup>131</sup> Neste projeto lancei dois cordéis “A Mulher e o Cangaço” e o “Encontro do Meu Pai com Lampião”



A presença feminina como autoras de cordéis, apesar de herdar a tradição, também vai instituir uma outra autonomia. Elas vão ressignificar a literatura de cordel a partir de temas próprios como o feminismo, ecologia, saúde da mulher etc, ao mesmo tempo em que inauguram outros espaços de veiculação do cordel como escolas, passeatas, instituições, Universidades, enfim.

Neste sentido, embora tenham sido catalogadas 24 mulheres em Crato e Juazeiro do Norte, em plena produção, optei por trabalhar com as obras das escritoras Sebastiana Gomes de Almeida Job (Bastinha), e Salete Maria da Silva. Ambas, participantes de grupos locais, respectivamente da Academia dos Cordelistas do Crato e Sociedade dos Cordelistas Mauditos.



**SEBASTIANA GOMES DE ALMEIDA JOB**  
**(BASTINHA)**

### 3.2 SEBASTIANA GOMES DE ALMEIDA JOB

Nascida em 20 de Janeiro de 1945, em Santo Amaro, Assaré, vizinho à Serra de Santana, Sebastiana Gomes de Almeida Job, não foi apenas a professora “engraçada” e popular da Universidade Regional do Cariri - URCA. Bastinha, como é mais conhecida, é uma das maiores poetisas de literatura de cordel da região, na opinião, inclusive, dos poetas consagrados deste reduto literário: “a Academia tem orgulho de Bastinha!”, proclama Eloi Teles; “Afirmo que ela é a estrela da nossa literatura Cratense”, ressalta, José Esmeraldo da Silva.

Bastinha, ao fazer seu cordel, arranca com estilo e criatividade as contradições orgânicas e diretas da cultura local: O Cariri. Reforçando a idéia de que o “contexto cultural representa o campo dentro do qual se dá o trabalho humano, abrangendo os recursos materiais, os conhecimentos, as propostas possíveis e ainda as valorações” (Ostrower, 1999, p. 147), a poeta vai recriando e tatuando em sua obra, valores e representações de uma realidade que são vistos a partir do cenário de sua poesia. Nesta paisagem, constrói o seu estilo, ambivalente, humorístico, recheado de uma malícia sutil e uma crítica à realidade social.

Procurando acrescentar à sua produção literária o deboche e a malícia, num hábil jogo matreiro, a autora, mesmo avisando ser seu discurso “de brincadeira”, vai transgredindo e desconstruindo normas. Faiga Ostrower, diz que “o estilo individual de uma pessoa corresponde ao seu modo de ser, de viver, de conviver e de produzir” (1999, p. 141), avaliação que coincide e corresponde a Bastinha, conhecida pelas suas tiradas engraçadas no dia - a - dia.

Filha do agricultor Miguel Gomes de Almeida, um romeiro alagoano de Palmeira dos Índios e Maria Pereira Almeida, cearense de Assaré, Bastinha foi à última de uma prole de 21 filhos que, segundo a mesma “se criaram todos. Minha mãe começou a ter filhos com 16 anos. Quando eu nasci, ela tinha 50 anos, estava na menopausa!” - brinca a poeta no seu peculiar estilo de refazer e recontar os fatos do cotidiano, dosando-os sempre com bom humor.

### 3.2.1 HUMOR, MALÍCIA E DEBOCHE: UM PASSEIO EM SEU ESTILO

Um dos seus mais conhecidos cordéis, “Dona Flor e Seus Namorados,” é exemplo do modo típico de narrar desta poeta, que, com característico humor, malícia e deboche, vai construindo sua poesia. Este cordel que aliás, remonta, no título, ao romance “Dona Flor e seus dois Maridos,” de Jorge Amado, narra as peripécias de uma moça namoradeira chamada Flor. Foi “baseado numas meninas que namoravam muito”, diz a autora. “Foi como uma brincadeira que eu fiz. O nome dela era Flor, mas ela namorou tanto que mudou o nome pra trepadeira no final.” Esta personagem, ao dismantelar costumes interioranos, transgride normas sociais e morais, causando, na cidade, “um zum zum.../ cochicho de todo lado”. Porém, diz o narrador mais adiante: “nem sei se isso é defeito”, revelando no texto mais uma das características que compõem o seu estilo: a ambivalência.

Para a pesquisadora Maria Francinete de Oliveira, estes tipos versados estão enquadrados como personagens malditos no contexto das obras masculinas, sendo a prostituta, a mais maldita delas, por ser figura que está entre a dotação da realeza, o demoníaco e a despudoração. Nesse texto de Bastinha, vê-se que a mulher ali citada ocupa um papel de figura que transcende à sua realidade. Namoradeira, “danada,” Flor é o que se poderia chamar de Leila Diniz<sup>132</sup> do sertão.



Nunca leitor existiu  
Uma flor de tal coragem  
O que você leu e ouviu  
Foi só uma personagem;  
A estória contada aqui  
Na intenção de divertir  
Uma mera distração  
Se houver coincidência  
Digo em plena consciência  
Foi tudo imaginação.

Utilizando-se sempre do jocoso e do pitoresco como um achado inesgotável para suas composições, os versos de Bastinha criam na forma do cômico, um traço marcante do seu estilo. Entre seus personagens estão as solteironas, as sogras, cornos... figuras estigmatizadas pela sociedade que exercem, no imaginário social, variada e pejorativas caricaturas. Ao falar

<sup>132</sup> “...uma das mulheres que melhor simbolizam as transformações dos papéis femininos na década de 60, em função do seu comportamento inovador e transgressor, principalmente no que diz respeito à sexualidade, conjugalidade, e maternidade.(...) Leila é até hoje lembrada como uma jovem e bela mulher que subverteu o comportamento de sua geração”. (Apud Dantas, 1999).

desses assuntos ditos tabus, embora sempre tratados no cordel, Bastinha reflete, de certa forma, essa cultura do riso e a irreverência que é tão presente no Estado do Ceará.

Segundo Vilma Quintela, os cordéis nordestinos são “ao mesmo tempo, produto e suporte de práticas culturais assentadas na oralidade”, (1996, p. 23) e “se valorizam pela legitimação de expedientes artísticos incorporados ao fundo anônimo e comum. Seus anunciados movem-se na órbita da tradição folclórica, reforçam e apóiam-se nele” (*idem, ibidem*). É o caso do acervo de Bastinha. A sua obra reflete uma aproximação maior com a oralidade, com essa “tradição folclórica,” sobretudo em razão do uso de adágios, simpatias ou lugares comuns, da cultura local.

Continuidade ao avesso de “Dona Flôr e seus Namorados, o cordel “Prece de uma Solteirona”, fala de “uma menina doida pra casar, mas não casou”. Novamente aqui é reafirmada a performance estabelecida pela escritora: o seu tom carnavalesco e o recorte aos temas tradicionais. Ao mesmo tempo que esta retira da realidade suas temáticas para narrar, vai também, concomitantemente, visibilizando costumes, como por exemplo, a prática das simpatias, vivificadas pela festa de Santo Antônio.<sup>133</sup>



Santo Antonio não me deu  
Ouvido, em nada, afinal  
A outra, ele atendeu  
E só comigo foi mau;  
Num fiz tudo nos conforme  
E com uma força enorme  
Também num peguei no pau?

Peguei nele e até sentei  
Pra ver se eu conseguia  
Com muita gente apostei  
Que o pau tinha valia;  
Fiquei decepcionada,  
O pau não valeu de nada  
Continuo para tia.

Em seu carnavalesco paladar poético, tece da tramóia gigante dos preconceitos vigentes na região, um jogo ágil, astuto, em que palavras e frases risonhas invadem o palco de uma intencionalidade estética. São vários, pois, os temas nessa linha humorística, na qual Bastinha constrói sua literatura. Uma literatura, que ao vincular-se à realidade regional mostra, segundo Dominique Mainguéau que:

<sup>133</sup> anualmente ocorre a festa de Santo Antônio na cidade de Barbalha-Ce. Nas comemorações festivas do dia de Santo Antônio, os homens cortam uma árvore e passeiam pela cidade com aquele tronco para em praça pública ser erguida, é o conhecido “pau de Santo Antônio”. As mulheres da região ali presentes tocam ou arrancam talhas dessa árvore compreendendo que a madeira lhe trará sorte para o casamento. Neste cordel Bastinha narra em sua costumeira ambivalência esta realidade.

“na realidade, a obra não está fora do seu ‘contexto’ biográfico, não é o belo reflexo de eventos independentes dela. Da mesma forma que a literatura participa da sociedade que ela supostamente representa, a obra participa da vida do escritor. O que se deve levar em consideração não é a obra fora da vida, nem a vida fora da obra, mas sua difícil união” (1995, p. 46).

No prelo estão: “Sou mais o Cajado de Padre Cícero do que o Pau de Santo Antônio”, que é a continuação da “Prece de uma Solteirona”. Ambos, relatam os pedidos das mulheres solteiras que buscam através dos santos casamenteiros, um homem para casar. Até mesmo a poeta, confessa, que a primeira vez que encontrou aquele que passou a ser seu esposo, foi no Horto (onde se localiza a estátua do Padre Cícero):



“ele é paraibano, era gerente da Casa Alencar em Brejo Santo. Aí ele veio passar a Semana Santa e eu fui para o Horto, naquele tempo que tinha inaugurado a estátua do Padre Cícero. O programa da gente era ir olhar a estátua. Lá em cima da estátua, quando eu olhei pra baixo, ele estava, por isso que eu digo que sou mais o cajado do Padre Cícero que o Pau de Santo Antônio” (entrevista, 2000).

Esse cordel citado, até o momento desta pesquisa, não tinha sido publicado. No seu acervo editado, aliás, não se encontra nenhuma obra que fale do Padre Cícero. Mote histórico do cordel nordestino, o patriarca de Juazeiro não obra milagres nos textos desta autora, fato constatado também na obra de Salete Maria, que o menciona apenas como um personagem coadjuvante no cordel “A história de Joca e Juarez”, porém, quando citado, apresenta conotações diferentes da imagem tradicionalmente encontrada nos cordéis do tema sobre o vigário.

O cordel “O Povo Sabe o Que Diz” é “um estudo do provérbio”, ou uma “paremiologia do cordel”, como diz o subtítulo. Escrito em setilha, as máximas de uma filosofia popular, diz ela ser “co-autora” do que este “povo falou (...) na lição do dia-a-dia.”



Na paremiologia eu procuro defender do povo a filosofia de inesgotável saber cada frase é uma seta que indica a linha reta da regra do bem viver

Nessa intertextualidade em que brinca no verso com as palavras de um saber popular, cria no jogo a rima, o riso, o lúdico. Neste traquejo, recria, e o que flui é uma crítica sonora e denunciadora, das mazelas “que nesse mundo malvado” leva alguém a se sentir “humilhado, complexado”: “Você se sente humilhado/acha que nada merece/se sente complexado/às vezes, até se esquece/que neste mundo malvado/quem vive assim abaixado/somente o fundo aparece”. Do saber popular, Bastinha filtra e depura a palavra escrita, aproveitando o ensejo para demarcar o que nela também é intrínseco e peculiar: a crítica política.

Com o gosto de trabalhar com temas ligados aos costumes locais, de imediato, respondeu-me quando lhe perguntei sobre esta questão: “é, eu gosto, inclusive eu fiz um sobre os cornos da região.” Este cordel intitulado, “O Corno e a Tipologia” narra a saga destes tipos criados culturalmente. Relatando ser este “muito antigo” e portanto, de “valor histórico,” e “folclórico” inicia-se assim: “Desculpem-me, puritanos/Conservadores, também/Há muitos e muitos anos/Esse desejo me vem/Não pensem que é sacanagem/Vou versar sobre a cornagem/Muita gente já falou/Em verso, música e prosa/Em mote, trovas e glosa/Minha vez hoje chegou/. Veja como o narrador ao mesmo tempo em que pede desculpas aos “puritanos e conservadores,” versa os costumes e revela os preconceitos morais da sociedade.



Comecemos com o ateu  
Leva uma galha bonita  
Mas diz que não percebeu  
Porque em nada acredita  
E tem o corno goteira  
Leva chuva a noite inteira  
E da casa fica fora  
Esperando no relento  
O ansiado momento  
Do Ricardão ir embora.

“O Professor da URCA e o Fundo de Garantia” é outro cordel que traz a marca de sua linhagem cômica. Isso não quer dizer, no entanto, que possamos classificar todas estas obras como “de humor”. O humorístico é o seu estilo na estética que cria, pois o cordel mencionado, também é político. O narrador nesta obra debocha utilizando-se do riso para criticar a situação miserável em que vivem os educadores. Neste, a poeta versa sobre o recebimento do FGTS dos docentes que, segundo a autora “era uma mixaria”. Por isso “eu fiz uma brincadeira com os professores de Letras”. “Nós aqui da Faculdade/da antiga Filosofia/ansiosos e com fê/mas, também, com euforia/vivemos da expectativa/do Fundo de Garantia”.



Foi a Margarida Angélica  
A primeira a falar  
E disse assim: o meu fundo  
Já tão grande pra danar  
Vou fazer o Doutorado  
Pra minha tese aprovar.  
(...)  
Tomara, meu Deus, tomara  
Que o fundo tão esperado  
Não dê somente pra gente  
Pagar ao advogado  
Que nos sobre alguma grana  
Depois de pago o fiado.

A manutenção da sua estética é patente nos cordéis: “Grito Ecológico”, em que sai na defesa da natureza que sofre pela devastação do homem, e “A Saga do Professor” em que narra mais um vez sobre a difícil vida dos “mestres”. Demonstrando visão contestatória sobre a situação precária em que vive o educador, o desmantelamento do ecossistema, esta narrativa de caráter denunciador, soma-se ao crescente acervo da obra desta poeta. Este último cordel, que a princípio também é uma homenagem à vocação e labuta do trabalhador da educação, esclarece através dos seus versos, o descaso do governo estadual com esta categoria “sofredora”, que tem “mais espinho do que rosa”.



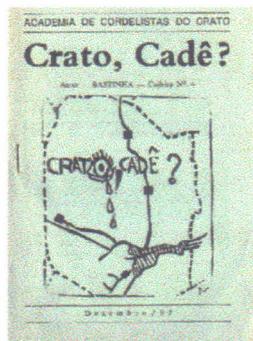
Meus colegas de trabalho  
Meu amigo professor  
Com você agora falo  
Enfatizo seu valor;  
E pela sua coragem  
Eu lhe presto esta homenagem  
A sua dedicação  
Nesta missão dolorosa  
Mais espinho do que rosa  
Louvo a sua vocação.

Criticando os baixos salários “aquele tiquim assim” e a desvalorização do educador que “sempre é posto de lado sem nenhuma explicação”, este cordel lamenta a situação indigna e desmoralizante destes, fazendo a poeta compará-lo, em seus versos, a um burro de carga:

Quando chega o fim do mês  
Ai meu Deus, ai meu Jesus!  
De tanta conta é freguês  
Tem que pagar água e luz;  
O colégio do menino  
Lá o prazo é pequenino  
E o seu cheque não chegou;  
Vai pagar tudo com multa

Todo mês é esta luta  
Mas nunca se acostumou!  
(...)  
Professor que trabalhou  
Que nem um burro de carga  
Nada tem, nada lucrou  
A não ser infinda mágoa  
Ainda faz um "PROVÃO"  
Que é uma humilhação  
Para mais lhe afundar a chaga;  
Da profissão se ressentido,  
Dentro dela ele se sente  
Igualzinho a merda n'agua...

Além destes, o cordel "Crato Cadê?", escrito no ano de 1992, é mais uma obra em que a autora revela sua veia política. Num desabafo que soa tristeza, a poeta saudosa, critica os políticos desta cidade por deixarem sua "princesa do Cariri" desgovernada, "sem direção e sem norte."



Ah, meu Cratinho que eras  
De açúcar, assim chamado  
Hoje vives as quimeras  
De teu bonito passado;  
-Cadê os homens daqui  
e a fibra do Cariri  
que povoou a região?  
O povo sente é vergonha  
Vendo essa coisa medonha  
Destruindo esse torrão!

Eis, portanto, breve amostra da já mencionada habilidade da poeta em poetizar assuntos diversos, revelando, entre outras coisas, sua impressionante capacidade de discorrer destes temas tidos como tabus sociais, como: cornagem, solterice, sogras... como assuntos sérios da realidade social. Em um dos seus últimos cordéis intitulado "Só quem segura os caídos é Deus e o Sutiã", lançado em outubro de 2001, a cordelista se utiliza deste mote para intinerar sobre assuntos pertinentes à realidade nacional e local.

Esse mundo tá virado  
Ninguém queira duvidar  
Tudo tá tão bagunçado  
Pior não pode ficar;  
Nosso país num sufoco  
Por cima de pau e toco  
Escuro é nosso amanhã:  
Os três poderes falidos  
Só quem segura os caídos  
É Deus e o sutiã.



Mulheres violentadas  
Quase que diariamente,  
Friamente assassinadas  
Pelo machista inclemente  
Que da justiça se safa,  
Seu dinheiro tudo abafa  
A vítima vira vilã;  
Breve o crime é esquecido  
Só quem segura os caídos  
É Deus e o sutiã.

Segundo a autora, este cordel é o seu “estilo, aqui é meu retrato, esse cordel eu fiz em meia hora porque quando é o meu estilo, aí eu faço ligeiro.” Ela conta como nasceu a idéia deste folheto: “eu tava em uma igreja, numa missa, me pediram para ler uma epístola àquelas cartas, né? aí na carta que eu li, tinha bem assim, ‘mais só Deus segura os caídos’ ai pensei comigo, não, sutiã também segura! Ai quando eu cheguei em casa fiz o cordel. (...) foi o primeiro cordel que fiz com mote”

Neste sentido, como uma mulher culta, acadêmica, a poeta lança-se com coragem num debate onde o pensamento vulgar é vasculhado e desnudado por sua pena, não temendo ser ela própria julgada por isso. Haja vista não deixar claro ser o seu pensamento ali externado. Ao se ocupar das temáticas acima mencionadas, o que vigora é a visão popular, o dito, o provérbio, o escárnio, o julgamento, a farsa, a moral, o encantamento, a superstição, o alegórico, o grotesco, enfim construções de uma cultura “popular” que ela retoma, valoriza e ressignifica. Ao aproximar-se mais da voz narrativa, do mundo oral em que desde pequena conviveu, ela recria na sua escrita com o humor, a malícia sutil, a ambivalência com que trata de sua cultura e a crítica política, sua estética.

### 3.2.2 ÁGUA DA MESMA ONDA”

O acervo de cordéis de Bastinha, tem a influência do universo masculino. Patativa do Assaré e Elói Teles, têm grande significação em sua obra. Segundo a autora, desde pequena, escutava as cantorias de Patativa em Santo Amaro. “Ele ia fazer cantoria, tinha aquelas pelejinhas, aí eu, bem pequenininha, ficava vendo. Eu acho que Patativa é o maior influenciador da minha poesia”.

Convém lembrar que era costume das famílias do sertão, reunirem-se à noite para ouvirem os poetas recitarem, através do cordel ou da poesia chamada matuta, suas composições. Nesse contexto, Patativa do Assaré teve papel de destaque e era presença constante na casa do Sr. Almeida, pai de Sebastiana, que hospedou por diversas vezes em sua residência, este que é considerado um dos maiores poetas do Brasil.

Da influência advinda do canto de Patativa, a poeta revela, em entrevista, uma conversa com o Padre Gonçalo sobre seu cordel “A Mancada da Funceme” :

“O Padre Gonçalo disse que quando ouviu na rádio, pensava que era de Patativa, que achou parecido o estilo, que é minha marca. É claro que não chego nem aos pés de Patativa, mas que ele me influenciou, me influenciou... tem que parecer com ele mesmo!” (entrevista, 2000)

Do fazer literário que foi se arraigando no processo de sua vida, Bastinha relembra não só o poeta de Assaré como a imagem mais constante, como também, seu vizinho da rua Sagrada Família, no Crato, Zuca das Máquinas, que, como ela disse, “só falava rimando”.

Mais tarde, quando então passou a morar na rua Nelson Alencar, “já tava arraigado o Patativa e seu Zuca” e ninguém mais pôde segurar, esta que considera a literatura em sua vida “quase como uma coisa lúdica”.

A propósito, encontram-se em sua obra vários cordéis de homenagens. Exaltou além das “Mães”, “O Folclore”, o poeta “Zé Esmeraldo,” “Padre Ágio” e o seu influenciador: “Patativa do Assaré.” Para este fez um tributo, escrito a pedido dos estudantes do VIII semestre de Letras da URCA, numa aula da saudade. O narrador, feminino, permanece, mesmo com o tema solene, revelando sua pena matreira: “Para aula da saudade/eu recebi comovida/o convite de vocês/em saudade sou sabida/formei-me mais de uma vez/na escola da intrometida”. E ainda, “Patativa canta tudo/canta com mil sons e brio/ canta a seca do Nordeste/ a chuva, o amor, o rio/ e cantou bem a “muié”/ veja só os nove “fio”.

Logo que ficou sabendo deste cordel (que foi enviado pela autora para o poeta) Patativa lhe escreveu uma carta de agradecimento. Essa carta revela a profunda admiração deste pela autora enaltecendo-a como poeta cordelista.

**Colega Bastinha**

Colega do coração  
Recebi os seus foieito,  
Sua comunicação

Dá prazer ao branco e ao preto,  
Com o seu grande elogio  
Não sinto calô nem frio  
E de alegre me derrêto

Obrigado do carinho  
Nesta aula da sodade  
Onde tem um passarinho  
Voando na imensidade,  
Meu deus! será o Patativa  
Que deste mundo se esquiva  
E vai pra eternidade?

Eu já tô quase demente  
Nesta minha antigüidade,  
É bastante deferente  
Da minha pra sua idade,  
Seus versos causa ciúme,  
Tem a beleza e o perfume  
Do jardim da mocidade

Eu sou um véio sordado  
Que vem vortando da guerra,  
Fracassado e derrotado  
Pra morrê na própria terra,  
E você nova e facêra,  
Ringino iguá a bulandêra  
Nas farinhadas da serra

Do má, do campo e da praça  
Você já conhece as onda,  
Não há pergunta que eu faça  
Que você não me responda,  
A sua lira suave  
Bebeu das água potave  
Que tem na serra Redonda

Você mora ai no Crato  
Mas é fia do Assaré  
As nossa coisa do mato  
Já sabe como é que é,  
Por aqui munto escutou  
De dia a Fogo pagou  
E de noite o Caboré

Por seu trabaio bem feito  
Enviou o meu parabem  
E com o maior respeito  
Eu quero invia também  
Com licença do isoso,

Um chero dos mais cheroso  
Dos chêro que o mundo tem<sup>134</sup>.

Patativa do Assaré, ao chamá-la de “colega do coração”, demonstra nos seus versos a temperatura, o grau de amizade que há entre os dois. Para ele, seus versos causam até “ciúmes” pela “beleza e o perfume”. Lamenta, o poeta, ser um “véio sordado,” “cansado,” e quando exalta a “mocidade” de Bastinha, Patativa quase confere à esta a responsabilidade de manter viva com a sua “lira suave” a poesia popular. Bastinha “bebeu das água potave/ “que tem na Serra Redonda.” Esta por já saber de tudo, do “má, do campo e da praça,” pois como ele afirma, “não há pergunta que eu faça/ que você não me responda,” recebe em missiva poética o seu “parabem” e um “chêro dos mais cheroso/dos chêro que o mundo tem”.

A partir desse momento, vale salientar, inicia-se uma rica comunicação, através de cartas versadas entre Patativa do Assaré e Bastinha. Em 31 de Dezembro de 1993, Bastinha remete uma carta/resposta para o poeta agradecendo pelo poema “resposta ao pé da letra,” que este havia lhe enviado em forma de carta. Esta carta/poema não foi encontrada pela autora, restando apenas sua missiva/resposta como testemunho dessa troca poética entre os dois.

Recebí meu Patativa,  
“resposta ao pé da letra”,  
nome da sua missiva  
que pra mim foi a receita,  
pra eu ficar bem calada  
pra mosca não ter entrada;  
depois que o vi na TV,  
por Jô ser entrevistado,  
vê-se qu’ele é bem pesado  
mas quem tem peso é você!

Você tá mais importante  
Como rico, ri à toa  
Só se ouve, a cada instante,  
Falar-se da sua loa;  
Da Globo, já foi artista,  
Na TV deu entrevista  
A fama concretizou;  
Numa coisa eu lhe ultrapasso  
“nos chero e nos abraço”,  
que há muito tempo lhe dou.

Cheiro maior que a inflação,  
Cheiro maior que seu verso,  
Maior que a corrupção

<sup>134</sup> Patativa do Assaré junho de 1992

Que existe lá no congresso;  
Cheiro grande como o mundo  
E, de segundo, em segundo,  
Cheiro de “cabra da peste”;  
Cheiro claro qual luar  
Profundo que nem o mar  
Ou a seca do Nordeste.

Sabe, agora, Patativa,  
O que sua amiga pensa?  
Que de forma bem ativa  
Coloquei-o numa prensa;  
-Que estratégia vai usar  
pra cheiro maior mandar?  
-Sabe o que vou fazer  
pra você não responder?  
Vou me tornar um ladrão  
De mente e de mão ativa  
E roubar a inspiração  
Que sobra do PATATIVA.

É possível detectar nesta carta a influência e a valorização do cordel nos meios de comunicação. Nos versos são ressaltados a importância da televisão quando diz: “depois que o vi na TV/por Jô ser entrevistado”, ou “da Globo já foi artista/na TV deu entrevista/ a fama concretizou.” É interessante esse destaque na medida em que se sabe o quanto o cordel esteve à margem do âmbito, não só oficial, acadêmico, escolar, como pouco destaque se teve em sua trajetória literária nos meios difusores visuais. Patativa consegue ultrapassar estes limites. Sua fama é visível. Ao ir para os canais de televisão, Patativa do Assaré leva à cena nacional uma fatia viva da poesia nordestina e sertaneja. Na TV, ele mostra o “peso” da sua “fama.”

No campo de suas influências, outra figura marca a trajetória da artista: Elói Teles, poeta e radialista da cidade do Crato, condutor do programa: Coisas do Meu Sertão, da Rádio Educadora. Para este, a autora escreveu dois cordéis em homenagem: “Forró bom é no sertão” e “30 anos de sertão - homenagem a Eloi Teles de Moraes”. Diz este último verso: “Trinta anos de sucesso/ fazendo o povo feliz/ parabenizo-o em verso/ pois ele é quem melhor diz/ de toda essa alegria/ que tema sua poesia/ cheia de inspiração/ levo a você seu “eloia”/ felicidade de “moia”/ e as “coisas do meu sertão”/. Na sua característica peculiar, que narra sempre a utilizar-se do engraçado, seu mote de estilo, fala: “Sinto mais do que um dever/sem nenhuma obrigação/de sentir este prazer/com total convicção/ por prestar-lhe este tributo/ com certeza muito justo/ no finalzinho, porém/ temos curiosidade/ de quantos anos de idade/ seu Elói agora tem?/

A derradeira homenagem ao poeta Eloi, deu-se após seu falecimento, um tributo produzido coletivamente pelos membros da Academia. Bastinha, comovida e saudosista, escreve os seguintes versos:

A Voz do Povo”, meu Deus  
num soluço entrecortado  
reclamam ouvintes seus  
a perda do advogado;  
e toda “Gente da Gente”  
gente que deveras sente  
mas traz no peito gravado  
Elói deixou um legado  
“Das Coisas do meu sertão.

Sebastiana Gomes de Almeida Job, ou simplesmente Bastinha, com seu estilo humorístico, ambivalente e crítico, apresenta um acervo de obras significativas que tatua, nesta ressignificação do cordel a marca, a presença feminina como autora nesta poesia. Sendo referendada pelo seu papel enquanto tal por aqueles que são considerados os “mestres” no assunto como Eloi Teles e sobretudo Patativa do Assaré, esta autora, com sua rima e mote, também, ressignifica o cordel demonstrando dessa forma a vivacidade dessa poética conhecidamente nordestina.



**SALETE MARIA DA SILVA**

### 3.3 SALETE MARIA DA SILVA

Em meio às reviravoltas das noites de um “apagão”, em noites de escuro sobre as velas acesas da minha procura, fui selecionando, além dos títulos já catalogados de Sebastiana Gomes de Almeida Job, outro importante acervo: o de Salete Maria da Silva. Essa poeta que, alertando-nos das ingerências de uma sociedade de consumo, que trucidava a mulher nos quatro cantos do mundo, mostrava-me quão diferentes são as formas de rimar no gênero feminino.

Utilizando-se do código do cordel para “despertar o interesse” das pessoas para as questões sociais, a escritora apropria-se dessa narrativa para tecer considerações sobre aqueles que são vítimas de violência, discriminação, opressão etc. Usa-o como panfleto, como jornal, como uma tribuna para propagar vozes e reivindicações. Nela, o lúdico se transforma em luta, em peleja, em rimas engajadas que assumem sentimentos de amor e indignação.

Enquanto se vê nos cordéis de Bastinha assuntos mais candentes aos costumes da região, ligados a uma tradição dita popular, Salete Maria dispõe com mais ênfase de motes distanciados da folclorização desta poética. Quando dialoga com a cultura popular recria-a para denunciar e convocar a população à luta. Seu estilo é construído a partir de uma postura feminista, de uma crítica política de caráter socialista, ironia e novidade temática. Nela, vê-se não só uma valorização do popular como em Bastinha, mas uma redefinição desse popular, onde o elemento de ruptura com os valores morais, apregoados pelo senso comum são desconstruídos. A obra desta escritora redefine conceitos e postulados, que até antes da ressignificação do cordel não se encontrava, pelo menos na cidade de Juazeiro do Norte.

Engajada e motivada por uma forte crença no socialismo, a poeta pertence a uma ideologia que reclama insistentemente, através dos seus versos, a desalienação do mundo do capital que subjuga a mulher, deixando-a, segundo a poeta, como “presa fácil do machismo e da discriminação sexual”.

Salete Maria da Silva, nasceu no dia 7 de março de 1970, em São Paulo. Filha de Hamilton José da Silva, mestre de obras e Raimunda Alexandre da Silva, dona de casa Salete Maria é, ainda, sobrinha do poeta e cordelista Zé Alexandre. Militante ativa dos movimentos sociais, foi candidata em dois pleitos: 1996 e 2000, a vereadora e prefeita, respectivamente, pelo Partido Comunista do Brasil - PC do B.

Em 1989, como secundarista, é eleita presidente do grêmio estudantil da Escola Pe. Murilo de Sá Barreto (o Murilão), donde é expulsa em razão de sua atuação política, retornando, depois, por força de ordem judicial. Tendo estudado sempre em escolas públicas, é aprovada em vestibular para o curso de Direito da Universidade Regional do Cariri- URCA, em 1990.

Com um poema intitulado: “Desabafo acadêmico matuto”, esta autora iniciou seus trabalhos literários no jornal “O Caldeirão”, órgão do Diretório Central dos Estudantes da URCA. Salete Maria fazia o VII semestre de Direito e expressava através de seus versos não só o fascínio pela poesia, mas também o interesse em denunciar um status quo. Tal poema, embora não impresso no modelo editorial conhecido do cordel é um exemplo do que irá se constituir no perfil dessa poeta, ou seja, a utilização da ironia e denúncia como elemento estético para demonstrar as dificuldades sociais por que passa grande parte da população brasileira.

Seu menino eu tô doente  
Tô tiririca da vida  
Tô quase que arrependida  
De querê me doutorá  
Já estou pra me daná  
E abandoná este curso  
Eu tô estudando a pulso  
Pra mode eu me formá  
Mais as coisa cuma tá  
Me deixa mágua no peito  
Este curso de direito  
Só vai me desmantelá.

Hoje ela é professora de Direito Constitucional da Universidade em que se formou, tornou-se mãe, advogada, militante dos movimentos sociais, onde está sempre presente. Talvez seja por isso que começou a fazer com mais intensidade sua poesia, utilizando o cordel como tribuna, um diálogo com sua comunidade, dado que para ela, “a simplicidade da linguagem e da apresentação gráfica é que faz com que as pessoas de todas as camadas sociais compreendam o trabalho”<sup>135</sup>. Trabalho este, aliás, que reflete um direcionamento, já que o conjunto de sua obra apresenta um claro perfil, não só político, como a opção de versar sobre o gênero feminino e as chamadas minorias sociais. Através de uma postura ideológica, a autora cria seu estilo de atitude feminista, inserção e rupturas de temas. Sua obra, hoje, contempla um conjunto de 12 cordéis.

<sup>135</sup> Entrevista realizada no dia 8 de março de 2000

Atuante no espaço público local, foi uma das iniciadoras da Comissão dos Direitos Humanos da OAB<sup>136</sup> Juazeiro do Norte, onde atuou como membro durante, aproximadamente, dois anos.<sup>137</sup> Neste período, juntamente com a advogada Marconizete Alencar, organizou o I Encontro da Mulher Advogada no Cariri. Para este, a autora escreveu o cordel “Habeas Bocas, Companheiras!” em parceria com Marluísia B. de Araújo.

Versando sobre o gênero feminino, esta obra chama àquelas que convivem com o conhecimento das leis que regem o “direito”, as advogadas, a se manifestarem contra a violência de que também são vítimas. O texto diz que “advogado tem de gênero flexão”, e que “todos devem ser lembrados/ que a advogada mulher/ não é ‘castelo encantado”.



Eis que elas se encontram  
Em grande reunião  
Discutem temas candentes  
Sobre a sua profissão  
Falam em novo milênio  
Trabalho e emancipação.

Neste processo de ressignificação do cordel, a autora Salette Maria, mestranda em Direito Constitucional, contribui para a utilização de novos temas, como a denúncia da situação da mulher oprimida na sociedade local e nacional. Não só o tema aqui é uma novidade. O chamado à luta e a organização destas “corajosas mulheres” ganha um sentido inédito nesta narrativa em Juazeiro do Norte. Para contrariar os reveses “que a história lhes fez”, diz os versos, as mulheres devem buscar “mudar o quadro” em que estas se encontram “brigando por voz e vez”. Este cordel, em sextilha, com capa visualizando através de uma figura computadorizada uma mulher com tarja nos olhos, e segurando uma balança, símbolo do Direito, é também uma homenagem às advogadas da região do Cariri, que são ali citadas com destaque. Sobre este poema a autora salienta em entrevista que

“é um cordel de ocasião que fiz para o primeiro encontro da mulher advogada. Terminado o evento, vence o assunto. O cordel de ocasião é aquele que se destina a um acontecimento específico e que pode desatualizar. O público alvo é que vai entender. Este ‘habeas bocas companheiras’ era uma denúncia de que as mulheres advogadas também eram discriminadas no poder judiciário” (24.05.01).

<sup>136</sup> Ordem dos Advogados do Brasil

<sup>137</sup> 1998/1999

A autora, porém, apesar de apresentar uma obra cuja característica é a valorização de uma proposta engajada, não perde de vista um dos traços característicos do cordel, o humor. Em entrevista diz que à época da sua faculdade, ainda como estudante de direito, escreveu “para a calourada (calouros universitários) ‘habeas pernas acadêmicos’, que teve muita polêmica”. Esse cordel de título ambíguo “era um convite para eles entrarem na universidade, apesar de ser um termo que teve dupla conotação. Este cordel segundo a autora, foi interessante porque teve quem se posicionasse contra e a favor. Alguns disseram que era pornográfico”<sup>138</sup>.

A poeta destacou-se também como advogada, por denunciar violação aos direitos humanos dos detentos do Presídio Público de Juazeiro do Norte, bem como das crianças e adolescentes que se encontram sob custódia do Juizado da Infância em Juazeiro. É colaboradora do Jornal do Cariri, tendo escrito vários artigos, dentre os quais textos polêmicos acerca da homossexualidade e do poder judiciário, além de participar, na qualidade de militante, de várias ações sociais na cidade e circunvizinhanças. Essa atitude faz com que, pelos menos uma vez a cada semana, viagem à vizinha cidade, Cariri, onde presta serviços gratuitos como profissional do direito para comunidade menos favorecida. Além disso escreve poesias livres, tendo lançado pelo projeto “Performance Poética” do SESC Juazeiro seu primeiro livro de poemas, onde a autora, ali, novamente, utiliza-se da literatura como recurso para divulgar idéias de protesto. Salete Maria é ainda, membro da Sociedade dos Cordelistas Mauditos.

 **JORNAL do CARIRI** 3  
Pequeno do Cariri/Cariri  
Quarta-feira, 29 de abril de 1999  
Cidades

## Menores são maltratados no Juizado de Juazeiro do Norte

**As denúncias de abusos contra menores serão levadas pela Comissão dos Direitos Humanos à Promotoria Pública**

**M**enores que dão entrada no Juizado da Infância e da Juventude, em Juazeiro do Norte, estão sendo vítimas de abusos e espancamentos. A denúncia foi feita à reportagem do Jornal do Cariri pela Comissão dos Direitos Humanos (CDH) da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), subseção de Juazeiro. Segundo a comissão, alguns menores chegam a passar mais de 63 dias recolhidos nos celos do juizado, quando o lei determina que o prazo máximo

sejo recolhidos para passar a noite no presídio, após uma confusão com um seu vizinho, identificado por Francisco. Segundo as representantes da CDH, CJS havia sido lesionado na mão direita, à golpe de machado pelo vizinho e acabou, junto com seu irmão, sendo levado por policiais militares ao juizado. Junto com os dois menores havia outros três menores, entre eles, a menina de 10 anos, informou Salete Maria. A menor segundo a denúncia da CDH estava jogada ao relento, e sem que houvesse um comissário do sexo feminino para cuidar dela. Salete Maria disse, inclusive, que o Juizado da Criança e da Juventude não dispõe de comissárias para tratar das meninas.



■ Membros da CDH constatarão que não há comissárias para cuidar das crianças do sexo feminino

**Diretor do Juizado confirma prisões**

Como membro do grupo citado, desde a sua fundação em 1ª de Abril de 2000, Salete Maria participou de importantes atividades concernentes à divulgação dessa poesia, como, por exemplo, dando várias palestras sobre o tema, lançando cordéis, divulgando e propagando as idéias dessa “Sociedade”. Esteve presente como palestrante no “Projeto de Literatura de Cordel Nordeste”, do SESC de Aracaju, abrindo o evento no dia 27 de agosto 2001. Os “Mauditos” juntamente com o grupo “Imbuça Produções Artísticas,” que trabalha o teatro em cordel, estiveram participando ativamente deste evento, cuja promoção foi do SESC Sergipe, em parceria com a SECTUR, TVAPERIPÊ, INFONET e Imbuça<sup>139</sup>.

### 3.3.1 QUESTÃO DE GÊNERO - UM MOTE POÉTICO

Segundo sua explicação, o interesse pelo cordel nasceu do contato com sua avó, quando esta vinha, ainda pequena, de São Paulo, para casa da mesma. “Eu comecei a gostar de cordel lendo pra ela,” diz a autora. Sobre esse assunto ela aborda no seu poema “Cordelirando”, que fez motivada por esta pesquisa, em agosto de 2001, através dos seguintes versos:

Eu faço cordel porque  
Aprendi a escutar  
E mesmo aprendi a ler  
Vendo vovó recitar  
História de Lampião  
De Padim Ciço Romão  
De João Grilo e Boi-bumbá”.

Mais não seria somente este fato que motivou a poeta a escrever seus versos de cordel. Numa de nossas conversas, gravada a 24 de junho de 2001, ela relata:

“eu gosto do cordel e achei que escrevendo através dele as mulheres que viessem a ler, (as pessoas não necessariamente as mulheres), (...) poderiam despertar mais o interesse do que se uma pessoa fosse ler um ensaio, ou uma dissertação..”

Iniciando sua série temática no cordel sobre gênero e a necessidade das mulheres organizarem-se, não contra os homens, mas sim contra o sistema, a poeta, Salete Maria lança em 1997 seu primeiro cordel: “Mulher consciência - Nem violência nem opressão”. Este cordel, já mencionado anteriormente, é citado no artigo de Charles Walney do jornal “O

<sup>139</sup> A realização deste evento acentua o papel das políticas culturais neste processo de ressignificação do cordel, tendo mais uma vez o SESC como promotor.

Povo” na matéria, “As mulheres no cordel” onde este diz que “em Juazeiro do Norte, por exemplo, entre as cerca de 14 cordelistas mulheres, destaca-se a militante do PC do B, Salete Maria, que escreveu o folheto ‘Luta Mulher,’<sup>140</sup> um libelo feminista contra o machismo reinante”.

Nos quatro cantos do mundo  
Agente escuta contar  
Mataram tantas mulheres  
Outras mandaram matar  
Estupraram até meninas  
Dentro do seu próprio lar.<sup>141</sup>

Salete Maria ao elaborar seu estilo nesta poética, não só representa-se nele, como constrói outra lógica de entendimento do mundo. Seus poemas desconstróem uma perspectiva histórica de pensamentos estabelecidos, demonstrando dessa forma as rupturas que os novos temas, linguagens e conteúdos apresentam.

Fiz cinco cordéis assim  
Sobre a tal da opressão  
Eu mesmo me sinto em mim  
Dada a minha condição  
De mulher, de explorada  
Comunista e engajada  
‘advogada do cão’.

Utilizando-se desse código literário para dialogar com sua comunidade, a autora permanecendo no mote preferido fala em seu cordel: “Mulher, Amor não rima com AIDS,” sobre os riscos da contaminação do HIV. Este “que faz muita gente sofrer/ não tem cura é fatal”. No seu característico tom político e afirmativo, o narrador, feminino, salienta para que o mesmo “seja lido na rua/ ou recitado na feira/ passando de mão em mão/ por alguma sacoleira/ o verso não será vão/ se houver meditação/ antes de fazer besteira”. Escrito em sextilha, aliás, o único cordel da autora em versos de seis, este cordel propagandístico na conscientização da Aids, apresenta na capa o desenho de um casal se abraçando.

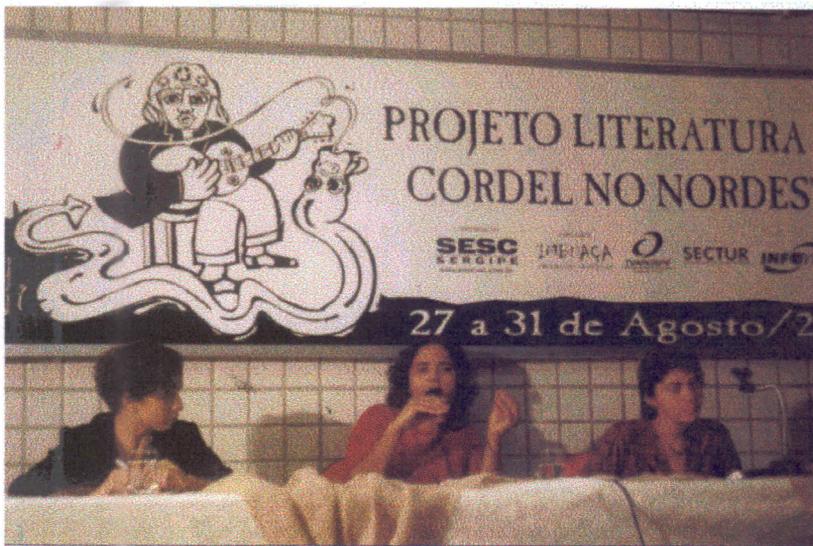


Companheira, gente boa  
este verso é pra ajudar  
na luta que travaremos  
para a vida melhorar  
sem AIDS, sem violência  
elevando a consciência  
temos direito de amar.

<sup>140</sup> o jornalista quis referir-se a este folheto: Mulher consciência/nem Violência nem Opressão

<sup>141</sup> “Mulher consciência – Nem violência nem Opressão”- Salete Maria

Marcando sua entrada na Sociedade dos Cordelistas Mauditos, Salete Maria publicou: “Agora são outros 500 – Mentira tem perna curta”. Tema do conjunto do grupo à época do seu surgimento, e lançado paralelamente às comemorações dos 500 anos de Brasil, este cordel de 4 páginas em setilha, embora não poetizando sobre gênero, permanece, entretanto, com sua rima política habitual. Desconstruindo a idéia da colonização, o cordel diz que: “um bando de manoéis/ circulava por aqui/ com dedos cheios de anéis/ para índio seduzir/ Joaquins e seus papéis /nunca deram um só réis/ mas foram donos daqui”. O tom de denúncia e ironia arremessado sobre o público através dessa linguagem poética, explode na indignação explícita pelas mãos rítmicas da poeta “maudita”:



Conclamar trabalhador  
É tarefa de quem luta  
500 anos de horror  
‘mentira tem perna curta’  
quero um historiador  
que conte o que se passou  
sem mascarar a disputa.

É hora de decidir  
A quem pertence o Brasil  
‘Mauditos’ vão emergir  
em primeiro de Abril  
poesias vão parir  
quem ousar nos reprimir  
vá pra puta que pariu.<sup>142</sup>

Iniciando um debate na literatura de cordel, Salete Maria ousa, em elegantes tiradas, falar do que os clássicos da tradição dessa narrativa sempre ridicularizaram: os homossexuais. Tocando na rima seu tom, “A história de Joca e Juarez,” inicia-se, com uma epígrafe<sup>143</sup> da música de Caetano Veloso e Milton Nascimento: “toda maneira de amor vale a pena, qualquer maneira de amor valerá.” Este cordel relata a relação de amor entre dois homens à época do Padre Cícero. Sobre esta questão fala a autora:

“em Joca e Juarez, cordel feito pela Fanka e por mim, não fazemos apologia ao homossexualismo. Colocamos a necessidade da tolerância, do respeito à igualdade. Colocamos que esse discurso, principalmente o da igreja, de que todos nós somos irmãos, somos filhos de Deus, isso na realidade não acontece. Nós somos nossas circunstâncias. Neste único cordel abordamos várias questões.

<sup>142</sup> Ao lado foto de Salete Maria com a professora Wilma Quintela e Fanka na abertura do projeto “Literatura de Cordel no Nordeste” patrocinado pelo SESC Aracajú.

<sup>143</sup> A epígrafe, vale salientar, é um dado novo introduzido nos cordéis da maioria dos membros da Sociedade.

Criamos uma ficção que houve espaço para fala de todos. Pegamos uma temática 'X' que de fundo tem outras questões" (24 de junho 2001).

Sempre tido e ovacionado como "santo", e "bom conselheiro", nessa obra, entretanto, a figura mítica do Padre Cícero é colocada sob novo ângulo. Ali o "padrinho" mostra-se fiel à sua igreja quando retruca ao personagem Juarez, referindo-se sobre seu caso amoroso com Joca, a seguinte opinião: 'meu filho esqueça disso/ largue logo desse vício/ saia já desse chafurdo". Texto polêmico, porém, lírico, esse cordel trás o traço do grupo no qual participa, os Mauditos, que é intertextualidade explícita, visto a partir da música do compositor Djava, na utilização de figuras de linguagens tal qual a aliteração que foi realçado no poema pela ênfase "o amor".



O amor é grande laço  
O amor é armadilha  
O amor não tem compasso  
O amor não segue trilha  
O amor não se condena.  
Todo amor vale a pena  
Salve quem ama e brilha!

A inserção de novos temas na obra de Salete Maria visualiza, não só a introdução de outras vozes no cordel, como a desconstrução de mitos tais como do Padre Cícero, secularmente poetizado como 'santo'. Isto fica claro através das falas criadas para seus personagens que, ousados, critica a igreja católica e seu conservadorismo secular. É o caso da personagem "Meretriz", em "Joca e Juarez" onde esta apresenta o Padre Cícero de uma forma completamente diferente e desvinculada do sentido tradicionalmente exposto.

Meretriz falou e disse,  
Se metendo na questão  
'tudo isso é tolice  
esse padre é um machão  
pois ordena a escritura  
para cada criatura  
amar semelhante irmão'.

O padre tá atrasado  
Na sua concepção  
Para casos de viado  
Tem atualização  
Que tal fazer um mestrado  
Homossexualizado  
Com o São Sebastião?

Esta temática continua no cordel “O Grito dos ‘Mau’ entendidos”, que narra uma assembléia de homossexuais que lutam pelo direito de livre expressão sexual. O texto, repleto de intertextualidades, constrói-se numa tessitura de falas onde músicas dos compositores Chico César, Pepeu Gomes, Cassia Eller, Ângela Ro rô, Adriana Calcanhoto, Maria Bethânia, entre outros, são ali buscados para ilustrar um texto cuja intenção não é só estética, mas demonstrativo, para argumentar com alegria, humor e criatividade, a luta contra a discriminação e a opressão da qual são os homossexuais vitimados.



Algo cultural rolava  
Antes da programação  
Chico César animava  
Com uma bela canção  
Logo se comprometeu:  
‘esse homem nu sou eu  
-olhos de contemplação”!

Se historicamente esta narrativa, em geral, reforçou o preconceito e a homofobia entre seus autores e em consequência repassado aos seus leitores, este cordel é o seu oposto.

“o grito dos Mau (entendidos) é um cordel muito sério, muito difícil de se fazer porque a preocupação ali não é catequizar e nem domesticar ninguém é colocar que existe uma bandeira da possibilidade da existência jurídica dos homossexuais, não só de fato, e ai eu ponho esse discurso na voz de determinadas pessoas que já falaram ou que eu entendi que falaram sobre isso, artistas, cantores e trago uma personagem do mundo real pra falar de uma maneira lúdica e ao mesmo tempo séria sobre os homossexuais. É um cordel que eu nunca tinha feito um igual, assim, cheio de leituras, é o cordel que tem o maior número de intertextualidade (...) (idem)

Este cordel de 8 páginas, em setilha, apresenta na capa uma xilogravura da gravurista Regilene Stéfanni. A xilo mostra um auditório onde se dá a assembléia, espaço físico onde ocorre o enredo desta história. Para a escritora “este cordel é um misto de politização e ironia. Procuramos bater de frente com o preconceito dando vozes aos mudos” (24.05.01).

“O grito de que se fala  
é o do ‘mau’ entendido  
aquele que o mundo cala  
tal qual o mal resolvido  
pois o grito que escutei

não foi o ‘ai, eu gozei’  
foi o grito do oprimido”

Com a pergunta “O que é ser mulher”? interrogação moderna das discussões de gênero desde Simone de Bouvour, a autora cria rimando neste verso um instigante debate sobre a condição feminina na sociedade. O primeiro verso diz: se “sobre a mulher já se disse/ tudo o que se imaginar, d’uns eu já ouvi tolices/ d’outros, me pus a pensar/ mas este ser – a mulher/ afinal o que é que é?” - pergunta o narrador em tom inquiridor, “quem se atreve a explicar ?” Não se atrevendo, entretanto, a explicar aos leitores de cordel pouco habituados com estes questionamentos, a autora vai deixando em permanência na obra um leque de interrogações que sugere aos seus leitores questionar o lugar dos gêneros em um mundo construído por imposições e normas.

Este diálogo constante com seus receptores é intermediado por um narrador que passe-se por ‘advogado do diabo’, tentando provocar no leitor, a partir de permanentes interrogações, uma reflexão a cerca do que venha a ser mulher:



Responda: o que é ser mulher?  
Para que eu compreenda  
É alguém que dança balé  
E tem no sexo uma fenda?  
É a noiva do Tarzan?  
Ou é a loira do ‘Tchan’?  
Cujo corpo está à venda?

Estes versos citados figura a marca presente na obra desta escritora, o forte teor crítico, irônico, questionador e criativo. Ao intertextualizar com Simone de Bouvour, diz: “alguém já nasce mulher?/ Ou em mulher se transforma?/ E se um homem quiser/ Então mudar sua forma?/ quem poderá impedir/ se a alma consentir/ quem pode ditar a norma?”

Apontando crenças e mitos sobre a condição da mulher como objeto sexual na sociedade de consumo, o narrador ousado, sagaz e irônico anuncia seu protesto: “Mulher é quem faz o tipo/ da mulata ‘globeleza’?/ ou quem arrisca uma ‘lipo’/ e agride a natureza/ é alguém que se enfeita/ mantendo a mente ‘estreita’/ em nome da boniteza?”. Salette Maria diz que

“ao contrário dos cordelistas tradicionais, não estamos preocupados (referindo-se aos mauditos) em afirmar coisas. No cordel ‘o que é ser mulher’, a capa tem um ponto de interrogação. E o cordel é feito de perguntas. Não apenas afirmamos, também questionamos, ou seja, chamando a atenção às

mulheres que existe uma luta maior do que o combate à estria. Ficar presa a uma questão estética, enquanto o mundo sofre de injustiças, o mundo morre de fome e de sede. Este cordel se presta a isto, fazer questionamentos”.

Para finalizar, a autora, apesar de dizer que “é claro que entendemos/ que existe a opressão”, encerra seus versos não com uma resposta contundente à sua pergunta central, mais relativizando-a com o “parece-me que a mulher/ é um ser fundamental/ não é melhor que o homem/ convém que seja igual/ não é mero ‘complemento’/ é um ‘acontecimento’/do dito reino animal”. Para Nelly Novaes Coelho

“dentre os fatores mais importantes que atuam na ‘gestação’ dessa nova mulher (cuja presença na sociedade se faz a cada dia mais forte), destacaremos o amadurecimento crescente de sua consciência crítica. Consciência que à força de tentar se posicionar, não só em relação à falência do modelo-de-comportamento feminino herdado da sociedade tradicional (a sociedade cristã/burguesa/liberal/patriarcal/capitalista que vem sendo questionada e abalada em seus alicerces desde o início do século), como também à interdependência existente entre as múltiplas formas de criação literária e os estímulos ou imposições do contexto socio-cultural em que essa criação surge” (1993, p.16).

O cordel “Direito Fundamental em constante evolução” inicia com uma apresentação do Presidente da Comissão dos Direitos Humanos - OAB Juazeiro do Norte, Manoel Almeida Tavares, onde salienta que “a figura da Dra. Salete está visceralmente ligada a esta luta que ela abraça com tanta firmeza, dando exemplo a ser seguido por todos nós”. Este trabalho foi lançado no “I Colóquio dos Direitos Humanos de São Paulo” realizado em Maio de 2001, na PUC-SP, onde a autora esteve presente como representante da Universidade Regional do Cariri- URCA. A escritora aborda, neste cordel, uma tradução da Constituição Federal em linguagem acessível ao povo, os principais direitos da pessoa humana. Constitui, segundo a própria, um esforço em falar ao leitor do cordel sobre os direitos elementares do ser humano, sem os artigos, os incisos, as alíneas e a linguagem técnica presentes na Constituição.

Direito Fundamental  
Tá na constituição  
É aquele sem o qual  
Não existirá razão  
Da gente bater no peito  
E protestar por respeito



Se dizendo cidadão.

É direito de existir  
E jamais ser molestado  
Direito de ir e vir  
E também ficar parado  
É direito de pensar  
De poder se expressar  
E não ser discriminado.

Acima, relacionei dois perfis femininos no cordel cariense que trilham, a meu ver neste processo de ressignificação do cordel, caminhos diferentes. As duas autoras citadas, Sebastiana Gomes de Almeida Job e Salette Maria da Silva, ao passo que introduzem novas performances para o cordel nordestino, cada uma versa por estilos e influências singulares. São duas maneiras de ressignificar essa narrativa. Ao passo que Bastinha está mais próxima de uma realidade oral, dado que nasceu em 1945, e esteve fortemente ligada ao contexto rural em sua infância, presentificado pela existência de cantadores, entre estes, Patativa do Assaré, identifica-se com este mundo, e elabora sua obra. Este fato é constatado pela permanente retomada do “popular” e no estilo de “poetar” em versos decassilábicos, como Patativa do Assaré, item que indica a influência deste em sua concepção poética.

Salette Maria, por sua vez, embora conhecedora das fábulas e histórias que remontam à tradição mais próxima da oralidade, tendo inclusive acesso a esta literatura pelas mãos de sua avó quando, ainda pequena, lia para ela cordéis, sua obra, porém está mais distanciada deste universo. Enquanto Bastinha escolhe no conjunto dos versos o decassílabo, Salette, rima preferencialmente em septilha. Com exceção de um cordel, todo o resto da sua obra é em versos de sete. Ela está entre aquele(a)s que dão novo sentido a esta narrativa a partir de uma redefinição da cultura popular, posto que, participa da Sociedade dos Cordelistas Mauditos, que tem como um dos seus pressupostos, criticar elementos ditos retrógrados da tradição.

Ousadas na proposta pedagógica do estudo do cordel, Bastinha e Salette são, a um só tempo, estudiosas e produtoras daquilo que as alimentam: a poesia! Enquanto Bastinha afirma: “o cordel é parte de minha vida”, vida que com este se confunde, se interliga numa relação embrionária, simbiótica, indissociável, onde lança mão do seu saber lingüístico para dar voz ao povo de sua terra, à cultura regional, Salette, inverte a fórmula: “a minha vida militante faz parte do cordel”.

A ressignificação do cordel dá-se, entre outros elementos acima já elencados, tendo em vista a emergência destes novos autores nesta poética. As mulheres como autoras dessa

literatura, não só é a novidade nessa importante retomada do mesmo, como instituem, no campo em questão a partir de suas temáticas, conteúdos e linguagens, a própria ressignificação no qual esta narrativa hoje se apresenta.

## CAPÍTULO IV

### 4. A PELEJA ENTRE “MAUDITOS” E “BENDITOS”

Reascendendo das chamas, o cordel cearense encontra uma ampla difusão no Cariri com a criação de importantes organizações de poetas. É o caso da “Academia dos Cordelistas do Crato” e da “Sociedade dos Cordelistas Mauditos”, respectivamente nas cidades de Crato e Juazeiro do Norte. A primeira fundada em 1991, e a segunda no dia primeiro de abril de 2000. Liderados por acadêmicos, professores, músicos, estudantes universitários e pesquisadores, eles corroboram na região do Cariri para a ressignificação por que passa hoje esta literatura.

Note-se aqui, como a existência destas instituições neste campo, denota, a caracterização aqui já posta, ou seja, de que esta literatura atua no novo contexto do cordel com uma importante formação destes coletivos. Neste sentido é que, tentando situar este debate, procurarei delinear como se instaura suas posições, suas práticas, e as principais posições referenciais e/ou embates de posturas no seu interior. Além disso, refletir como se processa o debate entre filiação ou desfiliação de uma autenticidade neste campo. Nestes grupos, ainda, nota-se uma presença marcante: a presença feminina que, instaurando seus temas e conteúdos, corroboram no processo para ressignificação do cordel.



## **ACADEMIA DOS CORDELISTAS DO CRATO**

#### 4.1 ACADEMIA DOS CORDELISTAS DO CRATO

A Academia dos Cordelistas do Crato é, segundo seu atual presidente William Brito,<sup>144</sup> “uma organização não governamental, sem fins lucrativos, de natureza cultural que tem por objetivo resgatar o cordel em sua expressão mais autêntica”<sup>145</sup>. “A iniciativa foi de Elói Teles,” relata. Composta de poetas que moram na cidade do Crato, a academia lançou, ao longo de 10 anos de existência “cerca de 220 cordéis”<sup>146</sup>. Participam deste grupo quatro mulheres: Sebastiana Gomes de Almeida Job (Bastinha), Josenir Amorim, Anilda Figueiredo e Francisca Oliveira (Mana), estas últimas, recém - chegadas na Academia. William Brito, em entrevista, conta que:

“em 1990, no mês de dezembro, eu recebi um telefonema de Eloi chamando pra uma reunião, e nós fomos a essa reunião. Lá estavam, digamos assim, o primeiro time da Academia dos Cordelistas. Tinha 11, com ele 12. Ali ele fez um discurso muito tocante falando a respeito do cordel, que o cordel tava se acabando...O verso brejeiro não, ele fazia uma distinção, entre verso brejeiro e o cordel. O verso ‘tava’ a todo vapor, especialmente por conta dos programas radiofônicos dedicados ao verso brejeiro. Mais o cordel ‘tava’ se acabando...”

Para a Academia dos Cordelistas do Crato, fundar essa instituição fazia parte do objetivo de garantir a existência e a manutenção do cordel, dado que esta literatura “tava se acabando.” Curiosamente, o fundador da Academia Brasileira de Literatura de Cordel ABLC-RJ, Gonçalo Ferreira, diz que esta foi “fundada ‘na hora certa’ porque este (o cordel) caminhava para o desaparecimento. A ABLC - criada segundo o padrão da Academia Brasileira de Letras - seria então um meio de manter vivo o cordel e difundi-lo” (SILVA, 1997, p. 5). Idéia compartilhada, William Brito diz que, “os grandes nomes do cordel tinham desaparecido, e Eloi tava muito preocupado com isso”, daí a necessidade de criarem, nesta cidade, um grupo que mantivesse viva a chama dessa poesia.

Ainda nesta entrevista, gentilmente concedida para esta pesquisa, William Brito relata como se deu o processo que fez nascer a Academia: “A reunião foi no Instituto Cultural do Cariri. Quando foi em janeiro de 1991, houve a primeira reunião, podemos dizer assim, a

<sup>144</sup> entrevista concedida em 4 de abril de 2001

<sup>145</sup> Grifos meus

<sup>146</sup> informação retirada do jornal O Povo de 13 de Fevereiro de 2001. No entanto o pesquisador José Erivan Bezerra de Oliveira informa em sua dissertação que “a academia de Cordel do Crato já produziu, desde a sua fundação 254 cordéis” (2001, p. 22).

reunião de fundação.” Do desejo do poeta Eloi Teles de Moraes de resgatar a cultura dita popular, este convidou para compor o grupo “os colaboradores do programa<sup>147</sup> dele. As pessoas que ele achava que poderiam trabalhar com o cordel. Algumas dessas pessoas nunca tinham feito cordel,” como Luciano Carneiro, “repentista de mão cheia mas que nunca tinha tido a oportunidade de publicar um cordel”, realça o poeta. Segundo este,

“A primeira turma era Tancredo, Cicero Jorge, Eloi Teles, Bastinha, Josenir, Maranhão, eu (Willian Brito), Zé Esmeraldo, professor Alexandre e Eugênio Dantas. No primeiro ano, nós perdemos Jorge. Ele publicou um ano só pela Academia. Em 93, foi Tancredo, ele publicou 2 pela Academia. Entrou na vaga de Jorge, Correinha; na vaga de Tancredo entrou Edésio Batista e ai foi, depois saiu Maranhão e entrou Maércio”.

Segundo Josenir Lacerda, membro do grupo, a Academia foi criada a partir dos “sonhos de doze poetas que semearam a idéia de criação de uma academia que permitisse a união de uma classe que representa o que de mais puro e popular existe em termos poéticos, o cordel”<sup>148</sup> (Revista Província, p. 162). Defendendo a literatura de cordel, portanto, como parte imanente e “autêntica” de uma cultura dita popular, a ser necessariamente resgatada e valorizada, (sob pena dela desaparecer da realidade brasileira), o conjunto destes poetas elabora seus versos de acordo com determinados conceitos, tal como diz Willian:

“a preocupação de Elói sempre foi com o popular, tanto é que no programa dele, muitos poetas ficaram até chateados com ele, porque ele não lia. O sujeito fazia um verso mais elaborado, com um vocabulário mais difícil ele não lia, com certeza, porque ele ia atrás daquela coisa mais ligada ao rural, mais ligada ao homem sertanejo”.

Traçando uma perspectiva de manter uma identidade com um público específico, “rural e sertanejo”, os poetas da Academia dos Cordelistas do Crato ressignificam o cordel tendo como tema os costumes e hábitos de sua cultura regional, dita popular, porque este “foi o sentido que ele (Eloi Teles) deu a Academia dos cordelistas”.

Um ponto a ser destacado, é sem dúvida a participação e iniciativa decisiva do poeta Eloi Teles de Moraes no processo de organização e consolidação da Academia. Este, é seu grande *porta-voz*. No entendimento de Boudieu este seria “aquele que dotado do poder pleno de falar e de agir em nome do grupo, torna-se seu substituto”(apud, SILVA, 1997, p. 88).

<sup>147</sup> Programa da Rádio Educadora intitulado “Coisas do Meu Sertão” na cidade do Crato

<sup>148</sup> Grifos meus

“O porta-voz é a personificação de uma pessoa fictícia que ele arranca do estado de mero agregado de indivíduos separados, permitindo-lhe agir e falar - através dele -, como um único homem. Em contrapartida ele recebe o direito de falar e de agir em nome do grupo, de se tomar pelo grupo que ele encarna, de se identificar com a função à qual ele se entrega de corpo e alma” (Idem).

Na Academia existe uma linha visivelmente demarcada<sup>149</sup>. Assim, versam em linguagem matuta as coisas do sertão; tematizam fatos religiosos, o folclore, lendas populares etc. Tais poetas, vinculados à sua concepção de cordel, pretendem transmitir, nos seus versos, as principais características de uma tradição, mantendo dessa forma, a realização do que eles chamam de uma verdadeira “autenticidade” neste campo literário. Porém, apesar da ligação da Academia com o universo do popular, a sua linguagem, segundo o pesquisador José Erivan Bezerra de Oliveira “não é mais, absolutamente, a mesma de seus antecessores” (2001, p. 46), sobretudo em razão de que grande parte de seus membros têm formação universitária.

A propósito da questão da autenticidade, Alexandra Barbosa assevera:

“Ao se buscar erigir uma determinada prática como sendo a prática por excelência, tem-se obviamente uma tentativa de construção de uma autenticidade que passaria a se constituir em tradição. Hobsbawn & Ranger (1984) vieram a demonstrar como expressões culturais pensadas como marcas de uma tradição que existiria desde tempos imemoriais, na verdade podem ser mesmo bastante recentes ou inventadas. Nestes termos, a autenticidade, enquanto processo histórico-cultural, seria algo construído, atribuído ou reivindicado a partir de determinados contextos” (1997, p. 22).

A ligação com a cultura regional do seu povo é, para academia, um mote privilegiado. Veja-se, por exemplo, o cordel de Sebastiana Gomes de Almeida Job (Bastinha), useira e vezeira dos ditos populares e de José Esmeraldo da Silva:

“água mole em pedra dura,  
que lição de paciência:

<sup>149</sup> “A maior parte da temática está ligada à história, geografia, tipologias e anedotário da região. O próprio Elói já havia escrito a sua 'História do Crato', em seis volumes. Com isso podemos afirmar que há uma certa regionalização da temática abrangida pela Academia de Cordel do Crato, sem esquecer que existem cordéis com temas universais, ou folhetos regionais, com temas universalizantes”. (Oliveira, 2001, p. 40)

tanto bate até que fura  
ensinando a persistência;  
não desanime e insista  
aos poucos você conquista”<sup>150</sup>

Um cabra má encarado  
Também muito arruaceiro  
Cum cara de cangaceiro  
Oiando pra todo lado  
Cum medo dele num trisco  
“corre o pau muito mais risco  
do que o que corre o machado”.<sup>151</sup>

Estes poetas, reunidos em torno da Academia dos Cordelistas do Crato, apesar de definirem um público preferencial: “a gente fala de questões do povo e fala do povo,” como relata William Brito, também introduzem no cenário desta poesia novos usos, seja através de uma biografia do autor no interior da capa de seus cordéis, ou mesmo pela apresentação que costumeiramente se encontra em cada cordel, ou ainda, na inserção de temas atuais como ecologia, política, 500 anos de Brasil, etc.

A busca da autenticidade, a luta por serem reconhecidos como tais, a criação de normas e regras, tudo isso são questões postas, inclusive pela ampla maioria dos grupos que têm surgido no âmbito da literatura de cordel, desde a década de 1970. São dessas construções de sentidos e idéias que muitas vezes ocorrem nos grupos divergências e choques de opiniões.

Em entrevista com a poeta Sebastiana Gomes<sup>152</sup>, ela informou que, na academia, há uma série de regras e regulamentos, (entre estes a criação de cadeiras, patronos e estatutos), cujos membros têm que observar e respeitar. Conforme sua avaliação, este agrupamento mantém uma orientação, no entanto, muitas vezes conservadora, pois veta, censura, a produção literária que apresente elementos de duplo sentido. Exemplo disso foi o seu cordel “A tipologia do Corno”, o qual foi questionado por alguns, e embora publicado pela entidade, não foi lançado como de costume. Diz ela: “Não lancei, é tanto que eu não dei nem a cota, porque a gente deixa 100 cordéis na Academia e fica com 400”. Segundo esta “eles não quiseram, não pediram. Mas eu tirei 100 e deixei na lojinha pra vender, pra ajudar na construção da Academia.” Eis um trecho deste poema:

Sei que não é novidade  
Principalmente hoje em dia  
É grande a diversidade

<sup>150</sup> Job, Sebastiana Gomes de Almeida. “O Povo sabe o que diz – Paremiologia em cordel”

<sup>151</sup> Silva, José Esmeraldo da. “Versos Brejeiros e Trovas Acadêmicas”

<sup>152</sup> Entrevista concedida em Novembro de 1999.

Maior a tipologia  
Vamos recordar aqui  
Você vai se divertir  
Nem vai botar pano morno:  
Conhece a realidade  
No mundo tem muito corno.

Entre outros itens dos “objetivos” do Estatuto da Academia, há um que diz que para ser um cordelista efetivo do grupo deverá “congregar os poetas cordelistas do Crato.” Esta cláusula, inclusive, foi motivadora de uma breve apartação de Bastinha desta Academia quando esta se mudou em 1997 para cidade de Juazeiro do Norte. Este fato teve a intervenção do poeta Patativa do Assaré que lhes enviou algumas cartas de solicitação para que esta regressasse ao grupo literário.

#### 4.1.1 “VOLTA, VOLTA CORDELISTA”

Devido aos estatutos desta associação, que diz que para ser membro efetivo do grupo faz-se necessário residir na cidade do Crato, aconteceu com Bastinha um fato, no mínimo, inusitado. Devido à sua mudança residencial para cidade de Juazeiro do Norte: “Expulsaram-na da Academia!.” O que não se esperava era que sua saída causasse tamanha repercussão, tendo, inclusive, a interferência direta do poeta Patativa do Assaré. Sobre este conflito interno na agremiação ela conta:

“estava com dois meses que eu já estava morando no Juazeiro, daí houve uma reunião na casa dele (Edésio - então presidente da Academia). O boa noite dele foi esse: ‘você está se lembrando do regimento da academia? Só pode fazer parte quem mora no Crato!’. Aí eu disse, tá bom, fiquei chateada a reunião todinha (...) quando eu cheguei em casa fiz uma carta dizendo que não queria constranger os membros da academia nem o presidente (...) porque eu tinha vindo morar no Juazeiro (...) e não queria ferir aquele item do regimento. Então eu queria pedir a minha dispensa, a partir daquele momento eu estava desligada.

Em razão deste conflito, Bastinha escreve em 16 de Junho de 1997, uma carta para o presidente da Academia onde pede seu afastamento. Na missiva (em anexo) ela diz:

“Após a reunião da Academia dos Cordelistas do Crato ocorrida ontem, em sua residência, tomei a decisão de pedir minha dispensa da cadeira de n. 04 da referida Academia. Isto decorre de um dos

itens do estatuto desta conceituada agremiação que diz: é dever do cordelista residir na cidade do Crato”.

Devido ao seu afastamento da entidade, a poeta recebeu algumas cartas de apoio de Patativa do Assaré. Uma intitulada, “Conselho de um amigo”, em versos, onde solicita à mesma seu retorno para Academia, acompanhada d’outra em “prosa”. A autora também recebeu uma outra missiva intitulada: “Bastinha me contou tudo”, enviada também a Eloi Teles de Moraes.

Na carta chamada de “conselho de um amigo,” Patativa demonstra não estar a par do motivo real do afastamento de Bastinha da Academia, segundo ela conta em entrevista, chegando inclusive a dizer, na carta/setilha que lhe enviou, que teria esta feito um "papel muito chato" depois que virou “romeira”.

#### **Conselho de um amigo**

Bastinha minha colega,  
Atenção, muito atenção,  
Eu sei que você não nega  
Minha solicitação,  
Para alegria me dar  
Não deixe de cultivar  
Sua rica inspiração.

Muita gente fala e crê,  
Porém não sei se é exato,  
Me falaram que você  
Fez um papel muito chato,  
Depois que virou romeira  
Abandonou a fileira  
Dos cordelistas do Crato.

Não faça isso, Bastinha,  
Isso assim não fica bem,  
Você é colega minha  
E é conterrânea também,  
Volte para a Academia  
Mostrar com a sua poesia  
O valor que você tem.

Hoje mora em Juazeiro  
A sua vida está boa,  
Já se afastou do roteiro,  
Porém não ficou à toa,  
Se um mês ficou quebrado  
O seu pequeno pecado  
O Padre Cícero perdoa.

Volta, volta cordelista,  
Com o seu trabalho lindo,  
Seguir pela mesma pista  
Que você ia seguindo,  
Mude a sua natureza,  
Não me mate de tristeza,  
Eu quero viver sorrindo.

Se estou a lhe incentivar,  
Imprudência não cometo,  
Vai com certeza tomar  
O conselho que remeto,  
Pois lhe digo e falo franco,  
Quem tem um marido Branco  
Não vai fazer papel preto.

Você vai voltar na certa  
Com o prestígio que tem,  
Sua vaga está liberta,  
É sua e de mais ninguém,  
Será prazer para tudo,  
O cordelista buchudo  
Vai lhe agradecer também.

Você ali tem ingresso  
Em qualquer hora do dia,  
É por isso que lhe peço  
Por Jesus e por Maria  
Pelo Deus que nos criou  
E pelo leite que mamou  
Não saia da Academia!

(Um abraço do seu admirador e conterrâneo Patativa do Assaré 17/09/97)

Este assunto, polêmico, revela além do conflito na Academia, o acentuado bairrismo<sup>153</sup> que marca essas duas cidades: Crato e Juazeiro do Norte. Dele, não se teve notícia em nenhum meio de comunicação local, apesar de Patativa, em uma de suas missivas, comentar que teria enviado uma destas cartas para o programa de rádio do poeta Eloi Teles. O debate em torno dessa questão ficou nos bastidores, no âmbito interno da Academia e externado apenas nas correspondências entre Patativa do Assaré e Bastinha. Na carta acima exposta:

<sup>153</sup> “O cratense é, de modo geral, orgulhoso da sua região, (o Crato participou ativamente da Revolução de 1817 e da Confederação do Equador, em 1824, e de todo o Ceará é onde a cultura popular é mais viva). Até em relação aos seus vizinhos, principalmente o Juazeiro, havendo, inclusive, uma querela antiga (que vem desde os tempos do Padre Cícero), entre os habitantes das duas cidades. Ainda hoje, é possível observar isso claramente. Os poetas da Academia não são diferentes, só que o orgulho deles é do cordel que fazem, o qual, pretende ser um resgate da tradição” (Oliveira, 2001, p. 47).

“Conselho de um amigo”, ele faz uma “solicitação” à poeta “colega” e “Conterrana” que “volte para Academia /mostrar com a sua poesia /o valor que você tem.” O texto de Patativa não é só uma solicitação, é um pedido de um amigo que muito lhe estima. Há uma preocupação deste em que esta volte a frequentar o reduto literário do Crato e chega até a pedir “por Jesus e por Maria /pelo Deus que nos criou/e pelo leite que mamou/não saia da Academia.”

Sobre este item do estatuto, Willian Brito diz por que Eloi Teles convidou, para criação deste grupo, somente poetas do Crato para ali participarem:

“(…) Porque que ele convidou gente do Crato? porque ele já tinha tido a experiência anterior de convidar gente de Barbalha, Missão Velha, Juazeiro, de Assaré e num teve como evoluir o processo, e aí ele convidou o pessoal que tava mais perto dele, no Crato”.

Não querendo entrar no mérito da discussão se tal item revela um bairrismo entre as cidades de Juazeiro do Norte e Crato, ou apenas um encaminhamento mais eficaz para a organização da entidade, o fato é que, tal questão desencadeou, neste grupo, um conflito que segundo o próprio Willian Brito, poderia “de repente dividir a Academia em duas e a Academia se acabar”.

Este conflito gerou um interessante debate, através de cartas, entre Patativa do Assaré e Bastinha, cujo assunto central era o “afastamento” da escritora desta agremiação. William Brito, diz em entrevista, que quando ele, juntamente com Eloi e o poeta Luciano foram na casa dela para discutirem o assunto, Eloi havia levado “uma carta do Patativa,” que, supõe-se ser a carta acima referida.

A segunda carta de Patativa aponta na primeira estrofe da carta verso, que havia uma cumplicidade entre este e Elói Teles na retomada da cordelista para a Academia, quando diz: “você me pediu um dia/pra eu adulá Bastinha/pra vortá pra Academia”. A primeira carta sobre este assunto remete a idéia que esta havia se afastado do grupo por mero querer ou simplesmente em razão da sua ida para Juazeiro do Norte. Entretanto, ao saber dos reais motivos ocorridos, ou seja, tanto do desentendimento que a poeta havia tido com Edésio Batista, à época presidente desta agremiação, como a existência do item estatutário da entidade, Patativa sente-se traído por Elói, dizendo que este havia dele debochado. Por isso chama-o “seu buchudo, seu malandro” e revela indignação com este por não ter lhe contado a verdade dos fatos. Bastinha conta, em entrevista, que Patativa “fez uma carta esculhambando seu Elói.”

**“Bastinha me contou tudo”**

Seu Buxudo, seu malandro  
Você me pediu um dia  
Pra eu adulé Bastinha  
Pra vortá pra Cadimia,  
Home tenha consiêça,  
Cadê sua intilgença?  
Cadê sua cimitria?

Se você tivesse dito  
O que tinha acontecido,  
Não tinha istruido verso  
Pra fazê o seu pedido,  
Andando de cara liza  
Adulando a poetiza  
Como viúvo inxirido.

Agora você provou  
Sua consiêça pôca,  
De um véio da minha marca  
Fez um menino de tôca,  
Faz oitenta e oito ano,  
Que mamãe trocou meus pano  
E pôs papa em minha boca.

Seu diploma de Dereito  
Não vale nem um vintém,  
Não há quem conte as errada  
Que esse seu Dereito tem,  
Você com sua rindade  
Deboxou minha bondade  
E fez de mim um ninguém

Quando eu fiz quêxa a Bastinha  
Do que você fez com eu,  
Ela disbuiou a histora  
Do jeito que aconteceu  
E eu tive conhecimento  
De um bonito documento  
Que o Presidente escreveu

Mas Bastinha sabe lê  
E vendo o Istatuto escrito,  
Leu e viu que o Presidente  
Fez o seu papé bonito,  
É justicêro pra frente,  
Talvêz seja descendente  
Do tá de Chico de Brito.

Muito bem, minha colega,

Você tem sua razão  
Quando viu no Istatuto  
A sua zuneração,  
Ficou firme em seu rotêro  
E vive no Juazero  
De Padim Ciço Romão

Já disse e torno a dizê,  
Eu gostei do seu papé,  
Quem faz o que você fez  
É muié, três vez muiê,  
O seu ato foi izato,  
Você não nasceu no Crato,  
Você nasceu no Assaré

Nois samo das nossa Serra,  
Cada quá a mais bacana,  
Todas duas de Assaré,  
Com nois dois ninguém se engana,  
Você da Serra Redonda  
E eu da Serra de Santana

Prumode finalizá,  
Vou mandá bem prazentêro  
Grande abraço para o Branco  
E pra você, grande chêro,  
Dia vai e dia vem,  
De tanto lhe querê bem  
Já tô virando Romêro.

O final da carta apresenta uma observação onde se lê:

“Bastinha me responda. Mandei uma cópia para o programa de Eloi Teles mais o meu rádio não pega o programa dele. Muito obrigada pelos folhetos que me ofereceu. Você ainda tem aquele folheto que fala sobre o que a professora sofre na fila para receber o seu ordenado e um gaiato grita dizendo: pra que votou no homem? Me levaram este folheto se ainda tiver me mande. Outro cheiro”.

Patativa do Assaré. 10. 97.

Ao ficar sabendo como realmente se processou a saída da escritora do reduto literário, Patativa critica veementemente Eloi Teles dizendo: “seu diploma de Direito/não vale nem um vintém.” A carta diz que foi a própria Bastinha quem lhe contou da desdita: “quando eu fiz quêxa a Bastinha/do que você fez com eu/ela disbuiou a histora/do jeito que aconteceu”. Patativa exalta a atitude da poeta que teve a coragem de prezar pelas regras do grupo “quando viu no istatuto/a sua zuneração”. Desta feita, Patativa solidariza-se com a autora e diz que

gostou do “seu papé”, “quem faz o que você fez/ é muié, três vez muié,” e diz cheio de orgulho: “nois samo das nossa Serra/cada quá a mais bacana/todas duas de Assaré/com nois dois ninguém se engana” passando a defender a “colega” que fez “seu papé bonito” finalizando com seu apoio incondicional à decisão da poeta dizendo: “de tanto lhe querê bem/já tô virando romêro”.

Logo em seguida que recebe a carta do poeta, a cordelista responde imediatamente à sua missiva, intitulada “Bastinha agradece a Patativa”.

Tomou conta do meu ser  
Mais uma vez a emoção  
Por sua cartinha ter  
Novamente em minha mão  
É mesmo dádiva de Deus  
Ter pra mim os versos seus  
Cheinhos de inspiração.

Você tá ciente agora  
A fonte é digna de fé  
A verdadeira história  
Da filha de Assaré:  
Da Santana ou da Redonda  
Não tem quem tire uma onda  
É ‘lé-com-lé; cré-com-cré’

O poeta barrigudo  
De certo, mal informado  
Sei que é sério e sisudo  
Nunca deu um passo errado;  
No dia da reunião  
Ele faltou à sessão  
Não viu o que foi tratado.<sup>154</sup>

Sobre esse incidente referente ao afastamento de Bastinha da Academia dos Cordelistas do Crato, seu presidente atual, Willian Brito, em entrevista, diz que esse acontecimento

“foi um episódio (...) graças a Deus superado por Bastinha e pela Academia, porque foi um gesto isolado. Quando eu tomei conhecimento do problema foi por Eloi, ele me convidando para ir a Juazeiro para conversar com Bastinha e eu fui com ele lá. Elói muito preocupado. Fomos eu, ele e Luciano fazer uma visita pra ela e conversar sobre isto. Ela tava realmente sentida. Eloi trouxe até uma carta do Patativa. Nem todos ficaram nem sabendo,

<sup>154</sup> Resposta de Bastinha, de 10/10/97 à Patativa

Eloi conduziu a coisa de tal maneira, tão sutilmente, que não chocou os outros. O importante neste caso deste episódio lastimável, eu acho que o grande mérito é de Eloi que com muita habilidade, usando as forças que ele tinha... por exemplo, ele sabendo da afinidade que Bastinha tem por mim, da consideração que ela tem a Luciano, da consideração que ela tem a Patativa, ele costurou de tal maneira que ela acabou voltando, ela só pediu um tempo. Ela pediu pra esperar que o mandato de Edésio terminasse e voltou”.

Este incidente revela, de certa forma, os conflitos internos existentes em que cada grupo, na luta por seus interesses e causas, sofrem no processo de seu reconhecimento. A cláusula da Academia, que vincula a permanência do poeta à cidade do Crato para participar da agremiação, poderia, caso não houvessem contornado a situação, segundo o próprio Willian assevera, resultado na divisão do grupo “e a Academia se acabar.” Esta polêmica, por outro lado, revela ainda o papel legitimador de Patativa no processo de reconhecimento de Bastinha como poeta. As cartas, que entre estes foram se somando, é a expressão máxima desse acontecimento, a senha simbólica, ou como diria Bourdieu “o ponto de vista autorizado, a título pessoal, como certo grande crítico, certo prefaciador de prestígio ou certo autor consagrado” (p. 146/47 mimeo), cuja autora ganha, na peleja, em configurar-se, na região, como uma cordelista, por sua vez, legitimadora da própria academia em que participa.

**SOCIEDADE DOS CORDELISTAS**

**MAUDITOS**

## 4.2 SOCIEDADE DOS CORDELISTAS MAUDITOS

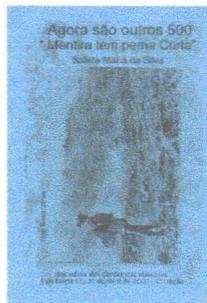
Partindo da necessidade de ampliar e “diversificar os códigos estéticos na literatura de cordel,” surgiu “nos quintos de Juazeiro/ onde reza é coisa broa,<sup>155</sup>” no dia da mentira,<sup>156</sup> a “Sociedade dos Cordelistas Mauditos”. Procurando trabalhar com a “intertextualidade” consciente para “redimensionar” esta literatura, os Mauditos propuseram: “criar novas formas visuais no cordel, denunciar os costumes populares reacionários,” além de proporem uma prática “(eu)cológica”, ao introduzirem em suas oficinas de gravura a plantação da umburana, árvore geradora da madeira onde é talhada a xilogravura juazeirense<sup>157</sup>.

Composto de 12 poetas (assim como a Academia dos Cordelistas do Crato), eles iniciam sua produção “sem nada a comemorar”<sup>158</sup> no período da festa dos 500 anos do Brasil. Foram 12 cordéis com o mesmo título: “Agora são outros 500”, uma crítica política aos cinco séculos de colonização e dominação estrangeira no país, e uma interessante releitura de 22 de abril. O cordel de Wilson Silmam é a prova:



Foi em 22 de abril  
Do ano mil e quinhentos  
Que Cabral pegou um barril  
Com cachaça e dois jumentos  
E mais treze pistoleiros  
E partiu pro Juazeiro  
Pra fazer descobrimento.

A pretensão, segundo Fernandes Nogueira, um dos membros do grupo, era “desmistificar, a partir do tema, a campanha eufórica dos meios de comunicação em torno desses 500 anos, apresentado como um dia de festa nacional”.



Um português mentiroso  
Diz que “achou” o Brasil  
Para um rei ambicioso  
Escreveu um imbecil  
Roubou flora, fauna e ouro  
Deu espelho de consolo  
A 22 de abril.<sup>159</sup>

<sup>155</sup> Mungangas de um Kariri Super Underground- Antonio Celestino

<sup>156</sup> Para o lançamento deste movimento compunham a mesa o poeta Abrão Batista e o professor Fábio José Cavalcanti de Queiróz.

<sup>157</sup> As citações foram retiradas do projeto de concepção do grupo

<sup>158</sup> Silma, Wilson. “Agora são outros 500-A verdadeira história do descobrimento do Brasil”

<sup>159</sup> Silva, Salete Maria da. “Agora são outros 500-Mentira tem Perna curta”



Crianças verdes de fome  
Deitadas eternamente  
Vivem em berço esplêndido  
Na rua cega e doente  
A mercê de seu olhar  
Cínico e indiferente.<sup>160</sup>

Minha terra tinha índios  
Mui formosa, graciosa  
Onde chora o sabiá  
Preso numa gaiola  
Tendo agora de dizer  
Que de tudo nela há.<sup>161</sup>

Filho do poeta Abraão Batista, Hamurabi Batista esteve presente na “nova safra” de cordelistas que emergiu em Juazeiro do Norte em primeiro de Abril. Sua trajetória, entretanto, vem de antes. Com mais de 20 cordéis lançados, Hamurabi é talvez, a ponta do *iceberg* que culminou no nascimento dessa Sociedade. Fluente em sua pena, esse “bendito/ maudito”, vem, a mais de uma década, decantando seus versos e influenciando com seu estandarte, um assunto não oficial: o cordel. Foi através da sua influência que escrevi, por exemplo, meu primeiro verso “A Mulher e o Cangaço”, cujo lançamento se deu no evento sobre o tema no “Memorial Padre Cícero”, em Juazeiro do Norte. Era o centenário da morte de Lampião e ele solicitou a mim que escrevesse sobre a participação das mulheres no cangaço. Desse contato, nasceu o segundo cordel: “O Encontro do Meu Pai com Lampião”, publicado pelo projeto “Cordel Vivo.” Ambos têm capa talhada em xilogravura por este, e a temática ali abordada, também foi por ele proposto. “Os quinhentos anos que invadiram o Brasil”, um cordel com estrofes de 14 versos, foi o único poema de Hamurabi Batista publicado pelos Mauditos:



Como se chama uma laia  
Que usurpa continentes?  
Se revelam indecentes  
Com sua maracutaia.  
Invade a nossa praia  
Inda pousa de bonzinho  
Vão sugando de fininho  
Nosso sangue sem parar  
Nos fazendo definhar  
Cantarolando e sorrindo  
E a gente admitindo  
Sair perdendo no ganho  
Sem saber qual o tamanho  
Do pau no cú que vem vindo.<sup>162</sup>

<sup>160</sup> Nobre, Edianne. “Agora são outros 500- Fatos reais”

<sup>161</sup> Nogueira, Fernandes. “Agora são outros 500” – O Veredicto”

Para anunciar o nascedouro deste grupo, a revista mineira *Palavra*, de 1ª de Abril, o Jornal O Povo, de Fortaleza e o Jornal do Cariri, de Juazeiro do Norte, trazem as seguintes informações:

“A boa acolhida do cordel no meio universitário dá origem a uma nova geração de autores. O estado do Ceará ilustra bem esse momento. Reunidos em grupos, alguns deles têm conseguido publicar regularmente (casos do Centro de Cordelistas do Ceará, em Fortaleza, e da Academia dos Cordelistas do Crato) e exercido novas linguagens e abordagens. (grifo meu) É o caso da Sociedade dos Cordelistas Mauditos, de Juazeiro do Norte, que lançou seu primeiro pacote de dez cordéis no início deste mês, dentro da série Agora são outros 500”<sup>163</sup> (Vale, revista Palavra 1ª de abril de 2000).

“A Sociedade dos Cordelistas Mauditos, divulgando a literatura de cordel, lança hoje, no SESC - Juazeiro, a partir das 14h00, doze cordéis intitulados ‘agora são outros quinhentos’ (Jornal do Cariri, 1ª de abril 2000). Estas declarações jornalísticas reforçam a caracterização já posta: a existência de um novo poeta, leitor, temas, linguagens, políticas culturais e a projeção de grupos organizados.

O Jornal O Povo, de Fortaleza anunciou o surgimento da produção destes jovens poetas com a seguinte frase: “a antropofagia chega ao cordel”. Apesar da comparação deste grupo com o movimento liderado por Oswald de Andrade na semana modernista, compreendo que, embora os Mauditos digam que “comem o imaginário” (Revista Cult, 2002) reacionário, numa alusão antropofágica, suas desconstruções, porém, caminham para um diálogo muito mais próximos com os pós-modernistas, do que com os modernistas de 1922. Esse fato é constatado não só por suas opiniões, como pelas declarações de membros do grupo, tal qual do poeta Orivaldo Batista, que salientou em entrevista neste mesmo jornal, *O Povo*, a seguinte afirmação: “queremos sair do lugar-comum, do misticismo ou o banditismo, Lampião ou Padre Cícero. A gente quer inovar, quer introduzir a linguagem africana, a mitologia grega. (...) defendendo a revolução, a única coisa que poderia solucionar a miséria desse país.”

O grupo, com dois anos de existência, congrega no seu interior vários jovens. “Inspirado de repente/ pelos ventos das taquaras”, o Maudito Hélio Ferraz, neto de cantador, é músico e vocalista da banda “Maria Doida”. Como gravador, já talhou várias capas de cordéis, e foi durante quase 20 anos de sua vida, participante e coordenador da “Quadrilha

<sup>162</sup> Ao lado foto da Sociedade dos Cordelistas Mauditos, 1ª de abril 2000.

<sup>163</sup> Este artigo refere-se a 10 cordéis publicados nesta data, porém, foram 12.

Ferrazão,” animando as festas juninas anualmente. Orivaldo Batista, participou como poeta do Jornal “Sensurado”, dos livros de poesia “Mãos” e “O Circulo”, é xilógrafo e bricolador. João Nikodemos, paulista do Crato, esteve na ativa da geração de poetas marginais da década de 70 e 80, é músico e também xilogravador. Júnior Boca é músico e vocalista da Banda Dr. Raiz, grupo musical de que também foi integrante o poeta Daniel Batata. Paulo Soares, também cratense, é estudante de Letras, e com o “olho do observador” que lhe acompanha, recria, no seu cordel, traços da influência do poeta Arnaldo Antunes. Cícero J. Gonçalves, o Soneca, que também participa de “Quadrilhas” juninas, traz na sua rima “emboladeira” as conversas paralelas “da feira do troca”, introduzindo na capa do cordel nova acepção como uma “caça palavras” para interagir ainda mais com o leitor. Regilene Stéfanni é a mascote do grupo e tem se destacado, juntamente com Jô Andrade, pela intensa criação de xilogravura para variadas capas de cordéis, dando perfil próprio, ou Maudito, a esta arte plástica. Edianne Nobre é atriz e xilógrafa. Além destes<sup>164</sup>, Ernane Tavares, vindo da cidade de Barabalha, espelha a relativa influência que o grupo começa a conquistar na região do Cariri. Vindo do Círculo de Leitura do SESC Juazeiro, onde participou também da coletânea “O Círculo e Mãos”, o poeta Fernandes Nogueira, é neto de Francisco da Silva, cantador juazeirense, cordelista e criador de benditos. Entre estes, o escultor e xilógrafo Antônio Celestino, sobrinho do conhecido escultor Zé Celestino, e filho da escultora Zumira Celestino.

A palavra “maudito”, segundo estes,

“é uma ironia aos professores acadêmicos e puristas que elegeram um tipo específico de pessoa/poeta para fazer o cordel, que seria por excelência o representante legítimo desse fazer artístico, como se a poesia tivesse um dono. Neste sentido nossa ironia é dizer que nosso cordel é mal feito, mal elaborado (ou seja, que para ser bem elaborado tínhamos que respeitar a visão de mundo dos poetas clássicos do cordel, presos a uma ideologia centrada numa memória, num imaginário social”<sup>165</sup>.

A designação “Mauditos”, portanto, como eles mesmo explicam, constitui-se de uma resposta àqueles que não os identificam como cordelistas, aos que se apropriam do cordel como se fossem donos únicos deste tipo de literatura, aos que não admitem a introdução de outros tipos de linguagem. Afirmam-se “maus” com “u” porque seriam considerados por

<sup>164</sup> Cito ainda Camila Alenquer e Onofre Ribeiro que participaram neste grupo somente em suas primeiras manifestações. Lançaram respectivamente “Agora são outros 500” em primeiro de abril de 2000.

<sup>165</sup> Nota retirada da carta dos Mauditos endereçada ao poeta Abraão Batista cujo título é “tradição e modernidade uma discussão necessária” (Jornal do Cariri 2001).

alguns poetas como ruins literariamente, e não pessoas nefastas ou maléficas. Se foram assim considerados, o efeito foi contraproducente, visto que se autodenominaram “mauditos” como uma forma de afrontar, ironizar, e até exorcizar o lugar-comum<sup>166</sup>.

Assim, segundo seu manifesto, a Sociedade dos Cordelistas Mauditos têm como proposta redimensionar, “a literatura de cordel para um campo onde todas as linguagens sejam possíveis” afirmando não serem “nem erudito, nem popular”, intitulam-se como “língua gens”.

“Acreditamos que existem linguagens variadas e não queremos nos bitolar a uma ou outra forma de expressão, elegendo uma como ideal, sacralizando-a. Queremos praticar no exercício somatório dessas linguagens, novas intertextualidades e gerar novos sentidos simbólicos (...) Utilizamos-nos de recursos visuais, gramaticais etc, e mesmo mantendo formas tradicionais, não nos limitaremos a estes, visto que CRIAR é o nosso pressuposto fundamental.”

Analisando este processo criador dos Mauditos, o pesquisador José Erivan Bezerra de Oliveira diz que “os processo intertextuais envolvem ainda a música e o concretismo na construção de dois textos da autora FANKA; estes dois folhetos (...) são fundamentais para compreensão do Movimento Maudito” (2001, p. 53), para tanto cita os cordéis: “Agora são outros 500 Tupy ort not Tupy” e o “Verbo Patativar.” O primeiro, que justifica a proposta com uma epígrafe de Cecília Meireles, “a vida só é possível reiventada”, traz a “utilização de um pentagrama musical no interior da estrofe” (*idem, ibidem*) que significam “dó, ré, mi, fá, sol, lá, si”, rimando intercaladamente com “sol, fá, mi, ré, dó, ré, mi”. Os versos rimaram: Si com Mi. “O segundo exemplo brinca com os concretistas, apesar de que, se disposto como estrofe do Cordel, será uma sétima, normal, como qualquer outra” (*idem, ibidem*).

Este grupo que não tem “patronos”, “cadeiras,” nem se auto-intitulam “os verdadeiros cordelistas,” é posto da seguinte forma pela poeta Salete Maria:

“Os Mauditos acreditam que a literatura de cordel não é propriedade de um grupo ou de pessoas que auto-intitulam porta-vozes dos sertanejos e de homens ingênuos, de pessoas ditas populares. Acreditam que o cordel é uma produção literária como são as demais e deve pertencer a toda humanidade, e não apenas a um grupo definido

<sup>166</sup> “O seu manifesto é claro, o vanguardismo e a juventude, latentes. A escolha do nome ‘maudito’ com ‘u’, é já, um anúncio de que eles estão dispostos a, nas palavras de BARTHES, ‘trapacear com a língua’ (Oliveira, 2001, p. 53)

como produtores exclusivos do cordel. Então levantam este questionamento, de que o cordel não tem que ficar em poucas mãos e ter aquela mesma estrutura de linguagem matuta e tem que ser voltado para um público X, analfabeto ou semi-alfabetizado, que vai consumir através da leitura de outras pessoas, enfim. O cordel permite que outros setores inclusive pessoas do mundo urbano possam consumir, inclusive confecciona-lo, todo mundo que queira”.

Procurando entrar no terreno da discussão de autenticidade no cordel, ou talvez polemizar com os cordelistas mais ortodoxos o poeta Maudito Hélio Ferraz escreveu um cordel intitulado: “Os Dez Mandamentos do Bom Cordelista”, texto irônico que inicia com a epígrafe: “fumaça subiu nas suas narinas, e da sua boca saiu fogo devorador”, Salmos 18,9.



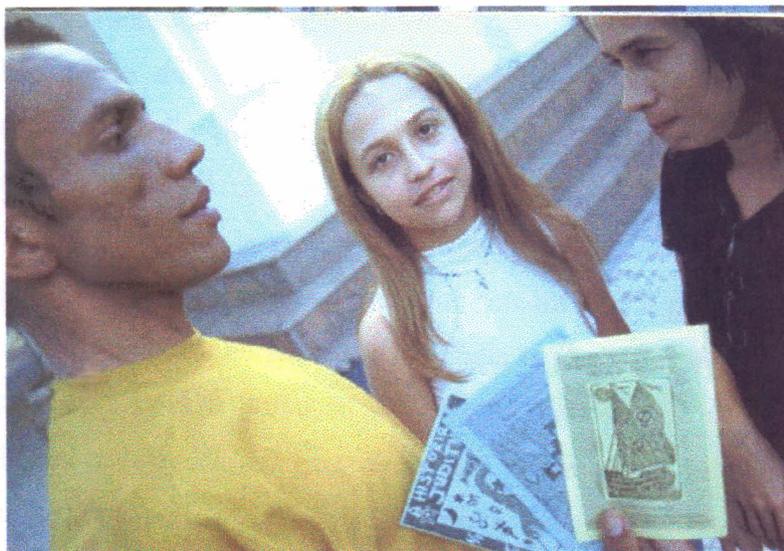
A quem possa interessar,  
Para os devidos fins,  
Este poeta vulgar  
Atesta e dá fé, assim:  
Cá estão dez mandamentos  
Do cordelista invento  
Do começo até o fim.

“Um anjo afoito/ em um transe surreal” aparece nestes versos para seduzir o poeta que queira ter fama, “ser bom e considerado”. Para tanto é só seguir seu “bizu,” ou seja, seus “dez mandamentos retados”. O narrador vai, a cada verso, introduzindo, através da fala desse anjo, um modelo a seguir para se fazer o “bom” cordel. Porém, a intenção do autor é criticar tal postura posicionando-se ao final do texto contra tal visão e não cedendo, portanto, às propostas ali sugeridas. Diametralmente oposta, a idéia ali defendida, rebatendo os conceitos e temas históricos neste campo poético, é fazer “tudo ao contrário”.

O primeiro mandamento  
Espere a inspiração  
Pra fazer verso de tema  
Padre Ciço, Lampião  
Ou qualquer mote da moda  
Comentado pelas rodas  
De boteco ou de salão.

Fazer tudo ao contrário, eis exatamente o novo sentido em que esta Sociedade propõe para o cordel. A relação entre o “velho” e o “novo” neste campo literário é metaforizado pelo poeta Hélio Ferraz através de um “anjo sinistro,” que sempre ofendido, zangado e prepotente,

oferece aos novos poetas, que são para este, “desbocados”, seus dez tradicionais mandamentos, afim de demonstrar a interessante peleja entre “os mauditos e benditos”.



O segundo elogios  
Apologia ao poder:  
É bom chaleirar político  
Babes mesmo pra valer  
‘bom na terra é bom no céu’  
se te chamam xeleléu  
é inveja, podes crer.

O terceiro é colocar  
A mulher em seu papel  
Que é de ser submissa  
Pois, a mulher no cordel  
Tem posição, tem lugar  
É talhada para o lar  
Procriar e ser fiel<sup>167</sup>.

Porém, apesar de seus conceitos, conteúdo e linguagens, que se apresentam como novidade neste campo literário e que ressignifica, no meu entender, esta literatura, a Sociedade dos Cordelistas Mauditos dizem, referindo-se aos seus antecessores:

“não queremos negar a importância literária e estética dada por estes poetas à literatura brasileira. Sabemos, aliás, o quanto estes foram discriminados e relegados à segundo plano, estando em geral, fora do espaço oficial letrado e acadêmico. O poeta dito popular resistiu, insistiu e produziu no Nordeste do Brasil uma das maiores narrativas de nosso século”<sup>168</sup>.

Nota-se, portanto, que a postura protagonizada pela Sociedade dos Cordelistas Mauditos, desarticula neste campo, o conceito de autenticidade e pureza. Suas concepções sinalizam que a ressignificação do cordel, na atualidade, coloca também em pauta o questionamento com a tradição histórica do cordel, seja do ponto de vista formal, estilístico ou de conteúdo.

A Sociedade dos Cordelistas Mauditos, me parece, apresentam um trabalho de ruptura na medida em que introduzem no cordel, signos visuais, novos temas e “linguagens”, procurando, a partir da “desconstrução” de elementos do imaginário sertanejo, não uma identificação direta da cultura “popular”, como faz a Academia dos Cordelistas do Crato, mais uma redifinição desta. Este processo, no entanto, não ocorre sem contradições e polêmicas.

<sup>167</sup> Ao lado foto dos poeta Mauditos Orivaldo Batista, Edianne e Eliane Nobre

<sup>168</sup> Texto retirado do seu projeto inicial de criação, Abril 2000

#### 4.2.1 “SOU POETISA MAUDITA”

Caracterizando-se dessa forma, como “poetisa maudita” no seu poema “cordelirando”, Salete Maria da Silva conta, em entrevista, como entrou na Sociedade dos Cordelistas Mauditos. Ela diz que recebeu o convite e foi “conhecer a proposta, achei legal, era mais ou menos o que eu já fazia só que eu não tinha um norte, uma direção nem um pensamento definido. Eu fui pra lá pra me organizar, pra discutir e aprender coisas”. Neste processo de organização, aprendizado e busca, fui percebendo, a partir das entrevistas que a autora me concedeu como ela, ao passo que defendia as propostas do seu grupo, também se posicionava e contribuía para a definição do mesmo. Este fato é constatado quando avalia que sua entidade, apesar dos avanços, ainda está em processo de amadurecimento. Para tanto teceu alguns comentários críticos a respeito de como estes ainda apresentam conteúdos preconceituosos e machistas. Diz esta autora:

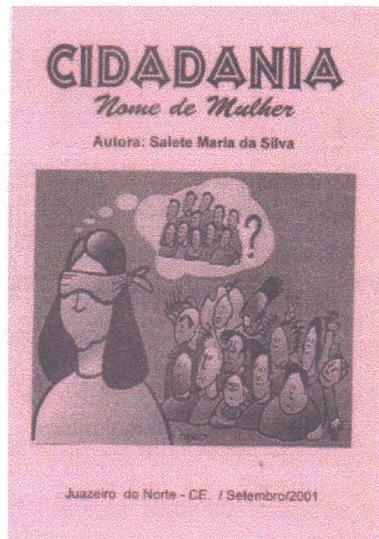
“Eu estava lendo um cordel de uma Maudita sobre amor (..) a mulher fazia um esforço tão grande para conquistar um homem e esse homem a desprezava, e ela travava uma luta contra uma outra mulher. Ela queria aquele objeto amoroso, e ela estabelecia uma disputa elevando sempre as qualidades dela e menosprezando a da outra, etc. É um cordel que se pretende maudito mais que na verdade traz a mesma concepção dos cordéis que eu lia pra minha avó, lá no passado, entendeu? nesse cordel, a novidade está em trazer uma série de intertextualidades, mais no pano de fundo, você lê que ela continua vendo a relação homem/mulher como (...) uma peleja onde quem tem melhores atributos estéticos é que vai ser vitorioso, então eu acho isso um absurdo, porque não é uma concepção combativa, revolucionária, onde as pessoas estão porque se amam, é uma luta pelo ser amado que tem que ser propriedade dela”.

Segundo esta autora, essa constatação “exige dos mauditos uma maior capacidade de teorizarem o que eles são, o que querem e prá onde vão”. Ela demonstra, em sua análise, a partir da reflexão destes elementos mencionados, as dificuldades, não só do seu grupo, como de outras poetisas, importante na região, que poderiam, pelo grau de formação intelectual, estarem contribuindo mais decisivamente para um novo sujeito e um novo cordel, caso de

“Bastinha que é, foi professora universitária, passou a vida inteira estudando literatura, poderia

ser muito mais conseqüente, aproveitando essa bagagem da academia e essa capacidade que ela tem, essa facilidade, essa possibilidade extraordinária que ela tem de versejar, poderia aproveitar tudo isso pra discutir o caminho do cordel, o futuro do cordel, enfim”.

Notadamente, percebe-se que a autora Salete Maria, realiza no interior do seu grupo, os Mauditos, não só uma importante produção literária para construção desses novos temas na ressignificação do cordel, como também, uma intervenção decisiva e sistemática sobre os rumos políticos da Sociedade em questão. Seu cordel “Cidadania nome de mulher” é uma obra, cuja intenção é traçar os rumos históricos da luta das mulheres desde a colonização e demonstrar por sua vez, a tarefa que o seu grupo deve seguir, ou seja, uma nova maneira de abordar a história dos oprimidos.



Lutar, eu sei que lutou  
Se pôs contra a monarquia  
Deu à luz o cidadão  
Mesmo sem cidadania  
Se organizou foi à rua  
Rasgou o véu, ficou nua  
Pugnou por alforria.

Eis o nosso desafio  
É preciso matutar  
Vovó não tinha direito  
Mas hoje direito há:  
Para que cidadania?  
Só pra rimar com Maria?  
Ou pra se exercitar?

#### 4.3. DIFERENÇA E (DI)VERSO NO CONTEXTO DO CORDEL NO CARIRI

De acordo com as posições já ressaltadas pelos grupos citados, constata-se que entre as duas “instituições” do campo em estudo, há importantes diferenças. Percebe-se que na medida em que a Academia dos Cordelistas do Crato se propõe a “resgatar” a chamada cultura popular, em torno dos elementos concernentes ao mundo projetado nos costumes e num “imaginário” social sertanejo, a Sociedade dos Cordelistas Mauditos, como atesta seu texto de concepção e seu manifesto, organiza-se no sentido de provocar, nesta literatura, uma ruptura com alguns destes pensamentos. Referenciando-se na intertextualidade deliberada e na pluralidade de linguagens, os Mauditos questionam a própria cultura popular e a redefinem.

Há duas formas, portanto, de resgate. São duas maneiras conscientes de apropriação do “popular,” onde, de um lado, um grupo se mantém mais próximo do universo da oralidade, dos mitos e lendas, e o outro, por sua vez, tenta romper com alguns dos traços, considerados por eles, conservadores, traços encontrados no cordel aqui já citado, de Hélio Ferrraz sobre os dez mandamentos do bom cordelista.

O quarto - é sobre o negro  
Isto é gado que se marque?  
Da senzala p'ra favela  
Só servirá para o baque  
Ou motivo de chacota.  
Bom poeta nunca bota  
Um crioulo em destaque.

Assim, em comum acordo com Bourdieu, Canclini cita que cada campo cultural é “essencialmente um espaço de luta pela apropriação do capital simbólico, e em função das posições que se têm em relação a esse capital - proprietários ou pretendentes - são organizadas as tendências - conservadoras ou heréticas.” (1998, p. 41) Nestes grupos visibilizados onde também estão presentes as mulheres, não há uma uniformidade. Há conflitos e demarcações de posicionamentos.

Para efeito desta discussão, em que instituições, embora enquadradas no mesmo campo opõem-se entre si, Norbert Bandier, apoiando-se na teoria proposta por Bourdieu, analisa o surgimento de vanguardas coletivas salientando que “toda vanguarda propõe, assim, novas formas, reuniões ou temas que representam, desde então, uma nova oferta de bens culturais no setor legítimo de um campo”. Para ele este “projeto criador se inscreve, então, de chofre numa lógica de renovação da criação, com uma vontade experimental” (Revista de Ciências Sociais, 2000, p. 1).

Os processos de resgate no cordel ocorrem por vários caminhos, veja por exemplo o que diz Expedito da Silva, poeta juazeirense quanto a uma um tipo de resgate nessa literatura, na apresentação do cordel “A istôra da caboca qui inganô o santo” de Iris Tavares e Josenir Lacerda.

“Iris Tavares e Josenir Lacerda, senhoritas cultas e da sociedade, vêm com o presente cordel, feito em linguagem matuta, (o qual não é fácil de escrever), desmentir o boato que dizem por aí que o cordel de Juazeiro do Norte está em decadência, sem aceitação e abandonado pelos poetas, então essas duas poetisas, mostram que o boato não é provável, porque pela primeira vez, a mulher juazeirense desfaz o que dizem mostrando que em ‘Juazeiro do

Padim Ciço' até as mulheres escrevem o cordel,<sup>169</sup> enaltecendo a nossa poesia popular com o presente cordel, o qual merece o maior apoio dos poetas do gênero”.

A utilização da linguagem dita matuta por “senhoritas cultas e da sociedade” revela uma apropriação por parte destas de uma linguagem. Isto remete à antiga discussão de um fazer típico de cordel ou de uma autenticidade. Talvez, para validar um sentido em que foi dado a esta poesia, as autoras, vão buscar a partir dessa forma “original” construir sua poesia, valorizando expressões ditas populares.

É neste sentido, talvez, que uma das estrofes do cordel de Bastinha “30 anos de Sertão Preto a Elói Teles de Moraes,” defenda a seguinte idéia, de que “os verdadeiros artistas” estão concentrados na “Academia dos Cordelistas do Crato.” Isto seria em razão de defenderem uma “autêntica” cultura tida popular?

“E nessa ocasião  
dessa justa apologia  
sua última criação:  
do Crato, a Academia  
agregando os cordelistas  
os verdadeiros artistas  
da arte de poetar  
que retratam em seus versos  
temas por demais diversos  
da cultura popular”

Já os Mauditos, embora não versem na linguagem dita matuta, postulam em seu manifesto o seguinte: “entramos na obra porque ela está aberta e é plural”, defendendo a tese de que não existem barreiras para o cordel, devendo ser entendido e defendido como possibilidade de nele confluírem-se várias “linguagens”.<sup>170</sup> Salete Maria, membro da “Sociedade” diz que

“às vezes também somos incompreendidos pelos próprios estudiosos do cordel, pelo fato que eles estão tão apegados àquela cultura de que o cordel é somente aquela fala matuta do sertanejo (...) eles dizem que o que fazemos é brincadeira. Nós, por outro lado, levamos tanto a sério nossa atividade que procuramos utilizar outros palcos, outros ambientes. Eu, por exemplo, sou advogada e sou cordelista. Não faço cordel para me divertir, faço

<sup>169</sup> Grifo meu

<sup>170</sup> retirado do manifesto dos mauditos

para persuadir, para argumentar, por isso, faço cordel para dentro da universidade”<sup>171</sup>.

Vale salientar, a partir desta citação, alguns elementos pertinentes da ressignificação do cordel: a presença feminina e a existência de um novo público. Como advogada e professora da Universidade Regional do Cariri - URCA, a autora encontra na juventude universitária um receptor que compreende a linguagem dos Mauditos, fazendo com que, de certa forma, ao atuar neste espaço como profissional, não só concretize a proposta do seu grupo, que é criar novos leitores, como, conscientizá-los e leva-los à reflexão do mundo em que vivem. Transitando em vários ângulos e territórios, como advogada, mulher, professora universitária, militante etc, vê-se que a autora em questão e sujeito desta pesquisa, influencia na Sociedade dos Cordelistas Mauditos a prática de uma nova consciência, política, feminista e ecológica.

Fazendo uma comparação entre o chamado cordel tradicional e este, dito “maudito”, utilizando o termo “eles” e “nós,” Salete Maria aborda:

“na forma coincidimos. ¼ de folha. Tanto eles como nós reivindicamos cordelistas. Nossa maior divergência está na temática, no conteúdo. Também nós divergimos no fazer os versos. Eles não admitem quebrar os versos, ao passo que nós o fazemos, sempre que necessário. Não rima. Vem numa rima normal e de repente...crash! a Fanka, por exemplo, colocou notas musicais no cordel. Às vezes usamos palavrões, não de uma maneira vulgar, mas para dar recursos, para dar vozes àqueles que não falam. Usamos gírias”<sup>172</sup>.

Enquanto Josenir Amorim, da Academia dos Cordelistas do Crato, proclama em seu texto publicado pela Revista Província que “desde a sua criação, a academia abraçou como propósito e objetivo principal conservar as características originais do cordel, impedindo a sua desvirtualização<sup>173</sup>”, os Mauditos rebatem:

“questionamos a defesa ingênua e ufanista do popular, sua sacralização, e a falta de uma crítica aos aspectos retrógrados dessa cultura. O resgate puro e simples cai no erro de congelarmos o tempo e obedecermos somente a uma concepção ancestral de mundo, em geral, imbuída de sentimentos

<sup>171</sup> Entrevista 24.05.01 São Paulo

<sup>172</sup> idem

<sup>173</sup> Grifo meu

profundamente nefastos, que reforçam os modelos de opressão e exploração do capitalismo”<sup>174</sup>.

Essas posições antagônicas em disputa rejeitam a visão de uma totalidade sem conflitos. Percebe-se que, enquanto objetiva a “Academia dos Cordelistas do Crato” resgatar o cordel em sua expressão mais autêntica, os “Mauditos”, por sua vez, sugestionam através de outra maneira de resgatar o popular, uma certa ruptura com a visão estabelecida. Os dois grupos na luta pelo seu reconhecimento revelam quão divergências existem no campo em estudo dessa literatura na região. Por isso ressalta Nestor Canclini:

“As convenções que tornam possível que a arte seja um fato social, ao mesmo tempo em que estabelecem formas compartilhadas de cooperação e compreensão, também diferenciam os que instalam em seus modos já consagrados de fazer arte dos que encontram a arte na ruptura das convenções” (1998, p. 40).

Cada grupo, na peleja por seu reconhecimento, motiva-se em concepções cujas idéias estabelecem conceitos e regras para o entendimento dessa literatura. Sobre isto veja como pensa a Academia dos Cordelistas do Crato no tocante à compreensão de como deve ser o cordel:

“queremos fazer com que este veículo se mantenha em sua forma, ou seja, nós fazemos questão, por exemplo, da métrica, fazemos questão da rima, (...) O nosso verso padrão, ele tem na capa uma xilo (...) depois a gente colocou em cada verso nosso uma apresentação, é uma introdução, pra quem nunca pegou naquilo (...) nós temos o folheto quando tem 8 páginas, nós temos o verso com 16 e o romance com 32. Pra nós o folheto de 8 páginas, ele tem 32 estrofes, se for em verso de 6 pés ou de 7 pés, se for em verso de 10 pés, então só dá pra fazer 16 que é a metade. Isso tá padronizado. (...) Então a gente vai levando sempre respeitando as características do verso” (2001, 4 de abril).

Para a Academia dos Cordelistas do Crato, o cordel deve manter um vínculo mais próximo com o que chamam de origem desta narrativa. Neste sentido, tem que manter uma “forma,” que se desdobra em rima, métrica, a utilização da xilogravura, uma apresentação. Definem cordel como de 8 páginas, o verso com 16, e o romance com 32 estrofes. Além de

<sup>174</sup> texto de concepção dos Mauditos

manterem formas fixas como sextilhas, setilhas e décimas. William Brito diz que: “isso tá padronizado, na Academia nós temos aquela coisa de procurar a identidade com o público.”

Essa “identidade com o público”, me parece, é um dos pontos que mais polemiza os Mauditos com a Academia do Crato. As concepções acima já destacadas de ambos, cogitam entre a defesa de um pensamento mais próximo de uma tradicional maneira de se produzir o cordel e outro que se diz romper, por sua vez, com parte importante das representações desse “popular” do sertão. Ao tentarem romper com os temas históricos ou a forma como eram abordados, os Mauditos, também, sinalizam outro público que não o tradicional. Por isso criticam tão veementemente os esteriótipos, a religião católica etc, profundamente arraigada neste público tradicional.



Muita porra improdutiva  
É vista nesse cristismo  
Desse pseudo-ecletismo  
Sem contestar a verdade  
Deus nunca foi um cristão  
Não fundou religião  
Nem aprovou nem um ismo<sup>175</sup>.

Da análise dos grupos, uma coisa ficou clara: compartilham de um código literário comum, mas não partilham dos mesmos conceitos ou idéias. Têm entretanto uma interessante ausência compartilhada: o Padre Cícero na versão tradicional. Na Academia dos Cordelistas do Crato, há apenas uma referência deste em todo seu acervo. Este padre que legitimou essa literatura no seu nascedouro em Juazeiro do Norte, não encontra eco nestes grupos e embora os Mauditos tenham relacionado alguns temas com este, como “Padre Cícero e a Vampira,” citado em “Joca e Juarez”, “Queima de Arquivos - Os Livros Proibidos de Padre Cícero”, em todos estes, a versão do “patriarca” difere no conteúdo em que este foi historicamente recitado no cordel.

Enquanto isso, o “anjo Mefisto”, “perfeito nos argumentos”, não cansa de proclamar nessa peleja, entre o diferente, o diverso, no cordel, seus mandamentos:

O quinto é importante:  
Manterás sempre os mitos  
Sustentarás por verdades  
De Anchieta ao grito  
Do Ipiranga...o real...  
No país do carnaval,  
O povo acha é bonito<sup>176</sup>

<sup>175</sup> Celestio, Antonio. “Mungangas de um Kariri Super Underground” 2001.



O sexto é ser astuto  
Não provoque discussão  
Nunca ataques a igreja  
Perante a população.  
Polemizar é o horror  
Se o povo é a favor,  
Digas 'sim. Se é contra, 'não'

Não defendas 'minorias'  
Eis o sétimo firmado  
Cordel bom é sobre seca  
Ou valores do passado  
E dou-te a garantia  
Irás p'ruma academia  
De poetas respeitados.

O verso acima, “iras p'ruma academia/ de poetas respeitados” não foi colocado ali, pelo poeta maldito por mero acaso. São patentes as divergências ideológicas desses novos cordelistas de Juazeiro do Norte, com os poetas ditos ortodoxos. A intenção é claramente discordar do modelo de organização acadêmica, cheia de regras e normas. Assim, sem “nada a comemorar”, porém, dispostos a desconstruírem as lâminas do que chamam de senso comum, estes poetas, em romaria, alastram suas idéias, para alguns, profanas, no entanto, apenas malditas para os membros dessa agremiação.

Oitavo: sejam bastante  
Arraigado às tradições  
Igreja, pátria, família  
Trazem só aceitações.  
'voz do povo, voz de Deus'  
escreva os ditames meus:  
sirva sempre aos patrões.

A ética deste grupo, que rompe com o positivismo, com as idéias modernistas de tradição e autenticidade, é perpassada por uma vontade de mudanças sociais, pelo sentido de “revolução” em que, conspirando contra os esteriótipos, crenças e mazelas do capitalismo, anunciam a possibilidade de um novo mundo. Assim dizem:

“Reivindicamos o popular, vez que não somos sectários, defendemos sua sabedoria. Este saber é fonte de nossa pesquisa. A visão de que o popular não tem um saber, que apenas executa uma prática ditada pela classe dominante, nós a rejeitamos, mas reiteramos: desgraçadamente, o popular

<sup>176</sup> Ao lado foto da Sociedade dos Cordelistas Malditos

também é vítima da massificação e recebe influências profundas de idéias atrasadas, recheadas de preconceitos. (...) Buscamos novos sentidos políticos, culturais e estéticos<sup>177</sup>. Formar uma nova capacidade de olhar o mundo, de forma caleidoscópica e fazendo desconforto no estabelecido, no supostamente perene. Tudo nasce, cresce e perece, eis a lei”.

A defesa dessa arte pelos Mauditos tem uma finalidade que não somente a de “resgatar” uma cultura dita popular. Seu resgate do “popular” passa pela defesa do seu elemento de resistência, subversivo, criador e criativo, apropriando-se do cordel para divulgar idéias, cuja pedagogia construa uma nova visão “(eu)cológica” e “revolucionária” para o mundo. Os Mauditos, parece-me, redefinem, neste sentido, o próprio cordel. Mais do que a postura meramente política, assumem também uma atitude ecológica:

“(...) Tudo isso passa também por uma discussão do ser ambiente o (eu)cológico. (...)Essa postura a ser defendida entende a vida como ARte e a arte como VIDA, esta a ser preservada, cuidada e adubada com a cultura de um mundo melhor, porque a gente “não quer só comida, a gente quer comida, diversão e arte... a gente quer saída para qualquer parte... prazer pra aliviar a dor...a gente quer fazer amor”.

Veja-se por exemplo o cordel de João Nikodemos. Neste, o poeta que trata da temática ecológica, proclama, em seus versos, uma nova mentalidade na defesa da natureza, além de introduzir na capa do mesmo, feita em xilogravura, um poema concreto que é o subtítulo do cordel “Apague o Pavio”: O fim não tem revanche:

Dê uma chance pra vida  
Pra que você tenha chance  
Pro erro não dê guarida  
Comungue com a Natureza  
Vá semear beleza;  
O fim não tem revanche.

É para tanto que “na fumaça/ um anjo afoito,” descrevendo suas máximas filosóficas cordelianas, finalmente declama seus últimos mandamentos:

O nono é ser saudosita  
Glorificar tempo idos

<sup>177</sup> Grifos meus

Ovacionar os caxias.  
Mesmo os erros cometidos  
Foram em favor da história.  
Referendar tais memórias  
É sucesso garantido.

O décimo mandamento  
É ser leal ao dinheiro:  
Poeta não tem futuro  
Se não for interesseiro  
E revelar a premissa  
De lutar pela justiça  
O fracasso acha ligeiro.

Para enfim, liberto do transe, o poeta definir-se peremptório:

E o anjo retirou-se  
O transe passou em parte  
Restou somente a sentença  
De ser um maudito, destarte.  
Não rezo em nenhum rosário  
Faço tudo ao contrário  
Não apaguem minha arte.

Tive a intenção de demonstrar as principais questões levantadas pelos grupos de cordelistas de Juazeiro do Norte e Crato, suas posições e lutas simbólicas concernentes à defesa do que venha a ser cordel. Neste campo foi visto como a Academia dos Cordelistas do Crato, segundo seus estatutos e concepções, tentam recuperar a idéia de uma tradição presente, no sentido de autenticidade do cordel, tanto quanto, observar nesta instituição, a presença marcante da poeta Sebastiana Gomes de Almeida Job. Por outro lado, também foi visto como a Sociedade dos Cordelistas Mauditos oferecem, a partir do seu manifesto, cordéis e texto de concepção, uma importante redefinição da chamada cultura popular e propõem neste processo de ressignificação desta literatura um debate em torno do “velho e do novo”. Ainda aqui, retratou-se a partir da poeta Salete Maria, os processos de definição deste grupo e sua importante contribuição na consolidação da idéia “maudita”, sendo esta, exemplo notório da nova conjuntura do cordel, onde novas temáticas, conteúdos, leitores e linguagens ali se organizam na ressignificação desta narrativa.

Assim os dois grupos, embora situados no mesmo contexto, apresentam-se com posições diferenciadas, inaugurando por sua vez, no campo literário, um instigante debate entre filiação e desfiliação da tradição cultural nordestina.

## CONCLUSÕES

A literatura de cordel vem atravessando a partir de 1970 uma importante retomada. Para tanto, interrelacionado ao seu ressurgimento, apareceu um campo cultural como empírico, que a fez ressignificar, ganhando novos sentidos e significados.

Este processo relacional entre campo cultural e empírico, visualizou e comprovou a existência de uma importante presença feminina, como autoras na literatura de cordel, especificamente em Crato e Juazeiro do Norte, apresentando-se como um dos principais elementos de retomada desta poética.

Estas autoras, emergem com maior destaque e visibilidade, sobretudo na região do Cariri, a partir do momento em que, dado os elementos caracterizadores da ressignificação do cordel, cria-se uma nova categoria de cordelistas, onde a mulher, presente, influencia com suas novas temáticas e conteúdos, a própria ressignificação.

Neste sentido, posso afirmar que a existência dessas mulheres não é obra do acaso ou dos desejos idílicos da pesquisadora apaixonada. A produção cada vez mais sistemática das mulheres autoras de cordel na região do Cariri, afirmam, indubitavelmente, os processos, tanto de transformação e valorização do “popular” na sociedade contemporânea, como a presença destas na disputa dos espaços públicos, institucionalizados ou não.

No universo feminino do cordel, destaquei a produção de duas cordelistas que refletem, no campo do cordel, perfis, estilos e resgates diferentes dessa narrativa.

Suas produções sinalizam que os diferentes resgates efetuados neste campo, é fruto, de uma interessante peleja no processo de reconhecimento e legitimação, hoje colocados, pelos novos atores desse processo em curso. Assim, é que vemos, por exemplo, tanto uma produção literária que mantém os principais elementos da cultura dita popular, caso de Bastinha, como uma narrativa poética mais distanciada deste universo e introdutora de novas temáticas feministas, vistas através do acervo da poeta Salete.

A entrada das mulheres neste universo poético, porém, seria pouco notada se estas ainda permanecessem no mundo privado, oral, que lhe era mais acessível, dadas às condições políticas, sociais e econômicas da sociedade patriarcal nordestina.

As mulheres que hoje elaboram o cordel estão à frente de órgãos, partidos, sociedades, academias, círculos etc. Sua performance não é as feiras, onde outrora recitava o poeta “popular”, são as ruas, as tribunas, o jornal, as rádios, em passeatas, dentre outros espaços que possibilitam o acesso a esta literatura.

Apresentam-se por outros meios, acenam por outras vias de comunicação, em geral, não só como cordelistas ou artistas criadoras, mas como participantes do mercado de trabalho e da vida política. São letradas, urbanas, e com atividade profissional remunerada, ou seja, apresentam-se diferentemente da mulher cantadora de outrora, semi-analfabeta, fora do mercado de trabalho. Sua produção influencia uma nova geração de consumidores, resultando numa ampliação e divulgação do cordel na atualidade.

Como estratégia para resistirem à morte decretada do cordel, os poetas iniciaram em 1970 uma interessante organização em grupos. Este elemento caracterizador da ressignificação dessa literatura, foi constatado através da Academia dos Cordelistas do Crato e Sociedade dos Cordelistas Mauditos, respectivamente de Crato e Juazeiro do Norte.

A criação destes espaços institucionalizados indica, no interior desta narrativa, a pejeia em torno da noção de “filiação” ou “desfiliação” de uma “autenticidade” no campo em questão. Assim, foi visto como se delineia nesta retomada do cordel as principais posições dos poetas e conflitos, inclusive, das cordelistas, que representam nestas entidades papel importante na consolidação e direção dos mesmos.

O debate em torno da autenticidade no cordel demonstrou-me a pluralidade de posturas no campo do cordel, visto que tanto a Academia dos Cordelistas do Crato como a Sociedade dos Cordelistas Mauditos fundamenta-se em resgates opostos desta poética. Para tanto, a utilização do conceito de campo, foi extremamente importante para demonstrar, não só as diferenças entre as cordelistas, como as principais lutas simbólicas destes grupos vistas através de suas temáticas e conteúdos.

O campo, revelou, também, que as mulheres autoras de cordel não são uniformes, ou seja, são diferentes social, política e economicamente, portanto, permitindo uma visão não determinista, ou mesmo feminista adentrando pelo universo da subjetividade que caracteriza a contemporaneidade da condição feminina.

A trajetória investigativa, demonstrou a legitimação das mulheres cordelistas vistas tanto por manifestações públicas dos poetas homens (Eloi, Patativa do Assaré, Willian etc) como, pela presença da imprensa escrita realçando “a presença feminina” nesta narrativa. Apesar da influência masculina nas obras das cordelistas, elas instituem uma autonomia, posto que introduzem novas temáticas e conteúdos no cordel, inéditos nesta região, tais como os temas das chamadas “minorias” (mulheres, homossexualidade, negros etc), ecologia, crítica política à situação econômica do país, dentre outros temas.

A presença feminina como elemento que ressignifica o cordel, indica como essa literatura vive hoje no Brasil num importante processo de transformação e incorporação de

diferentes linguagens. A entrada de diferentes atores, onde a mulher é a mais nova atriz desta poética, revela, por outro lado, as transformações sociais em que passa a sociedade, aonde a mulher vem se destacando e disputando o espaço público, inclusive nos campos marcadamente masculino como é o caso do cordel.

De um ponto de vista objetivo, as condições para o maior engajamento da mulher na produção da literatura de cordel no Cariri foram postos: a ressignificação do cordel, a conquista das mulheres do espaço público e a dinâmica da produção cultural do Cariri, este, um celeiro artístico movimentador de ícones como Cego Oliveira, Patativa do Assaré, Ciça do Barro Cru, Padre Cícero, Mestre Noza, Irmãos Aniceto, entre tantos outros, os quais se somam a eles Bastinha e Salete neste universo da cultura caririense

Porém, creio que esta ressignificação tende a operar outros significados a literatura de cordel, não só para o universo caririense, mas como possibilidade para um redimensionamento no tocante ao próprio conceito de cultura que se transforma e se metamorfoseia, como no vôo da Fênix.

## BIBLIOGRAFIA

- ABREU, Márcia. Histórias de cordéis e folhetos. Campinas: Mercado de Letras. Associação de Leitura do Brasil, 1999.
- ARANTES, Antônio Augusto. O que é cultura popular. São Paulo: 13 edição. Editora Brasiliense Coleção Primeiros Passos, 36, 1988.
- ANTOLOGIA DE LITERATURA DE CORDEL, Secretaria de Cultura, Desporto e Promoção Social Governo do estado, Fortaleza-Ceará: 1 Volume 1978.
- AUTORES DE CORDEL –Literatura Comentada. São Paulo: Abril Educação, 1980.
- ANTOLOGIA/ RODRIGUES, José Nildo. (Org) Nair Sempre! A marca de uma Mulher Juazeiro do Norte: Edições ICVC, 1999.
- ALMEIDA, Átila Augusto F. de, e SOBRINHO, José Alves. Dicionário Bio-Bliográfico De Repentistas e Poetas de Bancada, tomo I e II. Campina Grande: Editora Universitária João Pessoa Centro de Ciências e Tecnologia, 1978.
- BAKHITIN, Mikhail- A cultura popular na idade média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais. SP: Hucitec; Brasília: Edunb, 1996
- BOURDIEU, Pierre. Razões práticas sobre a teoria da ação. Campinas, São Paulo: Papyrus Editora, 1997.
- BOURDIEU, Pierre. As regras da arte- Gênese e estrutura do campo Literário. São Paulo: Companhia da Letras, 1996.
- BOURDIEU, Pierre. O Poder Simbólico. Memória e Sociedade. (mimeo)
- BRANDÃO, Helena H. Nagamine. Introdução à Análise do Discurso. Campinas São Paulo: 6 edição, Editora da UNICAMP.1997
- CEARÁ, Secretaria de Cultura e Desporto. Centro de Referência Cultural. A Literatura Popular em questão. Coleção Povo e Cultura n 3, Fortaleza: 1982
- CARVALHO, Gilmar de. Manoel Caboclo Biblioteca de Cordel. São Paulo: Editora Hedra, 2000.
- CARVALHO, Gilmar de. Madeira Matriz/ Cultura e Memória. São Paulo: Annablume 1998.
- CARVALHO, Gilmar de. Publicidade em Cordel. O mote do Consumo. São Paulo: Editora Maltese, 1994.
- CARVALHO, Gilmar de. Xilogravura doze escritos na madeira. Museu do Ceará Secretaria da Cultura e desporto do Ceará, 2001.

- CARVALHO, Gilmar de. Cordão, Cordel, Coração. Cult, São Paulo, V.5, n. 54, p.44-49, jan. 2002
- COELHO, Nelly Novaes. A literatura Feminina no Brasil Contemporâneo. São Paulo: Editora Siciliano, 1993.
- CURRAN, Mark. História do Brasil em cordel. São Paulo: Edusp, 1998.
- CURRAN, Mark J. A literatura de cordel. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1973.
- CHARTIER, Roger. Estudos históricos - Cultura Popular, Revisando Um Conceito Historiográfico (mimeo).
- COSTA, Fábio José Rodrigues da e AZEVEDO, Fernando Antônio Gonçalves de. Ensino Da Arte: entrelaces. Crato: Núcleo de Estudos e Pesquisas em Ensino de Arte da URCA, 1999.
- DIEGUES Jr, Manoel. Ciclo temático em literatura de cordel in literatura popular em Versos. Belo horizonte: Itatiaia, SP: Fundação Casa Rui Barbosa, 1986.
- DANTAS, Antônio Ribeiro. Tudo é perigoso, tudo é divino maravilhoso. As sexualidades Na Tropicália- 1967-1979. Tese apresentada como requisito parcial para obtenção Do título de doutor em sociologia, junto ao programa de pós graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará, 1999.
- FERRREIRA, Jerusa Pires. Cavalaria em cordel O passo das águas mortas. São Paulo 2 edição: Editora Hucitec, 1993.
- GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. RJ: Zahar, 1978.
- GINZBURG, Carlo- O queijo e os vermes- o Cotidiano e as idéias de um Moleiro perseguido pela inquisição. SP: Companhia das Letras, 1987.
- JR, Benjamin Abdala; ALEXANDRE, Isabel Org. Canudos -Palavra de Deus sonho da terra. São Paulo: Editora SENAC, 1997.
- LITERATURA DE CORDEL-ANTOLOGIA. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 1982.
- LITERATURA POPULAR EM VERSO. Antologia Tomo III Leandro Gomes de Barros-2 Ministério da Educação e Cultura, Fundação casa de Rui Barbosa, Universidade Federal da Paraíba, 1977.
- LARGUIA, Isabel e Dumoulin, John. Para uma ciência da libertação da mulher. Editora Global 1 Edição, 1982.

- LITERATURA POPULAR EM VERSO: Estudos/ Manuel Diegues Jr...Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; (Rio de Janeiro) : Fundação Casa de Rui Barbosa, 1986.
- LOPES, José Ribamar. Org. Literatura de Cordel, Antologia. 2 Edi. Fortaleza: BNB, 1983.
- LEITÃO, Cláudia. Por uma ética da estética- Uma reflexão acerca da “Ética Armorial” Nordestina. Universidade Estadual do Ceará Fundação Demócrito Rocha, 1997.
- MELO, K. S. S, Santos, F.P e Paz R.M-Relatório Final do Projeto de pesquisa Aprendendo com a Cultura Popular, PIBIC CNPq URCA (Mimeo), 1998.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio do conhecimento- Pesquisa qualitativa em saúde- 4 edição Hucitec-Abrasco São Paulo-Rio de Janeiro, 1996.
- MENDONÇA, Maristela Barbosa. Uma voz feminina no mundo do folheto. Editora Thesaurus, 1993.
- OSTROWER, Faiga. Criatividade e processo de criação. Petrópolis 13 edição: editora Vozes, 1999.
- OLIVEIRA, Francinete de. A representação da Mulher na Literatura de Cordel Dissertação de Mestrado Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul Porto Alegre, 1981.
- OLIVEIRA, José Erivan Bezerra de. A literatura de cordel no novo espaço urbano: Trajetórias, Rupturas e Inovações. Dissertação de Mestrado Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2001.
- O CORDEL Testemunha da História do Brasil- Antologia/Nova série. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1987.
- PINHEIRO, Irineu. Efemérides do Cariri. Imprensa Universitária do Ceará, 1963.
- PERROT, Michelle. Mulheres públicas. São Paulo: Editora UNESP, 1998.
- POERNER, José Arthur. Identidade Cultural na era da Globalização Política federal de cultura no Brasil. Editora Revan, 1997.
- QUINTELA, Vilma Mota. Literatura de cordel: ensaios. Dissertação de Mestrado. Unicamp, São Paulo: 1996.
- SLATER, Candance. A vida no barbante – Literatura de Cordel no Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984.
- SUASSUNA, Ariano. MOVIMENTO ARMORIAL. Mimeo.
- SOUZA, Liêdo Maranhão de. Classificação Popular da Literatura de Cordel. Editora Vozes, 1976.

SOUZA, Liêdo Maranhão de. O Mercado, sua Praça e a Cultura Popular no Nordeste. Prefeitura Municipal de Recife: Secretaria de Educação e Cultura, 1977.

SILVA, Alexandra Barbosa da. Entre a feira e a academia: a questão da legitimidade entre Cordelistas no Rio de Janeiro. Dissertação de mestrado apresentada ao programa de Pós graduação em Antropologia Social do Museu Nacional- UFRJ. Rio de Janeiro, 1997.

SESC Ceará ganha prêmio do IPHAN. Revista Fecomércio, Fortaleza, v.3, n. 28, p. 25, nov./dez. 2001

TERRA, Ruth B. Lemos. Memória de lutas: Literatura de folhetos do Nordeste (1893 1930). Ed. São Paulo: Tese n. 13 (Primeira Edição), 1993.

TOLEDO, Cecília. Mulheres o gênero nos une, a classe nos divide. Cadernos Marxistas Editora Xamã, São Paulo: 2001.

VELOSO, Mariza e MADEIRA, Angélica. Leituras brasileiras- Itinerários no Pensamento Social e na Literatura. Editora Paz e Terra, 1999.

VIEIRA, Sulamita. O sertão em movimento-a Dinâmica da Produção Cultural. São Paulo: Editora Annableme, 2000.

VALE, Israel do. A peleja da poesia popular contra a vida agreste. Palavra, Belo Horizonte, v. 1, n. 2, p. 62-70, abr. 2000

VALE, Israel do. Nova geração de poetas renova o cordel nordestino. Valor, Belo São Paulo, 10 maio. 2000. Cultura

VICELMO, Antonio. Academia dos Cordelistas do Crato comemora 10 anos. Diário do Nordeste, Fortaleza, 13 fev. 2001. Regional

VITORIANO, Mônica. Sescordel Novos Talentos. Jornal do Cariri, Juazeiro do Norte, 20 dez 2000. Cultura

KUNZE, Martine. Expedito Sebastião da Silva/poeta artesão de Juazeiro do Norte Cadernos do Ipescc 4 Edições Ipescc-Urca, 1997.

KUNZE, Martine. Expedito Sebastião da Silva. São Paulo: Biblioteca de cordel Hedra, 2000.

ZUMTHOR, Paul. A letra e a voz a Literatura Medieval. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

## **CORDÉIS CITADOS**

ARAÚJO, Maria Rosimar. Pe. Cícero R. Batista o cearense do século. 1ª edição 12 de maio de 20001.

ARAÚJO, Maria Rosimar. O Caldeirão do Beato José Lourenço.

- ARAÚJO, Maria Rosimar. Exaltação à Luiz Gonzaga.
- ARAÚJO, Maria Rosimar. Homenagem aos Romeiro.
- ACADEMIA DOS CORDELISTAS DO CRATO. Eloi Teles fez escola e sua luta continua. Novembro de 2000.
- BATISTA, Abraão. Engana-me, que eu gosto. 1 edição 20.09.2000 8 p.
- BATISTA, Abraão. Engana-me, que eu gosto. Volume II. 1ª edição 21.09.2000.
- BATISTA, Abraão. O significado da moda e a sabedoria da mulher através dos tempos, 1ª edição, Juazeiro do Norte, 1987.
- BATISTA, Abraão. Porque o eleitor vota em Carlos Cruz e Raimundo Macedo. 2ª edição, Juazeiro do Norte Ce.
- BATISTA, Abraão. 100 anos de cordel. Primeira edição. 07.05.2001
- BATISTA, Abraão. A incrível e fantástica briga contra o satanaz da inflação. 3ª edição.
- BATATA. Agora são outros 500- um passeio pela carniça. Sociedade dos Cordelistas Mauditos. 1ª de abril 2000.
- BATISTA, Hamurabi. Agora são outros 500- Os quinhentos anos que invadiram o Brasil. Sociedade dos Cordelistas Mauditos. 1ª de abril 2000.
- BATISTA, Esmeralda. O Sertão Pro Lampião. 7.7.1997
- BATISTA, Esmeralda. Pela Paz sem Comunismo.
- CALDAS, João Bandeira de. Conheça Juazeiro.
- COSTA, Fridna Moreira da. Homenagem ao romeiro. 1ª edição 03..02. 1999. Cordel vivo.
- CRUZ, Maria do Rosário Lustosa da. A escolha do cearense do século com a vitória do Padre Cícero Romão Batista. 1ª edição, 10 de julho 2001.
- CELESTINO, Antonio. Mungangas de um Kariri super undergroud. Sociedade dos Cordelistas Mauditos. 2000.
- FERRAZ, Hélio. Os dez mandamentos do bom cordelista. Sociedade dos Cordelistas Mauditos. Agosto de 2001.
- JOB, Sebastiana Gomes de Almeida. Forró bom é no sertão. Academia dos Cordelistas do Crato, Abril de 1994.
- JOB, Sebastiana Gomes de Almeida. Crato Cadê? Academia dos Cordelistas do Crato, dezembro 1992.
- JOB, Sebastiana Gomes de Almeida. O professor da URCA e o fundo de garantia. Academia dos Cordelistas do Crato, abril, 1996.
- JOB, Sebastiana Gomes de Almeida. O computador no cordel. Academia dos Cordelistas do Crato, outubro 2001.
- JOB, Sebastiana Gomes de Almeida. Só quem segura os caídos é Deus e o sutiã. Academia dos Cordelistas do Crato, outubro 2001.
- JOB, Sebastiana Gomes de Almeida. Dona flor e seus namorados. Academia dos Cordelistas do Crato, abril 1998.
- JOB, Sebastiana Gomes de Almeida. Prece de uma solteirona. Academia dos Cordelistas do Crato, março 1991.
- JOB, Sebastiana Gomes de Almeida. A sogra no folclore. Academia dos Cordelistas do Crato, abril 2001.
- JOB, Sebastiana Gomes de Almeida. Voto do matuto desiludido. Crato, fevereiro 1991.
- JOB, Sebastiana Gomes de Almeida. A saga do professor. Academia dos Cordelistas do Crato.
- JOB, Sebastiana Gomes de Almeida. Patativa do Assaré. Academia dos Cordelistas do Crato.
- JOB, Sebastiana Gomes de Almeida. O corno e a tipologia. Academia dos Cordelistas do Crato, abril 2000.
- JOB, Sebastiana Gomes de Almeida. Brasil 500-comemorar o que? Academia dos Cordelistas do Crato. Abril 2000.

- JOB, Sebastiana Gomes de Almeida. O povo sabe o que diz. Academia dos Cordelistas do Crato, abril 1993.
- LACERDA, Josenir Amorim de. Dona Chica. Academia dos Cordelistas do Crato. Novembro de 1995.
- LACERDA, Josenir Amorim de. O linguajar cearense. Academia dos Cordelistas do Crato. Maio de 2001.
- MUTUCA, Zé. Em defesa de Juazeiro. Sescordel Novos Talentos, 18.02.2000.
- NOBRE, Edianne. Dríade e a saga de eros ou o amor e outros males. Sociedade dos Cordelistas Mauditos. 2000.
- NOBRE, Edianne. Agora são outros 500 – Fatos reais. Sociedade dos Cordelistas Mauditos, 1ª de abril 2000.
- NETO, João Pedro C. Juazeiro Primitivo.
- NOGUEIRA, Fernandes. Agora são outros 500 – o veredicto. Sociedade dos Cordelistas Mauditos. 1ª de abril 2000.
- RODRIGUES, Abraão. A mulher e seu espaço na sociedade. 2ª edição, 19.04.1999.
- SILMAM, Wilson. Agora são outros 500 – A verdadeira estória do descobrimento do Brasil. Sociedade dos Cordelistas Mauditos, 1ª abril 2000.
- SILVA, José Esmeraldo da. Versos Brejeiros e trovas Acadêmicas. Academia dos Cordelistas do Crato, dezembro de 1994.
- SOUZA, Isaura de Melo. O jeito Bom do Namoro.
- SILVA, Salete Maria da. Agora são outros 500 Mentira tem perna curta. 1 edição abril de 2000. Sociedade dos Cordelistas
- SILVA, Salete Maria da. Cordelirando. 1 edição agosto de 2001. Sociedade dos Cordelistas Mauditos.
- SILVA, Salete Maria da. e ARAÚJO, Marluísio B. de. Habeas Bocas Companheira. 1999.
- SILVA, Salete Maria da. Mulher, Amor não rima com aids. 2000
- SILVA, Salete Maria da. O grito dos “maus” entendidos. Sociedade dos Cordelistas Mauditos. Maio de 2001.
- SILVA, Salete Maria da. Mulher-Consciência Nem violência nem opressão. 1997.
- SILVA, Salete Maria da. e Fanka. A história de Joca e Juarez. Sociedade dos Cordelistas Mauditos. Maio de 2001
- SILVA, Salete Maria da. Direito Fundamental em constante evolução! Maio de 2001.
- SILVA, Salete Maria da. O que é ser mulher? Março de 2001.
- SILVA, Salete Maria da. Cidadania Nome de Mulher. Setembro de 2001
- SILVA, Salete Maria da. Embalando meninas em tempo de violência. Junho de 2001
- SILVA, Salete Maria da. Mulher Cariri-Cariri-Mulher. 2000
- SANTOS, Antonio Domingos dos. Nascimento, vida e morte do Padre Cícero Romão Batista.
- SILVA, Gonçalo Ferreira da. Mestre Cascudo, fevereiro 1999.
- SANTOS, Josefa da. Padrim Cícero o cearense do século. Projeto SESCordel Novos Talentos, SESC Juazeiro do Norte Ce.
- TAVARES, Iris. LACERDA, Josenir. A Istôra da Cabôca Qui inganô o Santo.
- TORQUATO, Mundinha. Comparando e recordando, recordando e comparando. SESCordel Novos Talentos.
- TAVARES, Iris. LACERDA, Josenir. Privada Não seu Doutor!
- TAVARES, Iris. LACERDA, Josenir. A moça, o Cão e a Lambada.

**CORDÉIS CATALOGADOS NA PESQUISA**

**SEBASTIANA DE ALMEIDA GOMES JOB (BASTINHA)**

1. A MANCADA DA FUNCEME
2. AUTO-AVALIAÇÃO EM FORMA DE CORDEL
3. CORDEL DOS PÓS-GRADUADOS
4. O MATUTO QUE VIU UMA LAMBADA.
5. VOTO DO MATUTO DESILUDIDO
6. PRECE DE UMA SOLTEIRONA
7. PATATIVA DO ASSARÉ NA AULA DA SAUDADE
8. CRATO, CADÊ?
9. POVO SABE O QUE DIZ
10. O QUE VOCÊ DEVE SABER SOBRE HIGIENE
11. FORRÓ BOM É NO SERTÃO
12. 30 ANOS DE SERTÃO/PREITO A ELOI TELES DE MORAIS
13. O PROFESSOR DA URCA E O FUNDO DE GARANTIA
14. O QUE É FOLCORE? XXI Festival Folclórico do Cariri
15. O FILHO QUE LAVANTOU FALSO A MÃE
16. DONA FLOR E SEUS NAMORADOS
17. PELA CURA NATURAL
18. 50 ANOS DE MÚSICA/PREITO A PADRE ÁGIO MOREIRA
19. HOMENAGEM ÀS MÃES
20. BRASIL 500 – COMEMORAR O QUÊ
21. CORNO E A TIPOLOGIA
22. A SAGA DO PROFESSOR
23. ELOI TELES FEZ ESCOLA E SUA LUTA CONTINUA
24. TRIBUTOS À ZÉ ESMERALDO
25. A SOGRA NO FOLCLORE
26. O FRADE E A FREIRA OU LENDA DO AMOR PROIBIDO
27. O COMPUTADOR NO CORDEL
28. SÓ QUEM SEGURA OS CAÍDOS É DEUS E O SUTIÃ
29. ECOLOGIA E TURISMO.

Obs: Não foram encontrados: "Aquilo Roxo", e "Grito Ecológico" E "Cultura Popular" (coletânea), citados pela autora em entrevista.

### **JOSENIR AMORIM ALVES DE LACERDA**

1. A MOÇA O CÃO E A LAMBADA
2. O MENINO QUE NASCEU FALANDO
3. O CAÇADOR E A CAIPORA
4. A FÁBULA DO PERU/NUM RECADO À HUMANIDADE
5. DONA CHICA
6. A TRISTE SINA DE JOSÉ
7. DE VOLTA AO PASSADO
8. GENTE DA GENTE.
9. SIVIRINO E LUZIA
10. O VALOR DA DEVOÇÃO
11. AS "DANAÇÕES" DE JULITA
12. A ISTORA DA CABÔCA QUI INGANÔ O SANTO
13. PRIVADA NÃO, SEU DOUTOR!.
14. SABER DO POVO
15. O LINGUAJAR CEARENSE

### **SALETE MARIA DA SILVA**

1. MULHER CONSCIÊNCIA/NEM VIOLÊNCIA NEM OPRESSÃO
2. HABEAS BOCA COMPANHEIRA
3. MULHER CARIRI-CARIRI-MULHER
4. MULHER, AMOR NÃO RIMA COM AIDS
5. AGORA SÃO OUTROS 500/MENTIRA TEM PERNA CURTA
6. O QUE É SER MULHER
7. A HISTORIA DE JOCA E JUAREZ.
8. O GRITO DOS "MAU" ENTENDIDOS
9. DIREITO FUNDAMENTAL-*Em constante evolução*
10. EMBALANDO MENINAS EM TEMPO DE VIOLÊNCIA.
11. CORDELIRANDO
12. CIDADANIA- NOME DE MULHER

**MARIA ESMERALDA BATISTA**

1. O SER DE NÃO SER E A VERDADE
2. DEPUTADOS, TÃO BONZINHOS
3. A MENINA QUE VIROU BALÃO
4. O SERTÃO PRO LAMPIÃO
5. JESUS MEU AMOR
6. PELA PAZ SEM COMUNISMO

**MARIA ROSIMAR ARAÚJO**

1. EXALTAÇÃO A LUIZ GONZAGA
2. CENTO E UM ANOS DE CANUDOS
3. OS TRÊS MAIORES MOMENTOS DA HISTÓRIA DE JUAZEIRO/A CHEGADA DO PE. CÍCERO, O MILAGRE E A EMANCIPAÇÃO POLÍTICA.
4. O QUE É FOLCLORE
5. VALORIZE A EDUCAÇÃO
6. HOMENAGEM AOS ROMEIROS.
7. O CALDERÃO DO BEATO JOSÉ LOURENÇO
8. HOMENAGEM Á MULHER
9. PE. CÍCERO R. BATISTA O CEARENSE DO SÉCULO

**EDIANNE NOBRE**

1. AGORA SÃO OUTROS 500/FATOS REAIS.
2. DRÍADE E A SAGA DE EROS/OU O AMOR E OUTROS MALES
3. MORACA (MOVIMENTO RAÍZES DO CARIRI)
4. PELEJA DE DRÍADE E VIRGÍNIA NINFA DAS TREVAS.

**MARIA DOS SANTOS BATISTA**

1. DECLARAÇÃO A MÃE TERRA
2. FÉ, CORAGEM E CONFIANÇA EM DEUS

**SILVIA MATOS ROCHA**

1. 500 ANOS DE HISTÓRIA

**FRIDNA MOREIRA DA COSTA**

1. HOMENAGEM AO ROMEIRO

**MUNDINHA MACÊDO TORQUATO**

1. COMPARANDO E RECONDANDO/RECORDANDO E COMPARANDO/

**MARIA RIVANEIDE**

1. O HOMEM QUE DUVIDOU DE DEUS

**CAMILA ALENQUER**

1. AGORA SÃO OUTROS 500/A SAGA DE FULANA DE TAL

**EMANUELE ALENCAR**

1. AS PORTAS DA RECEPÇÃO
2. O GRITO DE UMA MAUDITA

**REGILENE STEFÁNI**

1. LAMA A VIDA É UM DRAMA
2. IMUNDO MUNDO

**MADALENA DE SOUZA FIGUEIREDO**

1. UMA HISTÓRIA VERDADEIRA/

**MARIA IRIS TAVARES FARIAS**

1. A MOÇA O CÃO E A LAMBADA
2. A ISTORA DA CABÔCA QUI INGANÔ O SANTO
3. PRIVADA NÃO, SEU DOUTOR

**LUIZA CAMPOS OLIVEIRA**

1. NOSSO BRASIL

**ANA DENISE**

1. CASÁ DE NAMORADOS

**MARIA ROSÁRIO**

1. RETRATO DE JUAZEIRO.
2. O CEARENSE DO SÉCULO

**ANILDA FIGUEIREDO**

- 1..DOENÇAS POPULARES
2. OS PATRONOS DAS RUAS DO CRATO

**FRANCISCA OLIVEIRA (MANA)**

1. VINGANÇA BEM BOLADA
2. NO TEMPO DE MINHA AVÓ.

**FRANCISCA PEREIRA DOS SANTOS (Fanka)**

1. A MULHER E O CANGAÇO
2. O ENCONTRO DO MEU PAI COM LAMPIÃO.
3. AGORA SÃO OUTROS 500- TUPY ORT NOT TUPY.

4. PADRE CÍCERO E A VAMPIRA..
5. JOCA E JUAREZ.
6. O VERBO PATATIVAR.
7. NO TEMPO DA CLARABÓIA.

**JOSEFA MARIA**

1. PADRIM CÍCERO O CEARENSE DO SÉCULO.

**ERICA MENEZES**

1. AS PEDRAS PRECIOSAS.

ANEXOS

**(Carta de Bastinha pedindo afastamento da Academia)**

**J. do Norte, 16 de Junho de 1997**

*Sr. Presidente,*

*Após a reunião da Academia dos Cordelistas do Crato ocorrida ontem, em sua residência, tomei a decisão de pedir minha dispensa da cadeira de n. 04 da referida Academia. Isto decorre de um dos iténs do estatuto desta conceituada agremiação que diz: é dever do cordelista residir na cidade do Crato.*

*Não querendo ir de encontro ao preceito da entidade e tampouco constranger o Sr. Presidente e demais membros a tomarem a iniciativa de minha saída, desde já, através desta comunicação, considerem-me exonerada da referida cadeira.*

*Sem mais para o momento faço votos para que sua administração, frente á academia, seja repleta de plenos êxitos*

*Atenciosamente,*

*Bastinha*